

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS
E SEGURANÇA INTERNA



José Corsino Mendes Semedo

Aspirante a Oficial de Polícia

Dissertação Final de Mestrado em Ciências Policiais

XXIII Curso de Formação de Oficiais de Polícia

**Delinquência Juvenil: O fenómeno “Thug”
na Cidade da Praia.**

Orientador:

Prof. Doutor Armando Marques Guedes

Lisboa e ISCPSI, 27 de Abril de 2011

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS
E SEGURANÇA INTERNA

José Corsino Mendes Semedo

Aspirante a Oficial de Polícia

Dissertação Final de Mestrado em Ciências Policiais

XXIII Curso de Formação de Oficiais de Polícia

Delinquência Juvenil: O fenómeno “Thug” na Cidade da Praia.

Orientador:

Prof. Doutor Armando Marques Guedes

Lisboa e ISCPSI, 27 de Abril de 2011



Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus filhos
Edson Semedo e Márcia Semedo,
aos meus pais *Corsino e Joana* e aos meus irmãos.

De uma forma especial à mulher que amo,
Maria Teresa pela compreensão,
amor carinho, paciência inesgotável
e por compreender as razões
da minha ausência nestes longos anos!

Agradecimentos

Agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para realização deste trabalho se tornasse realidade, dos quais destaco:

Em especial ao Professor Doutor, meu Orientador Armando Marques Guedes, pelas forças, apoios e disponibilidades para a realização deste trabalho.

Aos meus pais pelo esforço feito para a minha educação e dos meus irmãos.

Aos meus irmãos, especialmente José Emanuel Semedo que reside aqui, e que sempre mostrou disponível para me apoiar e dar força.

Ao XXIII CFOP que me acolheu como um filho e me trataram como irmão de sangue.

Aos meus caros colegas cabo-verdianos neste instituto pela paciência que tiveram de me suportar durante os anos que passamos ali vivendo unidos como família.

Aos Oficiais da Polícia Nacional de Cabo Verde, Subcomissário Bremen Cardoso e Domingos Rosa, que disponibilizaram para dar a entrevista que contribuiu para a realização deste trabalho.

Ao meu grande amigo e colega de luta, José Cabral, (Zeca), por fazer parte da minha família efectiva aqui em Portugal, durante o tempo que passamos juntos.

Ao Senhor Subcomissário Carlos Martins da Polícia de Segurança Pública (PSP) que se voluntariou para efectuar a correcção ortográfica desta tese.

Ao meu grande amigo/irmão Paulino Vieira e a família que me acolheram e me deram a total liberdade na casa deles.

Ao Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI) e ao Corpo Docente pelos esforços, tolerância, entusiasmo, paciência e coragem prestada ao longo desses cinco anos.

A todos os meus sinceros agradecimentos!

Siglas e abreviaturas

AAVV - Vários Autores

ACRIDES - Associação para as Crianças Desfavorecidas

CRCV- Constituição da República de Cabo Verde

Cfr. - Conferir

DOIP - Divisão de Operações e Informações Policiais da Polícia Nacional

EUA - Estados Unidos da América

INE - Instituto Nacional de Estatística

LTSE - Lei Titular Socio-Educativa

MPD - Movimento Para Democracia

PAICV - Partido Africano de Independência de Cabo Verde

PAIGV - Partido Africano de Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde

PCD - Partido de Convergência Democrática

PN - Polícia Nacional

PNCV - Polícia Nacional de Cabo Verde

PSD - Partido Social Democrática

PRD - Partido de Renovação Democrática

PTS - Partido Trabalhista Socialista

RGPH - Recenseamento Geral da População e Habitação

TCL -Thugs Casa Lata

UCID - União Caboverdiana Independente e Democrática

Resumo

O presente trabalho tem como tema a delinquência juvenil, mais concretamente o fenómeno “thug” na cidade da Praia, fenómeno este que está a alterar o bom funcionamento da sociedade cabo-verdiana. O fenómeno “thug” já alastrou para quase todas as zonas do subúrbio, deixando marcas inesquecíveis em muitas famílias.

Em termos metodológicos este trabalho é descritivo, baseado em consultas bibliográficas, entrevistas, notícias televisivas e o próprio conhecimento empírico acerca do fenómeno em causa.

Neste trabalho tentamos descrever o fenómeno “thug” na cidade da Praia, as causas que estão na origem do mesmo, *modus operandi* dos grupos de “thug”, as áreas de actuação e tentar explicar o fenómeno em si através de uma teoria sociológica.

Apresentamos ainda algumas medidas a adoptar no combate ao fenómeno.

Palavras-chave: “Thug”, delinquência juvenil, delinquente, prevenção, repressão.

Abstract

The present work has juvenile delinquency as its theme, more concretely the phenomenon “thug” in the city of the Praia, a phenomenon that could modify the functioning of the Cape Verdean society. The “thug” phenomenon already spread to almost all zones of the suburbs, leaving unforgettable marks in many families.

In methodological terms this work is descriptive, based in bibliographical consultations, televised interviews, news and my own empirical knowledge about the phenomenon in question. In this work we try to describe the “thug” phenomenon in the city of Praia, the basic extant similarities and differences, the *modus operandi* of groups of “thug” and the areas of action – trying to explain the phenomenon in itself through a sociological theory.

We also suggest some measures that we believe should be adopted in fighting the phenomenon.

Key-words: “Thug”, juvenile delinquency, delinquent, prevention, repression.

Índice

Dedicatória.....	I
Agradecimentos	II
Resumo	IV
Abstract.....	V
Introdução	1
Capítulo 1 – A República de Cabo Verde: Descrição do País.....	5
1.1. História de Cabo Verde	5
1.2. Organização Política.....	9
1.3. Situação Social	11
1.4. Distribuição da população residente por ilhas	11
1.5. Situação Económica	13
Capítulo 2 – Enquadramento Legal e Teórica da Delinquência Juvenil e Definição dos Conceitos Associados a mesma.	14
2.1. Enquadramento legal da delinquência juvenil.....	14
2.2. Enquadramento teórico da delinquência juvenil	15
2.3. O conceito de Menor	18
2.4. O conceito da Delinquência.....	19
2.5. O conceito de Delinquente	20
2.6. O conceito de Bando.....	21
2.7. O conceito de <i>Gang</i>	23
2.8. O conceito de Inimputabilidade.....	25
2.9. O conceito de Crime	26
Capítulo 3 – Delinquência juvenil	29
3.1. Descrição do fenómeno “Thug” na Cidade da Praia	30
3.1. Modus Operandi dos grupos de “thugs”	33
3.2. Áreas de actuação dos grupos já identificados na Cidade da Praia	35

3.3. Possíveis causas da delinquência juvenil (O fenómeno “Thug” na Cidade da Praia).....	38
3.3.1 . O processo da Socialização	38
3.3.2 . As famílias monoparentais	41
3.3.3 . Fluxo migratório interno	42
3.4. A actuação da Polícia Nacional de Cabo Verde perante os grupos de “Thugs.”	44
3.5. Relação Escola/Família/Comunidade em Cabo Verde.....	46
3.6.1. Conceito de família	47
3.6.2. Tipos de famílias	51
3.6.3. Relação escola/comunidade/ família disfuncional	52
3.6.4. Relação escola/comunidade/família funcional	53
3.6.5. Vantagens de uma relação próxima entre escola/família/comunidade	55
3.6.6. Desvantagens de uma relação próxima entre escola/família/comunidade.....	56
Conclusão	57
BIBLIOGRAFIA	60
ANEXOS:	66
Guião de entrevista à elementos da polícia Nacional da República de Cabo Verde.	66
Guião de entrevista à assistente social da Associação para as Crianças Desfavorável (ACRIDES).	67
Guião de entrevista a Director do Serviço de Reinserção Social do Ministério da Justiça de Cabo Verde.	68
Entrevista 1: Subcomissário da PN Bremem Cardoso	69
Entrevista 2: Subcomissário da PN Domingos Rosa	78
Entrevista 3: Subchefe da PN Roberto Lima	85
Entrevista 4: Agente/Sociólogo da PN, Arlindo Tavares	90

Entrevista 5: Assistente Social da associação ACRIDES, Juvelina Monteiro	95
Entrevista 6: Director dos Serviços de Reinserção Social, António Roliano	99
Relatórios do DIOP.....	102

Introdução

No nosso trabalho vamos falar sobre um fenómeno social bastante complexo, existente em todas as sociedades que é a delinquência juvenil, que é conotada com maior frequência nos centros urbanos, onde existe uma maior concentração da população. Cada dia que passa se constata na televisão, livros, jornais, revistas etc., notícias acerca da delinquência juvenil. Este problema de difícil explicação e combate, sempre existiu e agora nos dias de hoje é causa de desassossego de muitas sociedades. Este facto é universal, mais se diferencia, de país para país e de tempo para tempo.

O tema do nosso trabalho como já tínhamos referido é Delinquência juvenil, em Cabo Verde, mais concretamente na cidade da praia, que tem como título, **A Delinquência juvenil: O fenómeno “Thug” na Cidade da Praia.**

A escolha deste tema para trabalhar deve-se a preocupação que todos os cidadãos têm, as instituições do Estado essencialmente da polícia que tem como função, garantir a segurança interna¹ principal garantir o normal funcionamento e tranquilidade pública da sociedade.

Em Cabo Verde, assim como em todos os outros países existe a delinquência juvenil que um fenómeno notado com maior frequência nos grandes centros urbanos, onde existe uma maior concentração da população. A delinquência juvenil em Cabo Verde de uma forma geral e **O fenómeno “THUG” na cidade da Praia**, em particular, constitui neste momento uma das maiores preocupações da sociedade cabo-verdiana. Esse fenómeno está a tomar uma grande proporção, abrangendo desta forma uma grande extensão das zonas limítrofes da Cidade da Praia.

Actualmente o combate desse fenómeno é um dos maiores problemas da sociedade cabo-verdiana, por estar a pôr em causa a própria segurança das populações privando-os da sua liberdade devido ao enorme receio que as pessoas têm de sair à noite e de circular em certas zonas uma vez que podem ser assaltados pelos “thugs”. Está a ser muito difícil para a Polícia Nacional de Cabo Verde combater este fenómeno por falta de meios e formação de uma comissão de emergência bem como o défice de estudos/conhecimento no âmbito desse fenómeno para pôr cobro ao mesmo.

¹Cfr. Marques Silva, Germano, “*Ética Policial*”, ISCPSI, 2001, p.61.

Os grupos de “thugs” já existem em quase todas as zonas do subúrbio com maior densidade populacional da Cidade da Praia e são formados na sua maioria por adolescentes e jovens com idades compreendidos entre os doze e os vinte anos de idade.

Ao questionar qualquer pessoa que vive na Cidade da Praia, ou que passou por ela, sobre esta questão, esta mostra que esta insatisfeito, e/ou com receio desse fenómeno “THUG”, uma vez que esses grupos não têm medo dos seus actos e muito menos das consequências dos mesmos.

O fenómeno da delinquência juvenil em Cabo Verde é um problema que não é recente. A complexidade deste fenómeno deve-se ao facto de se tratar de jovens que serão homens de amanhã e responsáveis pelas sociedades onde estão inseridos, logo devemos ter maior cuidado com qualquer fenómeno de delinquência juvenil, tendo em conta que o mau tratamento desse fenómeno pode vir a piorar, trazendo efeitos ainda mais nefastos. De preferência, deve-se ter meios, técnicas e quadro de pessoal capacitado para estudar e arranjar meios de prevenção, saber ressocializar os jovens delinquentes para voltar a sociedade, uma vez que podem ser úteis no futuro.

Pelas razões acima descritas levantamos as seguintes hipóteses que vamos tentar dar resposta ao longo do nosso trabalho:

O fenómeno “Thug” na cidade da praia é de momento, o principal causador da insegurança para as populações citadina.

Será que PNCV está apetrechada de meios e técnicas para pôr término o fenómeno “Thug” na cidade da Praia.

O fenómeno “thug” não é o principal causa da insegurança na Cidade da Praia.

O nosso trabalho de investigação está estruturado e desenvolvido em quatro (4) capítulos No primeiro capítulo – A República de Cabo Verde: Descrição do País - com intuito de dar a conhecer um pouco da realidade cabo-verdiana, irá fazer um Breve resumo histórico; Contextualização sociopolítica e demográfica.

No segundo capítulo – Enquadramento Legal e Teórica da Delinquência Juvenil e Definição dos Conceitos Associados a mesma – faremos o Enquadramento Teórico/Legal da delinquência juvenil, definiremos os seguintes conceitos: Menor, Inimputabilidade, Crime, Ilícitude, Gang, Bando, Delinquente, Delinquência.

No terceiro capítulo – Delinquência Juvenil: O fenómeno Thug na Cidade da Praia. Aqui neste capítulo vamos fazer a descrição do fenómeno “Thug” na Cidade da Praia, possíveis causas da delinquência juvenil (fenómeno “thug” na Cidade da Praia),

consequência sociais e penais dos seus actos, actuação policial perante os grupos de Thugs na Cidade da Praia; os problemas que enfrentam nas actuações com os mesmos mais também possível Soluções para combater esse fenómeno da delinquência juvenil.

E por último no quarto Capítulo – Conclusão do nosso trabalho – onde vamos apresentaremos as nossas ilações.

Metodologia adoptada

Para a realização do nosso trabalho iremos desenvolver um estudo descritivo acerca do fenómeno delinquência juvenil, (o fenómeno “Thug” na Cidade da Praia), utilizando a Consulta bibliográfica e a Técnica de Entrevista para a obtenção de informações.

O método usado nas entrevistas será não presencial. Vamos fazer as entrevistas a um universo constituído por dois Oficiais, um subchefes e agentes e/ sociólogo da Polícia Nacional de Cabo Verde, um assistente social da Associação ACRIDES (Associação para as Crianças Desfavorecidas) e Senhor Director do Serviço de Reinserção Social do Ministério da Justiça de Cabo Verde.

Capítulo 1 – A República de Cabo Verde: Descrição do País

1.1. História de Cabo Verde

O objectivo deste capítulo é fazer uma pequena abordagem descritiva sobre Cabo Verde, com o intuito de dar a conhecer sumariamente parte da nossa história, uma vez que foi um país relativamente importante aquando das descobertas feitas por Portugal e desempenhou um papel facilitador no tráfico de negreiro, que era designada de comércio triangular nessa época contudo, Cabo Verde ainda hoje não é muito conhecido, uma vez que no tempo actual ainda encontramos mapas, onde Cabo Verde simplesmente não consta.

O arquipélago de Cabo Verde foi descoberto na época da expansão marítima pelos portugueses no ano de 1460, pelos navegadores genoveses², António de Noli e Diogo Gomes. Mas há quem diga que os portugueses não foram os primeiros a chegar a Cabo Verde, que os povos Árabes já teriam estado nas ilhas à procura do sal que, na época, era considerado uma valiosa especiaria³. Embora contudo não **existam** documentos que comprovem essa tese.

A República de Cabo Verde é constituída por dez ilhas e oito ilhéus, sendo nove habitadas, e está localizada a cerca de 450 km da costa ocidental africana, ao largo do Senegal, Gâmbia e Mauritânia, entre as latitudes 14° 23' e 17° 12' Norte e longitudes 22° 40' e 25° 22' Oeste⁴. Também é de referir que Cabo Verde está aproximadamente a 2.890 km de Portugal⁵.

As ilhas se encontram divididas em dois grupos, definidos pela sua posição em relação aos ventos predominantes: de Barlavento onde estão as ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Boavista, ilha de Santa Luzia (esta desabitada) e os Ilhéus Branco e Raso, do Sotavento do qual fazem parte as ilhas do Maio, Santiago, Fogo e Brava e os Ilhéus Seco e Raso.

A primeira ilha a ser descoberta no dia 14 de Maio de 1460 foi a ilha da Boavista, cujo nome foi dado pelos portugueses em consequência do longo tempo que

²Cfr. Referências cronológicas: Cabo Verde/Caboverdianos Americanos, [consultado em 05/04/2011], Disponível em <http://www1.umassd.edu/SpecialPrograms/caboverde/cvchronp.htm>.

³Cfr. O reverso: [consultado em 15/11/2011], Disponível em <http://movimentoreverso.blogspot.com/2008/02/histria-de-cabo-verde.html>

⁴Cfr. Cabo Verde em ficha, [Consultado em 05/11/2010], Disponível em <http://www.angelfire.com/ky/Tavares/caboverde.htm>.

⁵Cfr. PUC – Rio, Certificação dígita nº 0510666/CA, “Panorama histórico, político e sócio-econômico de Cabo Verde, [consultado em 12/12/2010], disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510666_07_cap_02.pdf

permaneceram no oceano, sem avistar nem aludir nenhuma terra. Em seguida, alcançaram as outras ínsuas, cujos nomes dados são de santos por causa da coincidência correspondente aos dias de atracagem. Dessa forma, deram o nome de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau e Santiago. A ilha do Sal foi assim designada devido à existência de grandes quantidades de salinas; a ilha do Maio devido ao mês em que ali chegaram; a ilha do Fogo por ter um vulcão que se supõe que **estava** em actividade no momento em que ali chegaram; a ilha da Brava foi assim nomeada por causa do seu aspecto que era um tanto quanto adverso.

Todas as ilhas são de origem vulcânica e apresentam identidades geofísicas diversas, dividindo-se em dois grupos distintos em termos da topografia que são, as montanhosas, caracterizadas por vales profundos que ocorrem entre elevações rochosas; e as planas que se diferenciam pelas extensas praias de areia fina, que encontramos nas ilhas do Maio, Sal e Boavista.

O ponto mais alto do arquipélago encontra-se na Ilha do Fogo – o Vulcão do Pico, com 2.829m, em Santo Antão –, o Topo da Coroa com 1.979m e em Santiago – onde o Pico da Antónia mede 1.392m –, e Serra Malagueta, com 1.373m⁶.

Localizado na região do Sahel⁷, o arquipélago possui um clima tropical seco, sendo as temperaturas amenas e relativamente uniforme durante todo o ano, com uma amplitude média mensal que varia entre o 20º e 26º graus. Quanto às estações do ano, o arquipélago de Cabo Verde apresenta dois: uma mais húmida e quente, entre os meses de Maio e Outubro e a outra estação mais seca e fresca, por causa das brisas que se fazem sentir, nos restantes meses.

A Zona Económica Exclusiva (ZEE) de Cabo Verde estende-se por mais de 730.000 km², sendo caracterizada por grandes profundidades e elevados picos submarinos, com plataforma continental reduzida.

As dez ilhas e oito ilhéus que compõem o arquipélago de Cabo Verde totalizam uma superfície de 4.033 km²⁸ e uma população aproximadamente de 491.575⁹. Este último número aumenta se tivermos em conta os cabo-verdianos que estão espalhados

⁶Cfr. Cabo Verde em ficha, [consultado em 05 /04/2011], Disponível em <http://www.angelfire.com/ky/Tavares/caboverde.htm>.

⁷Cfr. Sahel, é a região da África situada entre o deserto do Sahara e as terras mais férteis a sul, [consultado em 05/04/2011], Disponível em <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080903151333AA0jgNI>.

⁸Cfr. Fonte: Dados do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, Resultado Preliminares do Recenseamento Geral da População e Habitação, 2010

⁹⁹⁹ *Ibidem*

pelo mundo. É de referir que a parte da população que se encontra na diáspora está fixada em maior número, na Europa (Portugal, França, Holanda, Suíça) e no continente americano mais concretamente nos Estados Unidos da América.

Também é digno de referir que Cabo Verde é um país de emigrantes desde cedo, tudo por causa da pobreza e escassez de chuva que prejudica o cultivo e agricultura. A nível de recursos naturais, Cabo Verde não tem quase nada, (pelo até este momento não foi descoberto nada digno de nota) sendo que a única riqueza que possui, traduzem-se nas montanhas, nos vales e no mar que dizem ser rico, mas entretanto há falta de recursos, estratégias e tecnologias adequadas para os explorar.

Portugal atribuiu grande importância ao arquipélago de Cabo Verde na época da expansão marítima por causa da sua localização geográfica privilegiada, o que fez com que o tornasse, naquela época, um ponto estratégico de paragem quase obrigatória não só para o reabastecimento de alimentos e água, mas também como entreposto comercial do comércio triangular. Servia também para os tripulantes dos navios descansarem em terra firme, enquanto os barcos eram abastecidos para depois seguirem os seus destinos.

O povoamento do arquipélago do Cabo Verde começou dois anos depois do seu descobrimento e não foi nada fácil, uma vez que não havia recursos naturais, mas também o próprio distanciamento entre Cabo Verde e Portugal dificultava a comunicação com os familiares na metrópole (Portugal). Por outro lado o clima não era propício para agricultura, por falta de chuva, e o calor que se fazia todo ano era completamente diferente do clima de Portugal. Por isso, Cabo Verde foi povoado quase completamente por escravos vindos da África (Jalofos, Bambaras, Lebus, Tucurores, Fulas, Mandingas, Balanta, Bijagós), franceses, portugueses, por aventureiros genoveses e flamengos e por alguns judeus.

Portugal também começou a mandar para Cabo Verde os cidadãos que eram delinquentes, criminosos e também os senhores que se mostravam descontentes com o regime da época, como uma medida de pena. Tendo também atribuído privilégios aos cidadãos que queriam ir da sua livre espontânea vontade para o povoamento de Cabo Verde como por exemplo, no ano de 1466 deu alguns privilégios¹⁰ os colonos como o de receberem autorização para negociarem escravos (no ano 1469 a coroa portuguesa concedeu o primeiro contrato de cedência para compra e venda de escravos pelos moradores); em 1472 através do decreto real, foi concedido aos moradores fixo na Ilha

¹⁰Cfr. Referências cronológicas: Cabo Verde/Caboverdianos Americanos, [consultado em 12/01/2009], disponível em <http://www1.umassd.edu/SpecialPrograms/caboverde/cvchronp.htm>.

de Santiago o privilégio de terem escravos, homens e mulheres trabalhando no campo e em serviços domésticos, permitindo-lhes uma vida melhor. Os colonos tiveram também o privilégio de poder de comercializar em toda a África Ocidental, com excepção de Arguim, que se situa na costa da Mauritânia, com restrição de doar 25% de todas as importações provenientes da Costa e a proibição de vendas de armas, navios e equipamentos navais aos africanos.

Os escravos eram capturados e levados à força para o arquipélago de Cabo Verde, de onde seguiam mais tarde para trabalhos forçados nas plantações de cana-de-açúcar, café e algodão no Brasil e nas Antilhas.

Muito dos colonos portugueses levados para Cabo Verde foram expulsos de Portugal sem a sua família, e quando chegaram à Cabo Verde logo começaram a acomodar-se ou a relacionarem-se com escravas, contribuindo assim para aumentar a população, dando origem a um novo grupo diferenciado pela cor da pele, os mulatos.

Em Cabo Verde foi erguida a primeira Cidade, designada por Cidade da Ribeira Grande construída pelos europeus nas colónias, tendo permanecido activa por um século, sendo e depois foi transferida para a Cidade da Praia em 1652, num lugar estratégico militarmente mais seguro, actualmente capital de Cabo Verde.

O Arquipélago de Cabo Verde esteve sob custódia de Portugal durante um período de cinco séculos. Por volta de 1950 começou o processo de luta pela libertação nacional, que mais tarde findou com o aparecimento de novos Estados africanos. O movimento para libertação aconteceu em todas as colónias portuguesas, mas em Cabo Verde nunca houve luta. Os Cabo-verdianos lutaram fora de Cabo Verde juntamente com os seus camaradas na Guiné-Bissau e Angola, com um objectivo comum, reivindicar a independência política, cultural, social e a liberdade de expressão.

O movimento dessa libertação teve o seu início mesmo em Portugal¹¹, com cinco estudantes de nacionalidade cabo-verdiana e guineense, liderados por Amílcar Cabral. Esses estudantes começaram a reunir-se em Lisboa com o objectivo de libertar os seus países das mãos dos governantes portugueses. Dessas reuniões fundaram o Partido Africano de Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) no ano de 1956, com objectivo principal de reivindicar a independência, a autodeterminação e a unir os dois países nessa luta e argumento com que sustentavam essa unidade era o facto,

¹¹ Cfr. PUC – Rio, Certificação digita nº 0510666/CA, “Panorama histórico, político e sócio-económico de Cabo Verde, [consultado em 12/12/2010], disponível em http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510666_07_cap_02.pdf.

daqueles países terem estado historicamente sempre ligados, desde os Descobrimento, pelos seguintes factores: dependiam da mesma administração pertencente a Portugal, pela experiência da complexidade económica e por os fundadores do partido (PAIGC) serem de origem cabo-verdiana e guineense.

O PAIGC conseguiu atingir com êxito os seus objectivos alcançando, deste modo a liberdade em Julho de 1975 e a união dos dois povos, tornando-os soberanos, após uma década de luta nas selvas da Guiné-Bissau.

A união dos dois povos permaneceu pouco tempo, uma vez que acabou por desmoronar em 1981, aquando do golpe de Estado na Guiné-Bissau, o que levou a separação do PAIGC em dois: PAIGC e PAICV (Partido Africano de Independência de Cabo Verde).

1.2. Organização Política

Para retratar a política em Cabo Verde devemos retroceder um pouco no tempo e contar um pouco da sua história, em que os seus combatentes da nossa nação tiveram que lutar juntamente com outros compatriotas africanos da Guiné-Bissau e de Angola, enfrentando os portugueses, com o intuito de conseguir obter a sua própria nacionalidade Cabo-verdiana.

Cabo Verde conseguiu atingir a liberdade em 5 de Julho de 1975¹², sendo formado o partido PAIGC.

Foi com o PAIGC que Cabo Verde conseguiu atingir a liberdade, liderado pelo homem que é considerado pelo Amílcar Cabral pai da nação Cabo-verdiana e Guineense.

O PAICV, depois da referida cisão, teve durante quinze anos a governar, Aristides Pereira como Presidente da República e como Primeiro-Ministro Pedro Pires que é actualmente o Presidente da República de Cabo Verde.

Este partido, que libertou Cabo Verde e Guiné-Bissau, governou Cabo Verde durante 15 anos, começando em 1975 até o ano 1981.

Durante esses 15 anos, o partido governou Cabo Verde (I República) sob o signo de monopartidarismo com tendência socialista. Portanto, a lei negava existência de qualquer outro partido que pudesse ser criado.

¹² Ver AAVV, Dicionário enciclopédico da língua portuguesa, selecções do Reader's Digest, Publicações Alfa, 1992

O PAICV tinha forças de segurança que impediam qualquer cidadão que mostrasse vontade de contestar o partido, usando da força coerciva contra os cidadãos que se mostrassem descontentes ou que tentasse contra o regime. Embora a lei proibisse a existência de novos partidos, sempre existiu grupos partidários que tentavam de forma discreta demonstrar o descontentamento para não sofrerem represálias.

Os objectivos principais do PAICV eram desenvolver o país ao nível da saúde, educação e infra-estruturas.

Em 1990 deu-se em Cabo Verde, uma reviravolta a nível político, com a abertura da democracia, suprimindo-se o artigo 4º da antiga Constituição fazendo com que aparecessem novos partidos políticos como o Movimento Para Democracia, (MPD), o qual veio a ganhar as primeiras eleições legislativas com maioria absoluta, a 13 de Janeiro de 1991 tendo como rosto o Dr. Carlos Veiga apoiado pela maioria dos Cabo-verdianos, que residiam no país bem como os que estavam na diáspora.

Depois do triunfo do MPD, claramente a instala-se a democracia em Cabo Verde, com conquistas de muitos direitos que antes estavam vedados à sociedade cabo-verdiana como a liberdade de expressão, o direito à manifestação, o direito a greve e o direito de liberdade de associação¹³.

Com a mudança do Governo surgiram muitos partidos políticos como por exemplo o Partido Social Democrática, (PSD), o Partido de Convergência Democrática (PCD), o Partido de Renovação Democrática (PRD), e a União Caboverdiana Independente e Democrática (UCID), que se formou desde a década de 70, mas que até então permanecera sempre na diáspora.

Esse novo regime liderado por Carlos Veiga como Primeiro-Ministro, António Mascarenhas, Presidente da República, dera uma nova direcção à economia cabo-verdiana abrindo-a ao mundo dos investidores estrangeiros.

A governação do MPD durou dez anos (dois mandatos), terminando em 2001, derrotado pelo então partido da oposição PAICV.

A derrota do MPD foi semelhante ao que tinha acontecido com o PAICV em 1991 liderado por José Maria das Neves, actual Primeiro-ministro, o PAICV ganhou a eleição as eleições de 2001 com a maioria absoluta, estando representado com 42 num universo de 72 deputados que compõe o Parlamento cabo-verdiano.

¹³Cfr. Os artigos 15º, 18º, 47º, 52º, 64º, 66º da Constituição de 1992 da República de Cabo Verde

Na eleição presidencial que aconteceu no mesmo ano saiu vitorioso o candidato do partido que se encontrava no poder, Pedro Pires, antigo Primeiro-Ministro da primeira República.

Após o primeiro mandato de 5 anos, o PAICV voltou a ganhar a eleições em Janeiro de 2006, novamente liderado pelo Primeiro-Ministro José Maria das Neves, com a maioria absoluta no Parlamento, sendo também reeleito o candidato Pedro Pires apoiado pelo Primeiro-Ministro José Maria das Neves.

Decorreu novamente a eleição legislativa em que concorreram os seguintes partidos, PAICV, MPD, UCID, PTS e PSD, tendo o PAICV vitorioso mais uma vez com maioria absoluta o PAICV. Começando assim o terceiro mandato consecutivo.

1.3. Situação Social

Relativamente à situação social pode dizer Cabo Verde é um país que apresenta como duas suas características sociais a pobreza e a maioria da população pertencer à classe jovem. O arquipélago de Cabo Verde não possui recursos naturais. Antigamente e ainda agora dá-se muita importância à prática da agricultura cujo proveitos não chegam para a subsistência da população em geral. Contudo, cada dia que passa os nossos agricultores acredite cada vez menos na prática da agricultura uma vez que com a construção da barragem de Poilão já se vislumbra alguma melhoria. Há ainda projectos para construção de novas barragens para aproveitar as águas das precipitações facilitando a prática desse sector. Cabo Verde tem escassez de precipitação, o que torna ainda mais difícil a prática da agricultura. Os géneros alimentícios que se encontram nos supermercados, provêm dos outros países da Europa, na sua maioria de Portugal. No pequeno arquipélago de Cabo Verde, não há condições ou meios para empregar toda a mãos-de-obra ali existente onde a grande parte dela.

1.4. Distribuição da população residente por ilhas

Quanto a distribuição da população por género¹⁴, depara-se com 50,5% são do sexo masculino e 49,5% do sexo feminino.

Em Cabo Verde mais de metade da população vive na ilha de Santiago e na Cidade da Praia. Só na ilha de Santiago está 273.919 pessoas, correspondente a 55,7%

¹⁴ Cfr. Fonte: Dados do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, Resultado Preliminares do Recenseamento Geral da População e Habitação, 2010.

da população, e também á cerca de 62% da população da Ilha do Santiago vive no meio urbano e 38% no meio rural.

A população Cabo-verdiana é constituída por 70% de mestiços e uma pequena minoria é oriundo da Europa e de África.

Nessa última década, tivemos em Cabo Verde um aumento da população de 1,2% por ano, o que contribuiu para aumento do tamanho dos agregados familiares para 3,9 pessoas. De entre todas as ilhas do Arquipélago, Boavista é a única que teve um aumento de cerca de 100% da população, passando de 4.209 para, neste momento, 9.000 habitantes.

A população cabo-verdiana é marcadamente jovem, tendo mais de 50% da população com idades abaixo dos 22 anos, sendo a idade média de 26,8 anos.

O estudo estatístico em 2010 demonstra que, de acordo com o grupo etário, cerca 31% (1/3) da população tem menos de 15 anos de idade, 61,9% tem idade compreendida entre os 15 e os 65 anos e a população com acima de 65 anos corresponde apenas a 6,4%.

No ano em que Cabo Verde alcançou a independência, a esperança de vida rondava os 63, anos mas actualmente ronda os 69 anos para os homens e os 71 anos para as mulheres.

Quadro 1: Distribuição da população residente por ilha, 2010

<i>Ilha</i>	<i>Efectivo</i>	<i>%</i>
<i>Santo Antão</i>	43.915	8,9
<i>S. Vicente</i>	76.107	15,5
<i>S. Nicolau</i>	12.817	2,6
<i>Sal</i>	25.567	5,2
<i>Boa Vista</i>	6.952	1,4
<i>Santiago</i>	273.919	55,7
<i>Fogo</i>	37.051	7,5
<i>Brava</i>	5.995	1,2
<i>Total</i>	491.575	100

Fonte: dados do INE de Cabo Verde, RGPH, 2010

1.5. Situação Económica

A República de Cabo Verde é um país com enorme potencial económico devido à sua situação geográfica no meio do oceano Atlântico, entre os três continentes, América, África e Europa.

As ajudas externas internacionais, têm sido bastante importante para o desenvolvimento de Cabo Verde, possibilitando o país de ultrapassar as suas dificuldades económicas. Da mesma forma as remessas dos imigrantes tem tido sempre uma importância fundamental para suportar as fragilidades na economia cabo-verdiana.

A economia da República de Cabo Verde advém principalmente, dos recursos marinhos, do turismo e da agricultura. O turismo é um dos principais factores do desenvolvimento do país.

As ilhas de Cabo Verde possuem praias com águas cristalinas e areias de diversas cores, consoante as ilhas. Neste exacto momento, os países que mais exploram o sector do turismo em Cabo Verde são Portugal e Itália.

Cabo Verde desfruta do clima tropical, de moderado a seco, com temperatura média anual de 24 graus centígrados, praias lindas, montanhas e vales, propício para prática de desporto e lazer.

Agora com mais aeroportos internacionais, em Santiago, em Boa Vista, em S. Vicente e no Sal, temos ainda mais possibilidades de desenvolver o turismo que é uma das principais fontes de receita para Cabo Verde.

Por outro lado, a prática da agricultura vem perdendo interesse por parte dos mais novos, que já não se mostra interessado nesse sector.

Capítulo 2 – Enquadramento Legal e Teórica da Delinquência Juvenil e Definição dos Conceitos Associados a mesma.

Neste capítulo temos como objectivo fulcral fazer o Enquadramento Legal/Teórico da Delinquência Juvenil, e tentar definir alguns conceitos que achamos importantes e que estão intimamente relacionados com o fenómeno de delinquência juvenil, e que também nos ajuda a compreendê-lo, tendo em conta a sua complexidade.

Esse fenómeno pode perturbar o normal funcionamento de uma sociedade, tornando-a num ambiente de insegurança/medo.

2.1. Enquadramento legal da delinquência juvenil

A delinquência juvenil é um fenómeno que apresenta características peculiares, uma vez que os autores dos delitos são muita das vezes menores de idade. A matéria relativa a factos qualificados como crime praticados por menor é regulada pela Constituição da República de Cabo Verde (CRCV) e pela Lei Tutelar Sócio-Educativa (LTSE) - Decreto-Legislativo nº2/2006, de 27 de Novembro.

A CRCV é bem clara quanto aos menores que cometem factos qualificados pela lei penal como crime, e dá muita importância aos direitos do menor e jovem em causa¹⁵.

Cabo Verde, por força do artigo 12º da sua Constituição, fica vinculado às leis internacionais que defendem os direitos das crianças e jovens.

Nenhum menor pode ser punido perante a lei penal cabo-verdiana. Mas, de acordo com a CRCV, no seu artigo 30º, nº3, alínea e), qualquer menor com a idade compreendida entre 12 e 16 anos que cometer factos ilícitos qualificado como crime está sujeito a medidas tutelares sócio-educativa decretadas por decisão judicial. Isto é, todos os menores que já tenham completado doze anos e que ainda não atingiram os dezasseis anos de idade, e que são agentes de condutas que a lei qualifica como crime, estão sujeitos às medidas tutelares sócio-educativa de acordo com o Decreto Legislativo nº2/2006, de 27 de Novembro.

A intervenção tutelar educativa não tem como objectivo punir o menor pelos seus actos, mas sim, fazer com que este reconheça as normas mínimas da convivência social e educa-lo para o Direito.

¹⁵Cfr. Os Artigo nº74 (Direitos das crianças), 75º (Direitos dos jovens), 82º (Direitos da família) 89º (Paternidade e maternidade) e 90º (Infância) da CRCV.

A LTSE é aplicada por força do artigo 30º, nº3, alínea e) da CRCV, dando continuidade ao esforço de reeducação e socialização dos menores, uma vez que a estes falta a maturidade da personalidade.

A LTSE apresenta um conjunto de medidas tutelares sócio-educativas, consoante a gravidade dos actos perpetrados pelo menor que são¹⁶: a admoestação; a reparação ao ofendido; a realização de tarefas a favor da comunidade; a imposição de obrigações; a imposição de regras de conduta e de obrigações; e o internamento em centro sócio-educativo.

Essa reeducação do menor é uma tarefa que não cabe somente ao Estado e o centro onde o menor se encontra, mas também a toda a comunidade. Depende, principalmente, da colaboração do menor e da família onde este se encontra inserido, pois, caso contrário, não terá o efeito pretendido. Na maior parte dos casos deveria haver um acompanhamento do menor juntamente com a respectiva família, pois esta pode ser uma das causas que esteve na origem do comportamento desviante do menor.

Compete ao Tribunal de Família e Menores da residência habitual do menor, por intermédio do juiz, a aplicação de medidas tutelares sócio-educativas¹⁷. Esta competência cessa com a aplicação de pena de prisão efectiva em processo penal ou quando o menor completar dezoito anos antes da data da decisão em primeira instância¹⁸.

Nos casos em que o autor do ilícito for maior que 16 anos já se aplica a lei penal cabo-verdiana.

2.2. Enquadramento teórico da delinquência juvenil

A origem deste tipo de comportamento pode ser explicada por um panóplia de teorias, mas recorreremos à teoria sociológica, uma vez que esta conduta faz parte dos fenómenos sociais, cuja resposta está directamente ligada a determinadas tensões ou pressões sociais.

Nós escolhemos a Teoria da Subcultura Delinquente, que já foi objecto de estudo por parte de vários autores, nomeadamente Walter B. Miller, Cloward e Ohlin, Albert Cohen, entre outros¹⁹.

¹⁶Cfr. Artigo nº4 do Decreto-Legislativo nº2/2006 de 27 de Novembro.

¹⁷Idem

¹⁸Ibidem¹⁸

¹⁹Cfr. Revista de Ciências Jurídicas, Vol 6, No 1 (2008)[consultado em 05/01/2011], disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevCiencJurid/article/view/8993/5030>.

De entre os autores supra referenciados, decidimos optar pela teoria desenvolvida por Albert Cohen, tendo em conta que esta nos parece explicar a maior parte das práticas dos actos ilícitos criminais relacionados com a delinquência juvenil em Cabo Verde, mas concretamente na Cidade da Praia. Este autor defende que “o crime resulta da identificação dos jovens do sexo masculino, da classe trabalhadora com os valores e as regras de conduta emergentes da subcultura delinquente²⁰” identificando como factores sociais relevantes para este deste tipo de comportamento a estrutura familiar e a escola. De acordo com Albert Cohen, este tipo de conduta constitui uma reacção a tensões e pressões externas, causadas pela falta de oportunidades económicas e sociais, não sendo por isso uma característica interna, (individual) originando assim condutas más, negativistas e não utilitárias.

Segundo Albert Cohen, a delinquência juvenil é uma prática desviante de “jovens do género masculino provenientes de classes sociais mais baixas²¹. Estas práticas são consequências da falta de meios e oportunidades para serem bem sucedidos na vida, bem como, a maneira de socialização a que foram ou que estão sujeitos. Ainda no que diz respeito à socialização, convém referir que o seio familiar e a escola desempenham um papel decisivo na identidade futura do indivíduo.

A família, enquanto agente de socialização primordial na educação de crianças e jovens, transmite “valores sociais, éticos e culturais²²” que são fundamentais para que estes possam adquirir as competências necessárias para prosseguirem sozinhos num espaço cultural mais amplo.

Em relação à escola, enquanto espaço privilegiado para a educação e socialização dos jovens, esta deve ter sempre em conta as características individuais, a sua origem sociocultural dos educandos.

Contudo, é na escola que os jovens da classe baixa sentem o primeiro sofrimento/impacto negativo, em virtude da socialização familiar deficiente a que estão sujeitos. Importa referir que esses jovens tendem a reproduzir os comportamentos dos pais, que não se adequam às exigências estabelecidas pela escola. Enquanto os jovens da classe média ou alta prosseguem o processo de socialização de forma positiva,

²⁰Cfr. ANDRADE, Manuel Costa; DIAS, Jorge de Figueiredo – *Criminologia: O Homem Delinquente e a Sociedade Criminógena*. Coimbra: Coimbra editora, 1992, p.293.

²¹*Idem*, p.293.

²²*Ibidem*

oriundo da família, os jovens da classe trabalhadora ou classe mais pobres são alvo de uma “desaculturação da socialização familiar²³”.

Face ao que foi dito anteriormente, podemos constatar que os jovens da classe trabalhadora se encontram em desigualdade de circunstâncias em relação aos outros jovens de classe média ou alta. Como consequência, surge um “sentimento de frustração, angústia, humilhação ou de culpa²⁴” nos jovens, pois eles ao sentirem-se derrotados/desesperados, podem assim ficar condenados ao abandono ou insucesso escolar precoce.

Neste sentido, esta problemática implica uma escolha por parte dos jovens. Sendo assim, podem optar por seguir as regras vigentes da cultura dominante, sendo esta a opção mais penosa para alcançarem o sucesso, ou então estabelecem as suas próprias regras, com o intuito de se poderem realizar satisfatoriamente (alcançarem o sucesso). Ao estabelecerem as suas próprias regras, constituem-se igualmente em grupos, mais concretamente em bandos/gangs juvenis, para que possam de uma forma mais rápida alcançar o status social pretendido.

Pode-se então dizer que esta interacção e partilha de valores entre os jovens dá origem a uma subcultura delinquente, em virtude dos comportamentos serem socialmente reprováveis ou até mesmo criminosos. Estamos assim perante o surgimento da delinquência juvenil praticada por bandos/gangs juvenis.

Com estas condutas, os jovens delinquentes simplesmente pretendem combater a exclusão social de que se sentem alvo.

Desta forma, para Albert Cohen, a delinquência juvenil não resulta da “desorganização social ou da falta ou vazio normativo, mas sim de uma organização social distinta, de um conjunto de códigos de valores próprios ou ambivalentes em relação aos da sociedade dominante²⁵”.

²³ ANDRADE, Manuel Costa; DIAS, Jorge de Figueiredo – *Criminologia: O Homem Delinquente e a Sociedade Criminógena*. Coimbra: Coimbra editora, 1992, p.296.

²⁴ *Idem*

²⁵ CFR. São Paulo, Rede de ensino Luiz Flávio Gomes - *Lições de Criminologia: Modelos Sociológicos* [Consultado em 03/01/2011], Disponível em http://www.lfg.com.br/public_html/article.php?Story=20080423161025478&mode=print,

2.3. O conceito de Menor

Este conceito não é fácil de definir, uma vez que podemos defini-lo de acordo com o assunto em causa, mas diferenciando-se, também de país para país e de lugar para lugar.

Temos que ter em conta que essa definição se pode alterar em função da idade, para mais ou menos com tempo, tendo em conta que nunca é estável. Como por exemplo para o exercício do direito de voto é considerado menor o indivíduo que não tenha completado 18 anos de idade até à data do censo da eleição. Mas quando se fala na aplicação da lei penal, encontramos no artigo 17º do Código Penal da República de Cabo Verde, que diz: “ são susceptíveis de responsabilidade criminal os indivíduos que tenham completado os dezasseis anos de idade.”

Quando se fala em menor de idade, estamos quase sempre a relacionando esse conceito com a inimputabilidade de certos actos, praticados pelo indivíduo em causa.

De acordo com a Lei Tutelar Sócio - Educativa da República de Cabo Verde (Decreto-Legislativo nº2/2006, de 27 de Novembro), o menor é a pessoa que tem idade compreendida entre os 12 e os 16 anos.

De acordo com o decreto acima referido, aos adolescentes, que cometerem ilícitos que a lei penal Cabo-verdiana qualifique como crimes, aplicar-se-ão então medidas tutelares socioeducativas que se encontram no decreto supracitado. As medidas tutelares socioeducativas aplicadas aos menores devem sempre ter em conta o interesse do menor em causa. “Essas medidas nunca devem ter como objectivo a punição, mas sim, a finalidade das medidas” (Artigo nº2, do Capítulo I do Decreto-Legislativo nº2/2006, de 27 de Novembro), visando a reeducação do menor para o direito e a sua inserção de forma digna e responsável na vida em comunidade.

Quando se aplica qualquer das medidas tutelares socioeducativas, devem respeitar os seguintes princípios:

- Princípio da necessidade;
- Princípio da adequação;
- Princípio da proporcionalidade;
- Princípio da tipicidade.

As medidas tutelares sócio-educativa que podem ser aplicadas em Cabo Verde são “a admoestação; a reparação ao ofendido; a realização de tarefas a favor da

comunidade; a imposição de obrigações e o internamento em centros socioeducativos” (artigo 4º, nº1, do Decreto-Legislativo nº2/2006, de 27 de Novembro).

2.4. O conceito da Delinquência

A palavra **delinquência** deriva da palavra latina *delinquere*, que significa falhar.

Essas duas palavras “delinquência e delinquente” são conceitos distintos, que se encontram plenamente relacionados entre si. A palavra delinquente é usada para caracterizar o indivíduo que comete a delinquência.

O conceito de delinquência é muito difícil de definir, tendo em conta que podemos defini-lo de acordo com critérios jurídico-legais, nos quais se baseia a condenação aplicada pelos tribunais por actos ilícitos cometidos pela pessoa em causa.

De acordo com o Código Penal, só se pode considerar como delinquente o indivíduo com maior de 12 anos de idade. Se o indivíduo tiver menos de 12 anos de idade, então nesse caso não pode ser classificado como delinquente, mas sim como uma criança em risco. Isto quer dizer que a classificação é feita em prol da idade da pessoa que comete actos ilícitos. Se tiver mais do que 12 anos e menos que 16 anos de idade, já pode ser rotulado como delinquente. Nesse caso, aplicar-se-á a Lei Tutelar Sócio-Educativa. E, se o indivíduo tiver mais que 16 anos e menor que 21 ano de idade, também é rotulado como delinquente, mas as sanções serão de uma forma diferente e um tratamento especial, tendo em conta a possibilidade da ressocialização desse jovem em causa.

Também podemos ter em conta que a delinquência é sempre vista como uma prática do comportamento anti-social, que já é muito mais ampla, porque podemos estar perante um comportamento anti-social, que não corresponde a delinquência.

Nunca devemos esquecer que comportamento anti-social e delinquência não são sinónimos, mas sim muitas vezes sobrepõem. Um comportamento anti-social pode ser uma delinquência, mas também pode ser simplesmente uma quebra das normas morais da sociedade, cuja punição é uma punição moral da sociedade, e a pena recai simplesmente na consciência do indivíduo. Quando um comportamento anti-social corresponde a uma delinquência aqui já é aplicada uma pena activa que recai não somente na consciência do indivíduo, mas também sobre a sociedade, porque serve como espelho para toda a sociedade.

Há quem considere que delinquência “é uma situação, o estado, em que se encontra qualquer pessoa que cometeu uma infracção fixada juridicamente. O delito motiva a atribuição de responsabilidade ao culpado, que incorre em sanções penais²⁶.”

O mesmo dicionário refere que esse mesmo termo, “delinquência,” pode ser usado quando é infringido um conjunto de normas e a lei de uma dada sociedade.

2.5. O conceito de Delinquente

É o nome que se atribui a uma pessoa que cometa infracções que estejam tipificadas na lei penal como crime, actos esse, como por exemplo o furto, roubo, fraudes etc. A esses indivíduos, que não obedecem a essas regras de comportamento, são aplicadas sanções, como forma de controlo social.

Também achamos por bem colocar a definição do desvio pode ser definido “como o que não está em com determinado conjunto de normas aceite por um número significativo de pessoas de uma comunidade ou sociedade²⁷.”

Esta é uma definição baseada em critérios jurídicos, mas moralmente delinquente é quem desrespeita as normas sociais que são estabelecidas para o bom funcionamento da sociedade, mesmo sem ser um crime. Temos como exemplo o desrespeito por parte de um jovem a um velho, como acontece em Cabo Verde. Tal acto é considerado como desrespeito aos valores defendidos para o normal funcionamento da sociedade.

Para que uma pessoa se torne delinquente terá que ter sempre um conjunto de factores que o leva a praticar a delinquência. Esses factores podem ser de ordem social ou de ordem psíquica como por exemplo nos casos das pessoas que sofrem de patologias mentais ou psíquicas.

Não vamos falar acerca das possíveis causas da delinquência, porque tal assunto vai ser retratado no terceiro capítulo.

Para que a uma pessoa seja atribuído o nome de delinquente tem que ter no seu currículo maus comportamentos de forma repetitiva por falhas ou desvio do comportamento padrão da sociedade em que o mesmo se encontra inserido. Assim a partir desse momento em que o indivíduo é visto como uma pessoa com comportamento anti-social, que não respeita as normas e valores da sociedade, é rotulado como

²⁶AAVV, dicionário de sociologia, Vocabolaire pratique dès sciences sociales, Les edictions ouvriès, Paris, 1966

²⁷Cfr. Giddens, Anthony, *Sociologia*, 8ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010,p. 205.

delinquente e a sociedade começa a marginalizá-lo. Também os pais e encarregado de educação começam a proibir que os seus filhos/educandos estejam na companhia dessa pessoa que é visto como delinquente, com intuito de evitar que os mesmos sejam rotulados como tal ser influenciados negativamente.

2.6. O conceito de Bando

Também relacionado com a delinquência juvenil está associado o conceito de bandos, mas antes vamos apresentar a definição do conceito de agrupamento sociais, que, segundo o Georges Gurvitch, “são qualquer forma de grupos onde os membros participem voluntariamente ou não, quer se trate de grupos difusos e distanciados (os desempregados), grupos de contacto indirecto, de grupos reunidos periódica ou permanentemente, quer sejam inorganizados quer sejam estruturados, etc.”

A palavra bando é derivada da palavra italiana banda, que significa bandeira e do gótico bandawa, que significa estandarte²⁸.

“Bando é uma forma de grupo parcialmente marginal, por vezes em reacção contra o meio, e possuidor de comportamentos característicos. Trata-se um grupo de primário mais ou menos espontâneo que chega a certas formas a organização e uma solidariedade efectiva em virtude da sua reacção, por vezes inconsciente, contra o meio ambiente. Um bando tem realmente um chefe, um dirigente, a quem os outros reconhecem autoridade e prestígio de mandar e comandar o grupo²⁹”.

No caso concreto de Cabo Verde, houve duas fases marcantes no crescimento da criminalidade juvenil. Houve uma primeira fase em que aparece os menores a actuar de forma isolada ou se juntavam para a prática de actos de vandalismo. Aí ainda não havia bandos. A actuação caracterizava-se pela defesa mútua de elementos da mesma zona perante as situações que eles consideravam ameaças para com um membro da mesma zona, aparecendo assim os primeiros sinais de grupos e criando um sentimento de protecção e de identificação entre pares.

Na segunda fase, operou-se o conceito de bandos, apresentando as características semelhantes as dos bandos/gangs juvenis.

Um bando é constituído por um grupo de pessoas, mas concretamente por adolescentes, que se começam a juntar sem nenhum objectivo às vezes formando grupos

²⁸AAVV; Dicionário de sociologia, Vocabolaire pratique des sciences sociales, Les edictions ouvriès, Paris, 1966

²⁹Idem

ou equipas de forma voluntária, mas também se podem agrupar para fazer equipas de futebol, andebol, basquetebol, etc., para entrar num simples torneio contra outras equipas. Desse grupo que antes foi criado para um dado torneio, pode vir a surgir um bando com elementos originários da equipa, começando a criar vínculos entre os membros das equipas e tornando fiel ao grupo defendendo os seus elementos, e podendo entrar mesmo em conflitos violentos contra outros bandos existentes. Assim começam as rivalidades entre os grupos, marcando encontros para confrontos violentos, que podem causar ferimentos graves, e até a morte em certas situações. Eles aparecem com mais frequência nos centros das cidades, onde é maior a concentração da densidade populacional.

O bando ou gang de jovens é simultaneamente uma família de substituição, um meio da virilidade, de busca de segurança e um campo de luta pela vida³⁰.

As causas dos bandos são de cariz sociológica ou psicológica³¹, de acordo com o meio social ou familiar onde estão inseridos. Quando não há um clima e um acolhimento familiar de confiança, e abunda a ausência de diálogo, agravado muitas vezes pela falta de um modelo a seguir dentro do próprio ambiente familiar, ou seja a família não desempenha a função acolhedora, educadora e de modelação que deveria desempenhar o indivíduo refugia-se junto de outros aderindo a um grupo ou bando. Falhando o primeiro sector que de cabal importância no processo da socialização e na transmissão de valores falhará um dos pilares importantes na afirmação e formação da identidade do indivíduo.

A primeira falha para que um adolescente entre num bando está na família e na escola, que não souberam fazer os seus papéis, como principais agentes da socialização na transmissão dos valores e na educação. A falta de ocupação dos tempos livres, o meio em que o mesmo se encontra inserido, que muitas vezes serve como espelho no mundo do crime, faz com que esses jovens e adolescentes procurem nos bandos ou nos grupos, aquilo que lhes falta dentro do seio familiar. Pretendem concretizar nos grupos o que lhes faltam ao nível dos afectos, da segurança, do apoio e da confiança que um adolescente precisa para vingar como pessoa, substituindo a família e a escola por esses grupos.

³⁰*Ibidem*

³¹*Ibidem*

Também é digno de referir que existem dois tipos de bandos, pois nem todos são violentos. Existem bandos de adolescente que têm como objectivo a criação de grupos culturais e recreativos, que estão ligadas a uma instituição escolar ou a uma religião.

Esses bandos que não são violentos recrutam os seus elementos sempre de forma voluntária sem receber nada em troca. Mas esses bandos estão sempre em conformidade com as normas da conduta estabelecidas pela lei e pela norma moral da sociedade onde estão inseridas. São proveitosos para a sociedade, uma vez que apresentam, por exemplo, um plano feito por eles, para limpar os bairros pintar escolas e ajudam e auxiliar nos centros de idosos, etc.

Temos que tomar sempre maiores cuidados a nível dessa problemática, e quanto mais cedo melhor, porque muitos dos elementos desses grupos de bandos, futuramente constroem as suas famílias, traçam os seus objectivos a alcançar na vida e deixam o mundo do crime. O problema que existe é que uma parte não deixa essa vida, muito pelo contrário fazem do mundo do crime a vida deles.

2.7. O conceito de *Gang*

A palavra *gang* é uma expressão inglesa³² que significa bando, equipas, brigadas, ou melhor, é utilizado para caracterizar um grupo de criminosos bem organizado e estruturado, que tem como objectivo principal o lucro proveniente do mundo do crime.

Um elemento de um *gang* é denominado de *gangster*. Esse *gangster* tem sempre obrigações para o com grupo a que pertence e vice-versa.

Gang é um grupo ou associação criminosa, com uma estruturação própria, quase semelhante ao dos bandos em algumas características. Mas a finalidade ou os objectivos já são diferentes, pois os bandos não têm como objectivo o lucro, enquanto os grupos de *gangs* cujo objectivo principal é o lucro, lucro esse proveniente dos actos criminosos, como o furto, o roubo, sequestros, tráfico de armas, tráfico de estupefacientes e até assassinatos cometidos por eles em troca de dinheiro.

Os grupos de *gangs* aparecem mais nos arredores das grandes cidades onde existem elevados níveis de desemprego, pobreza, violência no seio familiar, violência escolar, exclusão social e insuficiência força de segurança.

³²*Ibidem*

O país com maior número de *gangs* é os Estados Unidos da América, mais concretamente o Estado da Califórnia. Os membros dos grupos de *gang* são em grande escala sul-americanos. Existem também *gangs* nos outros pontos do mundo, como por exemplo na Europa, Brasil e até em África. Mas os mais conhecidos são os *gangs* dos Estados Unidos da América e do Brasil.

Esses grupos são um dos problemas mais preocupantes de momento para a sociedade em geral e para as forças e serviços de segurança, causando um clima de insegurança na população. Um *gangster* é sempre leal ao grupo a que pertence, mostra sempre orgulho em pertencer ao mesmo e faz de tudo para se mostrar digno do grupo, como cometer ilícitos. Não existe medo de cometer crimes; e muito menos medo de enfrentar os polícia. Mesmo quando um membro é condenado a cumprir pena no estabelecimento prisional, não perde o vínculo com o seu grupo.

Muitas das vezes, dentro do estabelecimento prisional encontram outros membros que lá se encontram a cumprir pena, que os acolhem de braços abertos como se fossem irmão de sangue, prestando-lhes auxílio em tudo, mais precisamente segurança dentro da cadeia. Ali existem sempre grupos de presidiários que vivem em forma de famílias.

Quem fizer algo a algum dos membros do *gang* sabe que se está a meter com todos os membros do grupo. Haverá sempre um ajuste de contas dentro do estabelecimento prisional entre os grupos, mas também haverão sempre consequências colaterais entre os membros dos grupos que estão fora do estabelecimento prisional, isto é, quando houver um ajuste de contas dentro do estabelecimento prisional, também os membros que estão livres prestam apoios aos familiares, ao nível da segurança, apoios financeiros, etc. Podem até enfrentar outros grupos por causa de um incidente que aconteceu dentro da cadeia. Tudo isso com intuito de mostrar que mesmo longe de uns dos outros ainda existe o vínculo entre os membros dos *gangs*.

Em termos de caracterização dos *gangs* juvenis nas sociedades ocidentais existem aspectos que são um padrão comum para além daqueles que assumem a especificidade própria de cada país e da evolução que o fenómeno naquele local, sendo forte do padrão como os seguinte:

a) Os membros dos *gangs* são normalmente adolescentes do sexo masculino de idêntica origem étnica ou racial (normalmente oriundos de famílias desestruturadas);

b) A lealdade e a aderência a um código imperativo para os membros dos gangs (este é o mais importante que qualquer outra coisa);

c) A coesão entre os membros do *gang* aumenta à medida que aumenta o seu reconhecimento social;

d) A lealdade e camaradagem são solidificadas pela participação nas actividades de grupo que são frequentes vezes anti-sociais, ilegais, violentas e criminosas;

e) Os objectivos, papéis e responsabilidades estão claramente estabelecidos e definidos (não sendo formalmente estabelecidos são compreendidos por todos os membros);

f) Há uma cadeia de comando hierarquizado;

g) Há a identificação com a noção de espaço ou território.

Importa porém esclarecer que a actual realidade dos *gangs* juvenis corresponde a uma dinâmica de evolução específica cujo significado é bem patente na sociedade americana, consideravelmente mais violenta que a nossa.

Estruturando-se numa fase evoluída, nos planos horizontais e verticais, a génese do *gang* obedece, em regra, a três tipos de base de motivação: 1.º os *gangs* baseados na raça ou etnia; 2.º os *gangs* com base numa actividade económica (a coesão deriva do objectivo comum de fazer dinheiro); 3.º gangs com base no território e que podem ser de qualquer raça ou etnia demarcando o seu território.

Os grupos de *gangs* são constituídos por elementos de diversas idades, desde adolescentes até adultos. Uma grande percentagem desses elementos são do sexo masculino, mas isso não exclui a possibilidade de ter elementos de sexo oposto.

Os gangs possuem um conjunto de rituais que os identificam como membro do grupo. Basta passar em certos lugares que são reconhecidos por causa dos símbolos, tatuagens ou nomes estampados nas roupas, e existem membros em vários sítios dentro do mesmo país.

2.8. O conceito de Inimputabilidade

A inimputabilidade significa que perante certos actos, tipificados na lei como crime ou simples contra-ordenação, o autor do acto não é responsabilizado. Mas essa não responsabilização ou inimputabilidade deve ser sempre justificada por um conjunto de causas de desculpabilidade, dependendo de país para país e não é estável podendo alterar num dado tempo. Isto é, não será aplicada pena ou sanção sobre o agente em

causa. As causas podem ser em função da idade ou da doença: por exemplo, um doente mental é inimputável.

De acordo com o Código Penal de Cabo Verde, nos artigos nº17º e 18º encontram-se as razões da desculpabilidade dos factos em razão da idade e inimputabilidade em razão de anomalia psíquica³³.

2.9. O conceito de Crime

O Mundo e a sociedade estão sempre em mutação. Por isso, também o conceito de crime não é único, imutável e estável, mas sofre alterações de acordo com as transformações da sociedade, sabendo que o crime é um fenómeno social.

Assim vamos tentar definir o conceito de crime de acordo com abordagem sociológica e também obedecendo aos critérios jurídicos.

De acordo com a teoria sociológica do crime, a partir da tese da normalidade e funcionalidade Durkheim refere que o crime é um facto social existente em todas as sociedades, logo afirma ser um fenómeno social universal, negando a existência de sociedade sem crime. O fenómeno criminal é prova da limitação por parte das instituições que regulam o normal funcionamento da sociedade, e é importante, porque o crime é uma das causas da modificação da ética/moral. Segundo Durkheim, o crime é uma desfeita à consciência colectiva de uma sociedade.

O crime acontece com maior frequência quando as leis ou normas já não são vista como legítimas ou então pelo enfraquecimento da aplicação dessas leis. Logo é necessário de alterar a lei existente ou aplica-la tornando firme e seguro o sistema social.

Resumindo, o aumento do crime na sociedade deve-se a existência de normas com pouco poder de imposição ou inexistência por completo de normas, o que facilita a desorganização social, dando consequência o cometimento de delitos, fazendo aumentar as taxas da criminalidade na sociedade.

³³Cfr Código Penal de Cabo Verde, Artigo 17.º(**Inimputabilidade em razão da idade**). Apenas são susceptíveis de responsabilidade criminal os indivíduos que tenham completado os dezasseis anos de idade. E no Artigo 18.º (**Inimputabilidade em razão de anomalia psíquica**) 1. É inimputável quem, no momento da prática do facto, for incapaz de avaliar a ilicitude do facto ou de se determinar de acordo com essa avaliação, em virtude de uma anomalia psíquica.2. O regime constante do número anterior é aplicável aos casos de intoxicação completa devida ao consumo de bebidas alcoólicas, estupefacientes, substâncias psicotrópicas ou tóxicas ou outras que produzam efeitos análogos. 3. A imputabilidade não é excluída, quando a anomalia psíquica ou a situação descrita no número antecedente tiverem sido provocadas pelo agente com intenção de praticar o facto ou quando a realização do facto tenha sido prevista ou devesse ter sido prevista pelo agente.

Também o crime é visto por Cohen vê o crime também como uma consequência da negação das leis implementadas pela classe dominante na sociedade. Na origem do crime e do aparecimento das subculturas está a desigualdade de meios para atingir as metas traçadas pela sociedade. Então aqui aparecem as subculturas delinquentes, que como sabemos, resultam do aparecimento de uma nova cultura dentro de uma outra cultura. Nessa nova cultura, essa classe constituída por uma minoria se encontra-se realizada, e bastante satisfeita, porque ali o delinquente é visto como um ser social adaptado ao meio e com as suas necessidades saciadas, enquanto antes se sentia frustrado, inseguro e cheio de obstáculos para atingir os seus objectivos.

Segundo o Código Penal, o crime é todo o comportamento típico, ilícito, culposo e punível com pena de prisão, pena de multa ou pena alternativa. Os crimes estão previstos no Código Penal e em legislação penal avulsa. Da definição de crime difere-se largamente a contra-ordenação, todo o facto ilícito e censurável, que preencha um tipo legal e que culmine numa coima.

Agora vamos tentar definir as características que possuem todos os actos tipificados na lei penal como crime:

- a) Típico: o crime é um facto típico, o que significa que essa acção ou omissão levado a cabo pelo indivíduo terá que constar antes da sua prática na lei penal como crime, demonstrando a consequência da mesma.
- b) Para ser crime esse facto deve ser também Ilícito: o que quer dizer que essa conduta de estar tipificada na lei penal como ilegal, também é uma conduta que contraria o Direito.
- c) Culposo: aqui o que se leva em conta é o que se passa na mente do autor do crime, tentando demonstrar a intenção, a vontade de forma voluntária do indivíduo quando cometeu o crime.
- d) Punível: quando esse acto praticado pelo indivíduo em causa que pode ser tanto por acção ou pela omissão, consta na lei penal e tem uma pena anunciada para quem a praticar. Isso quer dizer que as penas antecedem aos crimes.

A explicação sociológica de crime nunca poderá estar dissociada da sua explicação jurídica, uma vez que um determinado comportamento é considerado crime numa determinada sociedade e noutra poderá não o ser. Podemos dar a título de exemplo, o adultério, que nos países islâmicos é punível com pena de morte (para as

mulheres). A heterodoxia (a crença numa religião que não a dominante nessa sociedade) em determinadas culturas constitui crime, mas não o é nas culturas ocidentais, onde existe liberdade religiosa.

Só se considera um facto como crime se esse acto estiver tipificado na lei penal como crime, isto é, tudo que não consta na lei penal como crime nunca deverá ser sancionado com pena de prisão ou pena de multa.

Existe um cardápio de factos que são ilícitos (puníveis), mas que não são crimes. Tais factos diferenciam-se dos que são tipificadas como crime porque as consequências desses actos produzem um dano menor na sociedade, tendo como penalidade a coima, a qual e nunca pode ser convertida em prisão, enquanto os que são classificados como crime têm sempre por punição a pena de prisão ou pena de multa. Por exemplo, temos o desrespeito por um sinal de trânsito que é punido com uma coima, ou até pode ser aplicada a sanção acessória de inibição de conduzir por um certo período de tempo, mas nunca pode ser aplicada a pena de prisão como punição.

Na sociologia, o crime é visto como um produto da sociedade, isto é, cada sociedade produz o seu próprio crime classificando ou rotulando certos actos ou factos como crime, arranjando da mesma forma a punição para esses tais factos.

Quando um acto ou facto é classificado como crime, não quer dizer que terá uma durabilidade eterna, porque da mesma forma que foi rotulado como crime também a sociedade tem o poder de torná-lo numa simples contra-ordenação, aplicável pelas autoridades através de uma coima como pena, ou então torna-lo simplesmente num acto legal, não existindo qualquer pena aos seus agentes. Por exemplo o caso do aborto que dantes era proibida e ilegal, mesmo antes das 12 semanas de gravidez, mas agora tornou-se num acto legal.

O objectivo da sociedade em elevar certos actos, classificando-os como crime e punindo os seus agente com intuito de manter a paz e o bom funcionamento da sociedade em geral. Esses actos, que são classificados como crime, são sempre vistos pela maioria da sociedade como algo de mal, e por isso deve-se arranjar maneira de os pautar através de leis feitas pelos deputados que representam o povo. Por isso aplica-se uma punição que servirá como exemplo ou espelho para o resto da sociedade, uma vez assim que podem constatar a consequência desses actos por parte das pessoas que os cometeram. Assim haverá uma tomada de consciência que acontecerá com aqueles que pratiquem tais actos, o que leva a pensar antes de uma actuação danosa.

Capítulo 3 – Delinquência juvenil

A delinquência juvenil é um fenómeno bastante complexo, que infelizmente existe em qualquer sociedade. Cada dia que passa esse fenómeno ganha mais atenção por parte das instituições do Estado e da própria sociedade em si, porque está alterando o normal funcionamento, criando receios e pondo em causa a própria segurança. É um fenómeno social, consequência da própria sociedade.

Deve-se dar a atenção a esse fenómeno porque o que está em causa, são os jovens de hoje que serão os homens de amanhã.

Cada dia que passa depara-se com novas formas de delinquência, o que deixa muitas preocupações a certas instituições e às autoridades em geral visto que crianças, adolescentes e jovens conseguem arranjar meios e técnicas de cometer ilícitos, sem medo das consequências dos seus actos.

Deve-se ter em mente que esses delinquentes devem ter um tratamento diferenciado (desde as formas de actuação até a nível das penas) uma vez que são, na maior parte das vezes, menores.

As principais causas da delinquência juvenil são a própria família e o meio onde o delinquente encontra-se inserido.

Segundo Jonh Watson citado por Maria Pimenta (2010)³⁴ “as pessoas não são intrinsecamente boas ou más, elas modificam-se facilmente com os factos ou situações e de seu ambiente”. Ainda, segundo Jonh Watson citado por Maria Pimenta (2001)³⁵ “na infância um meio ambiente rico ou um meio pobre, relações felizes ou não com os pais determinam hábitos e comportamentos, tanto motores ou viscerais. É um meio que determina totalmente o futuro psicológico de uma criança. O filho de músicos terá ouvido musical apenas porque escuta música durante todo o dia, dada a profissão dos seus pais. Se Mozart tivesse separado de seu pai, mestre de capela, desde o nascimento e confiado a um vaqueiro ou a um ferreiro, nunca teria possuído esse dom para música e nunca se teria tornado Mozart”.

³⁴Cfr. Pimenta, Maria de Encarnação, *Eventuais causas e consequência da delinquência em Angola*, Calçada das Letras – Lisboa, 2010, p.17.

³⁵*Ibidem*

3.1. Descrição do fenómeno “Thug” na Cidade da Praia

Achamos por bem antes de entrar propriamente na descrição do fenómeno “thugs” na cidade da Praia, falar um pouco sobre esta palavra de origem inglesa “Thugs” que significa assassinio, ladrão ou bandido. Habitualmente é utilizada para designar grupos/bandos de delinquentes juvenis que deambulam nas zonas dos subúrbios das cidades cabo-verdianas praticando delitos.

Alguns estudos concluíram que por volta de 1857, havia um grupo de assassinos e ladrões na Índia que eram denominados de “thugs” que se fixavam numa determinada região mas agiam em todo o território indiano. Esses grupos faziam-se passar por nativos e guias das comitivas e, quando chegavam a um determinado lugar com condições favoráveis para cometimento dos ilícitos, roubavam e assassinavam os viajantes; estrangulavam as vítimas com lenços que aqueles traziam amarrados à cintura e depois faziam desaparecer os corpos das vítimas enterrando-os com intuito de não deixar rastros e nem testemunhas³⁶.

Encontramos também o termo “thug life” que é da autoria do cantor (rapper) norte-americano Tupac Shakur. “Thug Life” foi um movimento social que tinha como objectivo principal diminuir as mortes e violências nas áreas pobres (guetos) e favelas dos Estados Unidos da América (EUA). Este movimento determinou um conjunto de regras/normas a cumprir entre os “thugs” das zonas pobres, como por exemplo: não podia haver mais sequestros e era proibida a venda de droga à crianças e aos membros das comunidades onde estavam inseridos. Com a criação desse movimento conseguiu-se efectivamente diminuir a criminalidade violenta nos guetos³⁷.

A expressão “thugs”, foi importada para Cabo Verde a partir dos EUA e hoje é utilizada em qualquer parte do país quer pela sociedade quer pelos elementos ou grupos de jovens delinquentes que se auto-proclamam “thugs”. Existem em quase todas zonas do subúrbio cometendo actos de vandalismo, crimes e luta entre grupos rivais das outras zonas sem nada temer provocando muitas vezes mortes. Esses grupos/bandos juvenis têm influências dos deportados para Cabo Verde, oriundos principalmente dos EUA. Cabo Verde é, para os jovens deportados, uma realidade diferente. Isto porque a maior parte deles ou emigrou ainda criança ou nasceu no país de onde foi repatriado e nunca

³⁶Cfr., Wikipedia, [Consultado em 19/12/2010], Disponível em, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Thugs>

³⁷_____, [Consultado em 19/12/2010], Disponível em, http://pt.wikipedia.org/wiki/Thug_Life

tiveram a possibilidade de conhecer o país da origem ou dos seus progenitores. A palavra “deportado” por si só acarreta um significado pejorativo, o que faz com estes sejam automaticamente marginalizados.

Nos anos 90, quando começaram a chegar em Cabo Verde não tiveram um tratamento adequado e quase nenhum apoio, principalmente ao que toca a arranjar um emprego. A sociedade cabo-verdiana rotula-os como criminosos violentos, sem saber qual foi o motivo da deportação/retorno. Chegaram mesmo a ser responsabilizados pelo aumento da criminalidade violenta em Cabo Verde e pelo aparecimento dos primeiros grupos de “thugs”/delinquência juvenil.

A delinquência juvenil em Cabo Verde não apareceu com a chegada dos deportados; já existia anteriormente embora noutros moldes.

Podemos dividir a delinquência juvenil em Cabo Verde em duas fases. Numa primeira fase encontramos simplesmente jovens a praticar actos de vandalismos ou pequenos ilícitos de forma isolada ou em pequenos grupos de dois ou três elementos com único intuito: o de praticar actos ilícitos ou de vandalismo isolados e não havia rivalidades com jovens de outros grupos.

Na década de 80 os jovens delinquentes eram denominados de “Piratinhas³⁸” e actuavam sempre na cidade da Praia, mais concretamente nas zonas comerciais do Sucupira, do Plateau, do Porto da Praia, e da Empresa Pública de Abastecimento (EMPA) em Achada Grande. Os delitos que mais cometiam eram, furto por carteirista, roubo por esticção e furto em residências/supermercados.

A actuação desses grupos decorria com maior frequência no período diurno e com algumas excepções no período nocturno.

Nesta mesma altura actuavam, também, alguns grupos de jovens delinquentes que se identificavam pelo nome “Netinhos de Vovó³⁹”; actuavam sempre ou quase sempre à noite praticando principalmente roubo por esticção, na zona da Fazenda ou nos arredores do Parque 5 de Julho. Atacavam pessoas quando regressavam à casa depois de assistir os espectáculos efectuados naquele parque e também no complexo desportivo Giminó Vavá Duarte.

Numa segunda fase podemos dizer que os grupos actuam de forma diferente, já não de forma isolada mas sim em grupo e de forma coordenada.

³⁸Cfr. Redy Wilson Lima, in *Modernidade, Marginalização e Violência: Estratégias de sobrevivências e afirmação dos jovens em Cabo Verde e Guiné-Bissau*

³⁹Idem

É nesta fase que aparece os grupos de “Thugs” na cidade da Praia, com características próprias. São constituídos por jovens e adolescentes, na maioria do sexo masculino; raramente encontram-se elementos de sexo feminino.

Dentro de uma mesma zona podemos encontrar dois ou mais grupos que são, apesar disto, na maioria das vezes rivais. São, é óbvio, rivais dos grupos das outras zonas.

Ao pertencer um grupo, qualquer elemento sabe que corre grandes riscos de perigo perante outros grupos rivais dentro e fora da sua zona. Sabendo que na proximidade existem grupos rivais, ficam com um espaço de circulação bastante condicionado, porque não podem entrar nas áreas dos outros grupos onde correm risco de serem apanhados e sofrer consequências que muitas das vezes chegam à morte.

A privação da liberdade de circulação é restringida de tal forma que mesmo tendo familiares nas outras zonas não podem ir visitá-los, ou então se quiserem fazê-lo, fazem-no de forma bem discreta.

Houve conhecimento de um caso em que um elemento de um grupo deixou de ir à escola porque tinha que passar numa área que pertencia a um outro grupo rival.

Os elementos dos grupos de “thugs” apresentam traços comuns nos vestuários, (calças largas, bonés americanos com nomes, gorros, t-shirts largas, botas de marca Timberland, sapatilhas de marcas adidas, rebook, nike, óculos escuros etc.); penteiam-se à moda dos cantores de rapper americanos, utilizam termos da língua inglesa como “fight”, “money” entre outros; os nomes com que identificam-se são quase sempre americanos (*“West, The Best, Black Style, Biblock, Gang Street, Black Noise, Celtic, Wolf Gangs, Blood, Different e The Fux” etc.*).

Qualquer grupo de “thug”, por regra, faz uso da violência nas suas actuações e normalmente estão munidos sempre de arma branca, e armas de fogo, e arma artesanal “boca bedju”, taco de basebol, etc.

Um grupo tem uma média de vinte e cinco (25) a quarenta (40) elementos. Podemos encontrar somente num bairro, um total de cem (100) ou mais elementos pertencentes aos grupos, tendo em conta que dentro do mesmo bairro pode existir três (3) ou mais grupos. Mais uma das características comum entre os elementos dos grupos é consumo de estupefaciente (marijuana, apelidado de “Padjinha”) e álcool em abundância. Segundo disse um elemento de um dos grupos, numa entrevista num programa de Rádio de Cabo Verde (RTC), com o jornalista Domingos Sanches que

depois dos assaltos a mão armada, furtos nas viaturas, vão comprar drogas para o consumo com o dinheiro proveniente desses assaltos.

Cada dia que passa estão a aumentar de uma forma incompreensível alastrando quase à todas as zonas do subúrbios do capital. Neste sentido é necessário referir que nas zonas mais desenvolvidas do capital como, Prainha, Plateau, Palmarejo onde vive somente pessoas da classe alta, zona de Quebra Canela não possuem grupos de “thugs”.

Os grupos de “thugs” são oriundos das zonas onde existe uma diversidade de pessoas da classe média e classe pobres da cidade, como por exemplo: Ponta d’Água, Tira Chapéu, Eugénio Lima, Várzea, Bela Vista, Achada Grande, Lém Ferreira, Vila Nova, Safende, Castelão, Paiol, Achada Santo António, Monte Vermelho, Casa Lata, Cobom, Achada Grande Traz etc.

Essas zonas acima referidas apresentam um conjunto de características semelhantes e propícias para o surgimento da delinquência juvenil, como grande densidade populacional, número razoável de famílias com poucos rendimentos, números significativos de famílias monoparentais, elevada taxa de jovens desempregados, tráfico de estupefacientes, elevado número de pessoas dependentes de álcool, famílias com poucas habilitações literária etc.

Como tinha citado no capítulo anterior no conceito de gang, nesses grupos de “thugs” encontramos fortes ligações com os seus membros, dando protecção mútua entre eles e quase sempre existe um elemento que representa a cabecilha ou líder do grupo, que é visto pelos outros como o mais valente e corajoso perante tudo e todos.

3.1. Modus Operandi dos grupos de “thugs”

Basta falar do modus operandi de um dos grupos de “thugs” na cidade da Praia, para dar a conhecer o *modus operandi* dos outros, uma vez que usam as mesmas formas de actuação em todas as zonas dos subúrbios. As formas de actuações são idênticas em toda a cidade da Praia.

A prática da violência é como o lema deles, por tudo e por nada partem pela violência contra os seus rivais e as suas vítimas dos assaltos.

Vou escrever algumas das notícias que passaram nos telejornais da Televisão de Cabo Verde (TCV): No telejornal do dia 11 de Janeiro de 2010⁴⁰, informa que houve

⁴⁰Cfr., Telejornal do Canal televisivo (TCV), [consultado em 04/04/2011], Disponível em <http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, publicado em 11/01/2010.

um ajuste de contas no estabelecimento de ensino Constantino Semedo entre alunos pertencentes a grupos rivais denominados thugs, na Cidade da Praia, apavora os alunos.

Só na primeira quinzena de Janeiro de 2010 entre dia 05 até dia 12, o fenómeno da delinquência juvenil, faz três vítimas mortais na Cidade da Praia, no dia 05 num bar de nome “Voz Di Povo” mataram uma pessoa, seguidamente um taxista na zona de Safende e por último dia 12, um jovem de 17 anos em Achada Grande⁴¹ foi baleado na cabeça por grupo rival.

No dia 11 de Março 2011 publicaram que, a delinquência juvenil (fenómeno “thug”) na Cidade da Praia fez mas uma vítima mortal, que desta vez foi um adolescente de 15 anos morto com um tiro na cabeça na zona do Brasil, em Achada Santo António⁴².

No dia 02 de Março de 2011 foi publicado os confrontos entre grupos rivais, “thugs” provocaram nessa madrugada inúmeros prejuízos na zona do Brasil, na Cidade da Praia, partindo portas, janelas, disparando contra as paredes das casas, deixando a população cheio de medo, privando-as de sair por medo de serem baleadas⁴³.

No dia 22 de Janeiro foi publicado que um jovem de 19 anos foi morto a tiro, em Ponta d’Água por um outro jovem pertencente á um grupo rival na madrugada anterior⁴⁴.

Num encontro amigável de partida de futebol entre dois grupos rivais de thugs de Tira-Chapéu, na Cidade da Praia acabou em tragédia, onde um elemento de um dos grupos esfaqueou o outro com três facadas nas costas. (publicado 19 de Dezembro 2009⁴⁵).

Segundo as informações recolhidas na Divisão de Operações e Informações Policiais da Polícia Nacional, (DOIP) e entrevistas efectuadas aos oficiais policiais, os grupos têm sempre uma hora e um ponto de encontro dentro dos seus bairros, onde começam a traçar o destino para actuar, dependendo cada um do seu próprio território em que pertence. Nunca actuam de forma isolada, mas sempre em bando/grupo e actuam de forma diversificada, (como um todo ou com somente X elementos) abordando as suas vítimas da seguinte forma:

⁴¹ _____, Publicado em 12/01/2010

⁴² _____, Publicado em 11/03/2011

⁴³ _____, Publicado em 02/03/2011

⁴⁴ _____, Publicado em 22/01/2011

⁴⁵ _____, Publicado em 19/12/2009

Quando vão actuar contra uma(s) vítima(s) de roubo distribuem o pessoal no terreno, controlando todas as alas possíveis e protegendo-se uns aos outros, aparecendo de forma surpresa bloqueando a(s) vítima(s). Depois de colocar as vítimas no círculo através de ameaças com armas de fogo, pistolas, paus, tacos de basebol, punhais, barra de ferro, catanas e arma de fogo de fabrico artesanal “Boca Bedju” etc., pedem tudo o que é de valor (fios ou brinco de ouro, dinheiro e o telemóvel) que estiver na posse da vítima e por último agredem quase sempre mesmo que as vítimas socos ponta pés, bofetadas mesmo sem reacção por parte das vítimas.

Quando vão actuar contra os grupos rivais o procedimento é um pouco semelhante, mais o objectivo já não é obter os bens materiais, mas sim, mostrar o domínio pelos territórios ou então ajustes de conta por causa de um problema entre eles. Aqui vão actuar como um todo e fazem o uso de todas as armas que estão nas suas posses para agredir os elementos dos outros grupos, principalmente arma de fogo, disparando as vezes mortalmente os seus rivais. Provenientes das brigas entre os grupos rivais já têm registado alguns mortos na cidade da Praia. De acordo com a entrevista feita ao Subcomissário Bremem Cardoso da PNCV, “a PN de Janeiro até meados de mês de Março de 2011, registou, na Cidade da Praia, seis homicídios com arma de fogo, praticados por grupos de “thugs”⁴⁶”.

3.2. Áreas de actuação dos grupos já identificados na Cidade da Praia

De acordo com as informações fornecidas pelo DOIP, a maioria dos grupos já se encontra identificada e os respectivos elementos que os compõem.

É difícil determinar as áreas de actuação desses grupos, uma vez que não têm áreas próprias ou fixa de actuação. Actuam em todas as áreas da cidade da Praia com maior frequência nos bairros onde residem e nos bairros vizinhos.

Começando pelos grupos já identificados:

- Grupo “**West**” que é um grupo da zona do Monte Vermelho, constituído por vinte (20) elementos já identificados, bastante perigosos, que actuam com maior frequência em Palmarejo, mais concretamente perto da praça principal onde existe um multibanco. Estes, escondem-se atrás de um edifício pertencente à empresa fornecedora da energia eléctrica e água (ELECTRA), local de onde conseguem vigiar e controlar as

⁴⁶Cfr., O anexo da entrevista n.º1

peessoas que fazem movimentações no multibanco (rede Vinti4), e ao mesmo preparam para os assaltos.

- Grupo **“The Best,”** considerado um grupo perigoso, pertencente à zona da Achada Santo António, com quarenta e quatro (44) elementos já identificados. Actuam com maior frequência nas ruas do bairro onde pertencem usando sempre a arma artesanal já mencionada “boca bedju” e outras armas de fogo. Cometem desordens, organizam motins munidos de armas de fogo, praticam assaltos à mão armada, furtos nas viaturas, venda e consumo de estupefacientes.

- Grupo **“Thugs Casa Lata”, (TCL)** pertencente à zona de Casa Lata, tendo já a PN identificado vinte (20) elementos e são considerados como agressivos e desordeiros. Praticam assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes (Cannabis, vulgo “Padjinha”). Actuam perto da universidade de Cabo Verde (UNICV), atacando as pessoas que ali circulam a noite, principalmente alguns estudantes do interior da ilha que frequentam a referida universidade no período nocturno. Também, é frequente fazerem disparos nas ruas.

- Grupo **“Gang Street”,** também pertencente à zona Palmarejo, é constituído por elementos bastante perigosos, agressivos e zaragateiros. Praticam assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes. A PN já identificou vinte e dois (22) dos seus elementos. Actuam na mesma área que o grupo **“TCL”,** e as vítimas são as mesmas. É de referir que alguns elementos policiais já foram vítimas da actuação deste grupo.

- Grupo **“Tici - W” e “Djunex”;** estes dois grupos formaram uma aliança constituída por elementos bastante perigosos, agressivos e conflituosos. Praticam assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes próximo de um quiosque existente na zona de Tira Chapéu e fazem disparos frequentemente nas ruas. Digladiam-se constantemente com o seu grande rival, o grupo **“TCL”** da zona de Casa Lata, sendo constante as desordens dentro do bairro. A PN já identificou trinta e seis (36) elementos pertencentes a esses dois grupos.

Na zona de Ponta d’Água existem sete (7) grupos já identificados. Os seus membros perfazem um total de noventa e já constam na base de dados da PN. Os grupos são os seguintes: **“Spadja Pé”, “Black Noise”, “Celtic”, “Wolf Gangs”, “Blood”, “Diferente”, “The Fux”, e “West”.** Esses grupos concentram-se em diversas áreas do bairro: na rua da capela Rainha do Universo, na Rotunda da Ponta D’Água, no

polivalente e junto ao chafariz que fica próximo da escola primária. Actuam dentro do bairro e estão constantemente a atacar os grupos das zonas de Castelão, Vila Nova, Lém Cachorro e Moinho, seus grandes rivais. Também praticam assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes, fazem disparos frequentes nas ruas e furto nas viaturas.

- Grupo **“Fronteira,”** que pertence à zona que divide Tira Chapéu e Casa Lata é um grupo que comete os mesmos tipos de ilícitos que os outros, destacando-se os assaltos à mão armada, furtos em viaturas, furtos em residências e venda de estupefacientes. Atacam constantemente os seus rivais das zonas de Casa Lata e Tira Chapéu. Na base de dados da PN constam já quinze (15) elementos identificados.

- Grupos **“Vaicity,” “Jamaica” e “Boston”** que pertencem à zona de Achada Grande Frente. Actuam com maior frequência dentro do próprio bairro, cometendo ilícitos semelhantes aos outros grupos acima referidos e estão constantemente em confronto com os outros grupos da zona de Achada Baixo e Achada Riba. Esporadicamente actuam noutras zonas do subúrbio. Investigações apontam que estes grupos podem ter na sua posse quinze (15) armas de fogo.

Sessenta e cinco (65) elementos desses grupos estão referenciados na base de dados da PN com alguns dados identificativos (nome, morada e filiação).

- Grupos **“Thuelven,” “Kutelinho” e “Madjana”** que pertencem à zona da Várzea, são provocadores, desordeiros, praticam assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes, e outras drogas adquiridas na própria zona. Atacam principalmente pessoas que frequentar a zona da Várzea.

Na base de dados da PN já se encontram cinquenta e um (51) elementos identificados, com nome, morada e filiação de alguns.

- Grupos **“Buraca” e “Barolado”** que pertencem à zona de Castelão e rivalizam-se constantemente com o grupo da zona de Achada Mato. Dos elementos desses grupos, quarenta e dois (42) já se encontram lançados na base de dados da PN.

- Grupo **“Caraca”** que pertence à zona de Lém Ferreira, é considerado bastante perigoso, agressivo e conflituoso. Praticam assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes. Constantemente fazem disparos nas ruas, e atacam frequentemente o grupo de Achada Grande Baixo, seu grande rival. Investigações apontam que este grupo pode ter na sua posse onze (11) armas de fogo.

- Grupo **“T. Boston”** que pertence à zona de Paiol, ataca constantemente os grupos de Castelão e Lém Cachorro. Praticam assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes, fazem disparos frequentes nas ruas e são considerados perigosos e desordeiros. Já se encontram identificados na base de dados da PN, quarenta e dois (42) elementos.

- Grupos **“Bagdad”, “Lost”, “Marrocos”, “The Troity”, “Big Boston”, “The Boston”** que pertencem à zona de Achada Grande Trás. São perigosos, agressivos, conflituosos e praticam assaltos à mão armada, principalmente a taxistas, que trabalham no período nocturno. Ainda, vendem e consomem estupefacientes e outras drogas dentro do bairro. De referir que os grupos **“Bagdad”, “Lost”** e **“The Troity”** atacam constantemente o grupo de **“Marrocos”** que pertence à mesma zona.

3.3. Possíveis causas da delinquência juvenil (O fenómeno “Thug” na Cidade da Praia

Em Cabo Verde existe um conjunto de factores que são provenientes da própria sociedade, onde está inserida a criança/jovem, o que os leva a ter comportamentos desviantes/delinquentes, de entre os quais começamos por mencionar: o processo da socialização em Cabo Verde (escola, família, grupos de amigos e os meios da comunicação social), famílias monoparentais, o fluxo migratório para a cidade da Praia, (exclusão social, o fenómeno da pobreza), défice de protecção etc.

3.3.1 . O processo da Socialização

O processo da socialização (família e a escola) é uma das principais causas da delinquência juvenil. Mas antes de desenvolver essa causa achamos por bem definir a família como: “um grupo de pessoas unidas directamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças”. Guiddens, 2010:175).

“A socialização é um processo através do qual as crianças ou outros novos membros da sociedade, aprendem o modo de vida, onde é o principal canal de transmissão da cultura através do tempo e das gerações” (Ibidem:27).

“O comportamento é determinado por aprendizagens várias, como, por exemplo, pela observação e imitação dos agentes da socialização. Falando na generalidade, nos mais velhos: especialmente os pais, e/ou encarregado de educação, professores, mestre,

clérigos, políticos, desportistas de renome, actores de cinema, psicólogos, assistentes sociais, agentes de julgados de menores, enfermeiros, médicos. São-no porque todos eles podem determinar grandemente aquilo que o indivíduo será no futuro⁴⁷”.

A criança, quando nasce, é um ser culturalmente em branco, quando cresce vai imitando as atitudes dos adultos que a rodeiam, principalmente os pais. A criança vai assimilando valores e normas, adoptando atitudes e comportamentos, iniciando o seu processo de socialização muito cedo. À medida que a criança interage com os restantes elementos do grupo, vai assimilando a cultura que lhe é exteriormente imposta, tornando-se assim num ser cultural. “A socialização exige a adaptação e acomodação constantes das estruturas mentais aos novos dados sociais, no sentido da integração permanente do indivíduo no colectivo de que faz parte “ (Oliveira et al., 2002: 119).

Nesta mesma linha de pensamento sabemos que nesse processo de socialização participam outros agentes, nomeadamente, a escola, onde começa a surgir o grupo de amigos e por último os meios de comunicação de massa. Destes mencionados agentes, o grupo de amigos assume uma importância crucial na fase da adolescência no processo de socialização, não só por partilhar os mesmos valores, modelos de comportamento e aspirações, mas também, porque funcionam como suporte de cada jovem adolescente em situações de confronto com os pais e professores e nas suas crises de identidade. Muitas vezes é nestes grupos de amigos que começa a surgir comportamentos desviantes, como a delinquência e violência.

A delinquência juvenil está inteiramente ligada ao ambiente da criança. Na génese do comportamento anti-social se encontra habitualmente um meio familiar e social extremamente deteriorado, que não cuida, não orienta a criança nem educa para os limites. Nomeadamente estes problemas acontecem em ambientes familiares instáveis monoparentais e famílias com um rendimento anual muito baixo, baixo nível de instrução dos pais e ausência constante destes, devido a prestação de serviços para conseguirem sobreviver. A permanente ausência dos pais, no ambiente familiar, atribui precocemente à criança responsabilidades para as quais não estão preparadas.

Uma criança precisa de muita atenção e, por vezes, é frequente as mesmas cobrarem com mais intensidade e frequência essa atenção para fazerem ou terem atitudes correctas. Daí que muitas crianças adoptem comportamentos menos correctos,

⁴⁷Cfr. Pimenta, Maria de Encarnação, *Eventuais causas e consequência da delinquência em Angola*, Calçada das Letras – Lisboa, 2010, p.16.

só para chamarem a atenção; desta forma demonstram que necessitam de constante atenção, carinho e afecto.

A escola também muitas vezes está associada ao início da actividade delinvente, normalmente em casos de insucesso escolar. Face a um ambiente familiar com uma estrutura precária, ou simplesmente inexistente, a escola funciona normalmente como um local de fuga, o sítio onde o jovem projecta os conflitos e dificuldades de adaptação sobre o professor. Desta forma, a escola serve só como um ponto de encontro e local de manifestação das frustrações familiares. Quando as dificuldades se tornam acrescidas face às matérias leccionadas pelo professor, os jovens perdem o interesse e começam mesmo a faltar às aulas. “A falta à escola e por repetição pode ser feita de modo solitário ou em bando (...), o que é um aspecto significativo. O insucesso e a delinquência são a consequência da posição que as classes sociais inferiores adoptam.” (Lopes, 1995: 87-88).

As más influências nas escolas também levam à entrada no domínio da delinquência juvenil, desde as faltas às aulas, até à adopção de comportamentos desviantes que, aparentemente, nada tem a ver com as atitudes das crianças. Normalmente, essa manifestação de comportamento associa-se aos bandos/gangs juvenis. “O “gang juvenil” funciona como um refúgio, um meio de integração e de um modo de aprovação que o delinvente necessita para readquirir confiança em si próprio.

O bando valoriza as falhas, dá ao indivíduo a possibilidade de desempenho de um papel, mas também é um meio que liberta a violência e proclama a injustiça da ordem estabelecida, uma vez que os liberta da interdição do mundo social” (Lopes, 1995: 44).

Estas companhias podem levar a comportamentos associados ao alcoolismo, às drogas, brigas, furtos e a causar os mais diversos distúrbios. Além disso, também estão próximos do roubo e de serem apanhados pelas autoridades, logo estes comportamentos levam as escolas, inclusive professores, a adoptar medidas para acabar com este tipo de situações.

“A escola surge como manipuladora de imagens e atitudes, um discriminador social portanto, ao ser reflexo da sociedade dominante, torna-se também ela à sua semelhança controladora e coerciva forçando a adaptação” (Lopes, 1995: 87-88).

Outros agentes que levam a delinquência juvenil, são os órgãos da comunicação social. Segundo Luís Farinha (2000), um dos casos de início da actividade delinvente,

são os meios de comunicação, tanto o cinema como a televisão, que transmitem filmes com comportamentos violentos que os jovens tentam seguir, pese embora o facto de que, por si só, este factor isolado não nos parece suficiente para fazer despoletar a tomada de comportamentos delinquentes, pelo menos reiterados.

Os meios de comunicação também vinculam as ideologias dominantes. Logo, ao ter contacto com certos comportamentos, os jovens são facilmente influenciados a agir em conformidade com os seus heróis e a adoptar os seus ideais de comportamentos. Sendo assim, podemos dizer que uma maior exposição a comportamentos violentos transmitidos pela comunicação social se pode constituir como uma causa da delinquência juvenil nalguns indivíduos, e em contexto muito próprio. Esta tese, aliás, é recorrentemente evocada para, em termos de associação causa efeito, explicar crimes cometidos por crianças.

3.3.2 . As famílias monoparentais

A estrutura das famílias monoparentais é considerada como uma das causas da delinquência juvenil em Cabo Verde, de acordo com o Estudo sobre os jovens em conflito com a lei, que nos apresenta os seguintes dados: num universo de sessenta e oito (68) jovens, com idade compreendida entre 12 a 16 anos, encontramos cerca de setenta e três, por cento (73%), vivem somente com a mãe. Onde cerca de setenta e cinco por cento (75%), ficaram nessa situação desde os oito (8) anos de idade. Também trinta e um por cento (31%), vivem sem a mãe dos quais quarenta e quatro por cento (44%), vivem assim desde os oito (8) anos.

Tendo em conta esses dados estamos de acordo com esse estudo demonstrando que a família é um dos factores principais da delinquência juvenil em Cabo Verde. Qualquer família deve pautar para o bem dos seus filhos, acompanhar e apoiar-os ao nível da educação, saúde e nunca esquecer de demonstrar os sentimentos afectivos, para que possam sentir que têm o amor, confiança e protecção familiar, tornando-os importante no seio familiar.

É dever dos pais mesmo vivendo separadamente do, acompanhar os seus filhos na educação e mostrar sempre aberto a diálogo, porque todas as crianças adolescentes/jovens precisam sentir esse afecto de confiança que será útil na sua identificação como pessoa futuramente. Ainda é dever dos pais e encarregado de educação transmitir os valores, e cultura da sociedade em que se encontra inserida

mesmo estando separados. A separação não pode ser vista com a ruptura com os seus deveres perante os filhos/educando porque a separação não implica a ruptura do afecto ou responsabilidade como pai ou como mãe.

A ausência dos pais ou famílias monoparentais faz com que haja muitas vezes o excesso de liberdade para o educando, uma vez que o pai ou mãe não possui tempo suficiente para controlar o seu filho/educando. Desta forma fica difícil saber o que o filho faz ou deixa de fazer no seu dia-a-dia. Por exemplo, a criança pode faltar as aulas e o encarregado de educação não tem conhecimento. Quando deviam participar nas reuniões dos pais e encarregado de educação onde poderia saber como que andam os seus filhos, simplesmente não aparecem por causa da sua ocupação de serviço em busca do sustento para a família e a escola que também devia fazer com que saibam o que se passa com os filhos simplesmente não fazem com que esta informação chegue ou então só chegará muito tarde.

De referir que a falta de acompanhamento/controlo pelos pais no desenvolvimento da criança/jovem podem muitas vezes derivar o princípio dos comportamentos anti-sociais. Quanto mais cedo os pais tiverem ao pé dos seus filhos melhor possam conhece-los, sabendo o que querem, com quem andam, o que fazem, e mostra-los que estão perto e que podem sempre contar com eles melhor. Devem demonstrar aos filhos que os pais são como um suporte e amigo ao mesmo tempo, porque caso contrário sempre que tiverem problemas recorrem à outros amigos/colegas de grupo da escola e daí podem ser influenciado para um mau caminho e começam a entrar no mundo da delinquência.

3.3.3 . Fluxo migratório interno

O fenómeno de migração quando acontece tanto á nível interna ou externo tem sempre causas ou motivos que levam pessoas à praticar tal acto. No caso de Cabo Verde, mais concretamente a migração de outras ilhas ou do interior da ilha de Santiago para a cidade da Praia, é um fenómeno que está a aumentar paulatinamente.

Essa migração caracterizada por êxito rural por parte das pessoas que abandonam o campo com destino de fixarem na cidade da Praia.

No caso em questão que são migrações internas, não há dúvidas nenhuma que a causa é simplesmente espontânea ou melhor dizendo, as pessoas migram em busca de melhores condições de vida (causas económicas), tendo em conta que a cidade da Praia

é capital do país e o centro urbano mais importante onde se regista as maiores transacções económicas e financeira, giradora de posto de trabalho.

Na cidade é mais fácil encontrar o emprego, melhor salário, melhor qualidade de ensino, infra-estrutura e serviços (hospitais, transportes, educação, etc.).

Este fenómeno migratório acarreta sempre um conjunto de consequências sociais que se relacionam entre-se tanto para o lugar de origem e também para o lugar de destino principalmente.

Como no caso do êxito rural, têm as seguintes consequências para a cidade: faz com que haja um aumento da população em grande número, onde nem todos conseguem triunfar na vida. Ao não conseguir atingir os seus objectivos, logo, começam a passar necessidade básicas. Não conseguem viver dentro da cidade, logo, vão fixar nas periferias das cidades num dos bairros degradados/pobre, tendo em conta que o arrendamento é muito mais económico, mais sem condições condignas. São zonas urbanas sensíveis, onde muitas vezes não possuem, casa de banho, água canalizada, electricidade, saneamento etc.

Também aumenta o desemprego no lugar de destino, uma vez que a cidade da Praia não têm capacidade para gerar o emprego para todos, porque a maioria dos que vão para a cidade não possuem qualquer formação profissional e nem qualificação. Todas essas consequências que virá a aumentar a pobreza na cidade, alargamento dos bairros degradados, escolas superlotadas com excesso de alunos, famílias desestruturadas, desigualdade social, aumento da criminalidade, tráfico de droga, e por último leva à exclusão social etc.

Com este cardápio de consequências negativas, haverá um ambiente propício para que haja conflitos de classes e aparecimento da delinquência, porque os filhos de certeza terão problemas de adaptação nas escolas, não conseguindo acompanhar os outros colegas da classe média ou média alta, caindo na frustração. Esse motivo da frustração pode ser tanto por causa das reprovações ou simplesmente por não terem as mesmas coisas (roupa, sapatos, telemóveis), que desperta atenção e curiosidade nos adolescentes/jovens. Ali mesmo nas escolas começam a formar pequenos grupos dos inadaptados ou classe média baixa porque sentem excluídos. Já ali começam a tentar arranjar outras formas de ter as mesmas coisas que têm os seus colegas, sem levar em conta as consequências para os obter. Sabendo que não possuem meios para comprar

começam a aparecer a actuação dos grupos de jovens, atacando colegas das outras escolas, pessoas e fazer furtos em viaturas.

3.4. A actuação da Polícia Nacional de Cabo Verde perante os grupos de “Thugs.”

A actuação da PNCV perante os grupos de “thugs” goza do *jus imperii* por força do n.º1 do artigo 244.º⁴⁸ da lei mãe cabo-verdiana, a CRCV e por força do artigo n.º 2 da Lei Orgânica da Polícia Nacional de Cabo Verde, aprovado pelo Decreto-Lei 39/2007 de 12 de Novembro.

A Polícia Nacional, designada abreviadamente por PN, é uma força pública uniformizada de natureza civil, profissional e apartidária, de âmbito nacional, dotada de autonomia administrativa, financeira e operacional⁴⁹.

A PN integra as áreas de Ordem Pública, Guarda Fiscal, Polícia Marítima, Trânsito, Estrangeiros e Fronteiras, e Polícia Florestal⁵⁰, que têm por finalidade defender a legalidade democrática, prevenir a criminalidade e garantir a segurança interna, a tranquilidade pública e o exercício dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos.

A PNCV é uma força de segurança que está ao serviço da sociedade e para a sociedade. Por isso a Polícia existe para garantir os direitos em prol das pessoas, uma vez que a mesma é um Serviço da Administração Pública.

A actuação da PNCV pauta-se por um conjunto de princípios que a norteiam: princípio de legalidade; princípio de proporcionalidade, princípio da prossecução do interesse público, princípio da actuação preventiva, princípio da boa-fé, princípio da lealdade; princípio da igualdade e princípio da imparcialidade. Estes princípios (transversais a qualquer Estado de Direito Democrático) constam na CRCV e na lei orgânica da PNCV, uma vez que “Cabo Verde é uma República soberana, unitária e democrática, que garante o respeito pela dignidade da pessoa humana e reconhece a inviolabilidade e inalienabilidade dos direitos humanos como fundamento de toda a comunidade humana, da paz e da justiça” (artigo n.º1 da CRCV).

⁴⁸Cfr. Artigo 244º, n.º 1 da Constituição da República de Cabo Verde “A Polícia tem por funções defender a legalidade democrática, prevenir a criminalidade e garantir a segurança interna, a tranquilidade pública e o exercício dos direitos dos cidadãos”.

⁴⁹Cfr. Artigo nº1, da Lei Orgânica da Polícia Nacional de cabo Verde, Aprovado por Decreto-Lei 39/2007.

⁵⁰Cfr. Artigo 2.º nº2, da Lei Orgânica da Polícia Nacional de Cabo Verde, aprovado por Decreto-Lei 39/2007.

“A Polícia é um símbolo dos mais visíveis do Poder e é por isso essencial que o povo tenha a confiança na sua integridade⁵¹”.

Segundo o n.º2 do artigo 244º da CRCV, todas as medidas levadas a cabo pela Polícia devem constar na Lei e obedecer aos princípios da legalidade, da necessidade, da adequação e da proporcionalidade e são utilizadas com respeito pelos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, visto que a actuação policial, na maior parte das vezes colide com os direitos, liberdades e garantias do cidadão.

No âmbito da prevenção da violência e criminalidade, a PNCV já realizou sessenta e duas (62) rusgas nos centros urbanos, trinta e três (33) operações de fiscalização de trânsito, trezentos e trinta e oito (338) rusgas em discotecas/bares e seiscentos e treze (613) em casas comerciais. Dessas operações fizeram a apreensão de duzentos e oitenta e sete (287) armas de fogo em 2009 e cento e cinquenta e cinco (155) em 2010, dos quais 50%, são armas artesanais “boca bedju”; foram, ainda, identificadas vinte e duas (22) oficinas de serralharia fabricantes das mesmas. Na Cidade da Praia foram apreendidas 90% dessas armas⁵².

A PNCV tem vindo a desempenhar uma função reactiva/repressiva, porque não tem meios (principalmente défice de elementos) para efectuar a prevenção. Desenrola-se toda uma investigação pós intervenção, porém não se fala propriamente numa prevenção.

A PN, tem levado a cabo um conjunto de medidas para conter este fenómeno, nomeadamente os serviços do DOIP, que se encontra no terreno a recolher informações que permitam a obtenção do maior número de dados respeitante aos grupos. Através deste departamento já foram identificadas mais de quinze grupos existentes na cidade da Praia. Da informação recolhida consta: o nome dos grupos, dados dos seus membros (nome, filiação, residência, cliché fotográfico entre outros), zona a que pertencem, áreas da actuação, lugares/pontos de encontro, líderes dos grupos e se estão ou não na posse de armas de fogo.

Tendo em conta que os grupos têm um grande número de elementos (muitas vezes em número superior ao do grupo policial que actua) às vezes tentam responder com violências contra os elementos policiais, tornando-se difícil conseguir aborda-los a todos; muitos conseguem escapar à actuação policial. Esta violência traduz-se em

⁵¹Cfr., Marques da Silva, Germano, *Ética Policial*, ISCPSP, 2001, p. 20.

⁵²Cfr. Telejornal do Canal televisivo (TCV), [consultado em 04/04/2011], disponível em <http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, publicado em 11/01/2010.

comportamentos hostis que passam pelo apedrejamento a viaturas e elementos policiais até disparos de armas de fogo.

Segundo o Senhor Subcomissário da PNCV, Bremem Cardoso, são raras as situações em que os elementos policiais são recebidos com disparos de arma de fogo (ver entrevista n.º1, em anexo). Contudo quando acontecem são fatais, resultando em baixas (mortes). Os casos mais frequentes são apedrejamentos seguidos de fuga.

Estes incidentes dificultam a actuação da Polícia que tem como principal finalidade servir a sociedade, respeitando e fazendo com que sejam respeitados os direitos aos cidadãos. A actuação da Polícia nem sempre é a mais acertada e nestes casos tem como consequências o aumento do crime, o reforço do “ódio” por parte dos delinquentes e o denegrir da imagem da Polícia.

3.5. Relação Escola/Família/Comunidade em Cabo Verde

Actualmente devido a globalização é impossível pensarmos na escola como algo fechado, restrito e estável a um grupo de pessoas ou a uma elite, todos têm direito à educação, desta forma os professores são confrontados diariamente com alunos provenientes de famílias com diferentes culturas, etnias, valores, crenças, de meios sociais variadíssimo, daí a necessidade de haver uma relação próxima entre a escola, a família e a comunidade onde os alunos estão inseridos para que a organização do sistema de ensino vai ao encontro das necessidades dos alunos.

Tendo uma relação de proximidade entre a Família/Escola e Comunidade, os professores terão mais informações sobre os valores defendidos pelos pais e/ou encarregados de educação que de uma certa forma são os mesmos transmitidos aos filhos, dando uma maior margem de intervenção dos professores/educadores na educação dos alunos.

Uma relação estável entre estas instituições de socialização (família, escola e comunidade) de uma certa forma atribui responsabilidades aos alunos fazendo com que se sintam importantes no seio familiar ou seja, sintam que os pais estão interessados em acompanhar todas as etapas do seu desenvolvimento.

A abordagem de questões relacionadas com o envolvimento das famílias e das comunidades no sistema educativo é algo recente, pois a cerca de 3 a 4 décadas atrás o modelo de ensino se encontrava assente na assunção de todas as responsabilidades do processo educativo pelo Estado central.

Este tipo de modelo de organização do ensino tinha os seguintes fundamentos:

- Construção de um sistema educativo nacional;
- Imputação ao estado central das responsabilidades de organização, afectação e gestão de recursos;
- Uniformização dos conteúdos e métodos de ensino.

A escola tinha a função de prestar serviço público num regime muito fechado onde intervinham os profissionais com maior ou menor grau de autonomia no exercício da actividade pedagógica.

Os objectivos deste sistema educativo eram os seguintes:

- Seleccionar e formar elites;
- Aquisição de competências mínimas (ler, escrever e contar).

No século XX, estes objectivos sofreram profundas alterações e foram progressivamente redefinidos e as competências deixaram de ser mínimas passando a ser básicas: não basta apenas (saber) ler, escrever e contar, mas também é preciso saber aplicar os conhecimentos em diferentes áreas do saber de modo a responder as exigências de compreender o mundo e acompanhar mudança acelerada do mesmo. A escolaridade obrigatória acompanhou todas estas mudanças no sistema educativo passando de 3 anos para 4, de 4 para 6, de 6 para 9 e actualmente discute-se a possibilidade de passar para 12 anos.

Perante tantas alterações no sistema educativo e na organização do mesmo passou a ser considerado importante a participação e colaboração de outras instituições como o caso da família e da comunidade partilhando responsabilidades e obtendo ganhos, deixando esta de ser da responsabilidade exclusiva do poder central.

Para concretização de tais parcerias no sistema educativo é preciso definir de forma clara as estratégias que serão utilizadas para a implementação de tais mudanças e dos papéis e responsabilidades que devem ser assumidas por cada um dos parceiros.

3.6.1. Conceito de família

O conceito de família é algo muito controverso e muito discutido, não existindo desta forma um consenso sobre o mesmo, tornando este conceito muito subjectivo.

“A família é um dos grupos primários e naturais da nossa sociedade, nos quais o ser humano vive e consegue desenvolver. Na interacção familiar, que é prévia e social (porém determinado pelo meio ambiente) configura-se bem precocemente a

personalidade, determinando-se aí características sociais, éticas, morais e cívicas da comunidade adulta. Por isso, muitos fenómenos sociais podem ser compreendidos analisando as características da família. Muitas reacções individuais que determinam modelos de relacionamentos também podem ser esclarecidos e explicadas, de acordo com a configuração familiar do sujeito e da sociedade da qual faz parte”. Knobel (1992, p.19), in *Família e Escola, um espaço interactivo e de conflitos*, p.29.

Sendo a família a primeira instituição social com a qual temos o contacto, cabe a esta instituição transmitir um conjunto de valores e normas de conduta social aceites pela comunidade onde estamos inseridos.

A partir da interacção familiar a que as crianças e os adolescentes estão submetidos diariamente é que vão construir as suas personalidades, e desenvolver um conjunto de características éticas, morais, sociais, religiosas, que quase sempre são as mesmas defendidas pelos pais ou outros membros do agregado familiar.

Todas as famílias vivem inseridas numa comunidade, logo, tudo o que se aprende no seio familiar acaba por ser do conhecimento da sociedade através das inúmeras interacções que existem entre a família e a comunidade e no sentido inverso todas as alterações sociais reflectem no comportamento e nas atitudes das famílias.

A escola sendo um meio de socialização a que todos têm direito é um espaço de encontro de pessoas provenientes de famílias e sociedades diversas, sendo assim considero de extrema importância que haja uma relação próxima entre esta instituição, as famílias e a comunidade de modo que a escola possa ter informações suficientes e necessárias sobre os seus alunos evitando desta forma grandes atritos entre os mesmos que muitas vezes são provocados pelas inúmeras diferenças sociais, culturais, familiares, etc.

Em todos os sistemas familiares existem regras que definem o que dele faz parte ou não, existem limites ou fronteiras que devem ser claros para que cada um saiba qual o seu papel e função dentro do mesmo formando um conjunto de subsistemas. O que deve existir é uma certa flexibilidade para que todos possam comunicar de forma livre com os diversos elementos dos outros subsistemas.

Em Cabo Verde a relação escola/família já teve outrora um grande distanciamento, como por exemplo não me lembro dos meus pais terem participado em nenhuma das reuniões convocadas pelas escolas que frequentei desde os meus 11 anos que frequentava o 1º ano do ciclo preparatório até o 12º ano.

Hoje em dia já existe uma maior fluência e aderência dos pais nas reuniões de direcção de turma, mais ainda não é o desejado, mas já se nota diferença, e esta relação próxima entre a escola e os pais atribuem uma certa responsabilidade aos alunos fazendo com que se sintam importantes no seio familiar ou seja, sintam que os pais estão interessados em acompanhar todas as etapas do seu desenvolvimento.

Consideramos importante explicitar o conceito de família para que haja a compreensão da importância da sua relação com escola. Este conceito é controverso não existindo desta forma um consenso sobre o mesmo.

“Família é a estrutura social básica, com entre jogo diferenciado de papéis, integrada por pessoas que convivem por tempo prolongado, em uma inter-relação recíproca com a cultura e a sociedade, dentro do qual se vai desenvolvendo a criatura humana, premida pela necessidade de limitar a situação narcísica e transforma-se em um adulto capaz, a DEFESA DA VIDA é o seu objectivo primordial”, (Soifer, 1983, p. 23), in Família e escola um espaço interactivo e de conflitos, p. 31.

A família é sem dúvida a primeira instituição social com a qual temos o contacto e cabe a esta instituição transmitir os valores e as normas de conduta social aceites pela sociedade onde estamos inseridos, pois esta instituição é fortemente influenciada pela cultura e pelas características da sociedade. É importante que a família seja capaz de transmitir segurança, conforto e estabilidade para que as crianças e adolescentes possam ser adultos confiantes, capazes de impor o respeito e de ser respeitado independentemente da sociedade e da cultura a que pertence. É de salientar que existe sempre conflitos no seio familiar, pois nem sempre os valores transmitidos pelos pais são aceites pelos filhos, uma vez que a cultura não é estática é natural que as normas sociais sofrem alterações ao longo do tempo e aquilo que hoje é aceite como certo pode não o ser num futuro próximo, sendo assim os pais também têm que acompanhar o desenvolvimento e as transformações sociais bem como as mudanças culturais a que todos estamos sujeitos.

Sendo a escola um espaço de socialização é importante ter o apoio de outras instituições de socialização como é o caso da família e da comunidade.

Na época colonial a fluência às escolas era de forma deficitária, foram poucos os que tiveram a sorte de frequentar uma escola e a escolaridade obrigatória era baixa (até 3ª classe).

Na época pós independência, o ensino passou a ser mais alargada mas mesmo assim foi limitado a um número reduzido de alunos devido a factores de várias ordens.

A relação entre a família e a escola nessa época era muito deficitária devido a seguintes factores: Elevada taxa de analfabetismo dos pais na época; Escassez de meio de subsistência; O número restrito de escolas existentes no País; A grande distância entre a escola e a residência dos alunos; A elevada taxa de natalidade e os pais não tinham meios para acarretar as despesas escolares, que não eram elevadas, mas faziam muita falta no seio familiar que eram numerosas; A necessidade que os pais tinham em sair de casa logo de manhãzinha para trabalhar, uma vez que todos praticamente viviam da agricultura, criação de gados e pesca; Os pais precisavam da mão-de-obra das crianças para ajudar na prática da agricultura e para cuidar dos animais, etc.

Segundo alguns autores, como é o caso Freud, Soifer e Kupfer, os limites e fronteiras de papéis entre os membros da família tem que ser respeitadas, caso contrário as famílias tornam-se disfuncional⁵³.

No caso de Cabo Verde, na época da modernidade considero que o tipo de família que prevaleceu foi o de uma família disfuncional, que segundo os autores supracitados podem ser famílias desligadas e famílias aglutinadas.

“Nas famílias desligadas, os limites são muito rígidos, tornando difícil a comunicação entre os seus membros e é como se dentro de uma mesma família existisse um individualismo muito grande a ponto de cada um se preocupar única e exclusivamente com o seu próprio bem-estar e sem se preocupar se as suas acções podem influenciar os outros membros ou não” (Soifer) In Família e Escola, um espaço interactivo e de conflitos).

Os filhos tinham que seguir todas as normas impostas pelos pais, sem o direito de contestar sobre o que quer que fosse, sendo assim muitos tiveram que abandonar os estudos muito cedo não por uma determinação própria, mas sim por obrigação de obedecer os pais. A comunicação era de tal forma deficitária que mesmo tendo a noção daquilo que queriam ser no futuro, por medo de dar a conhecer os sonhos e sentimentos continham para preservar a honra e o bom nome da família.

As mulheres na maior parte das vezes eram domésticas, não tinham uma voz activa na tomada de decisões sobre a educação dos filhos, como não trabalhavam fora

⁵³BALTAZAR, A.J., Moretti, H.L., Balthazar, C.M. (2006). “Família e Escola, um espaço interactivo e de conflitos”. São Paulo: Arte & Ciência Editora, P.30.

de casa não tinham o poder económico que lhes permitisse arcar com as despesas escolares dos filhos. Pode-se concluir que a relação entre a família/escola/comunidade nessa época foi praticamente inexistente e muitas vezes foi causado pela falta de informação dos pais e pelo tipo de famílias que prevaleceram na época. Claro que não há regras sem excepção existia um número reduzido de pais que se empenharam para que os filhos frequentassem a escola e acompanhar todas as etapas de desenvolvimento dos mesmos tendo uma participação activa na vida escolar dos mesmos.

Em todos os sistemas familiares existem regras que definem o que dele faz parte ou não, existem limites ou fronteiras que devem ser claros para que cada um saiba qual o seu papel e função dentro do mesmo formando um conjunto de subsistemas. O que deve existir é uma certa flexibilidade para que todos possam comunicar de forma livre com os diversos elementos dos outros subsistemas.

3.6.2. Tipos de famílias

Segundo alguns autores como Soifer e Kupfer, existem dois tipos de famílias em termos comportamentais com características distintas, em que devido a influência de cada um desses tipos de famílias os alunos têm atitudes diversas nas escolas.

Esses tipos de família são:

- Família funcional;
- Família disfuncional (famílias desligadas e famílias aglutinadas).

Uma família diz-se funcional quando existe a clareza das fronteiras e do papel que cada um desempenha, onde a comunicação é aberta tornando flexível a relação entre todos os elementos que a constitui.

Uma família disfuncional é aquela que responde a todas as mudanças internas e sociais (externas) e padroniza o seu funcionamento. O relacionamento entre os indivíduos no seio deste tipo de família é sempre rígido, não permitindo outras opções para além das estabelecidas, podendo ocorrer um bloqueio de comunicação no seio familiar prevalecendo um individualismo muito grande. Dentro das famílias disfuncionais encontramos ainda as famílias desligadas e famílias aglutinadas.

Nas “famílias desligadas” os limites ou fronteiras são muito rígidos, tornando a comunicação entre todos os membros muito difícil e praticamente inexistentes, dando a vida a um individualismo muito grande.

Actualmente existe um número elevado deste tipo de famílias devido ao ritmo de vida que prevalece na sociedade actual, que é caracterizado por um excesso de trabalho, a sociedade é cada vez mais materialista é necessário um ritmo de vida muito acelerado fazendo com que as crianças/adolescentes passem maior parte do seu tempo na escola, mesmo estando em casa, passam muito tempo à frente de um computador ou de uma televisão, tornando a comunicação entre os membros da família cada vez mais deficitária.

Nas “famílias aglutinadas” os limites ou fronteiras entre os membros não são bem definidos fazendo com que não haja uma distinção de forma clara dos papéis e funções de cada um. Isto faz com que todos se interferem de forma problemática na vida dos outros, sendo assim todas as atitudes e escolhas que são feitas por um dos membros sem pedir ou ouvir a opinião dos outros é caracterizada como sendo uma traição.

O tipo de relação que as crianças/adolescentes estabelecem com a escola está intrinsecamente ligado ao tipo de famílias e das características do meio social onde estão inseridos.

3.6.3. Relação escola/comunidade/ família disfuncional

Quando uma criança/adolescente estiver inserido numa família disfuncional em que a comunicação com os pais ou outros membros familiares é deficitária e praticamente inexistente, acabam por procurar outras formas para suprir as necessidades que tem de uma pessoa com quem contar e outros meios para se sentirem úteis na comunidade que pertencem.

Sendo assim, estas crianças e adolescentes necessitando de cuidados começam a apresentar problemas escolares tais como:

- Baixo aproveitamento/rendimento; Indisciplina na escola/sala de aula (podendo recorrer à atitudes violentos); Perda de interesse; Isolamento; Baixa auto-estima; Abandono, etc.

Se a família não estiver atenta para tentar concertar ou corrigir os seus erros a tempo e horas, não chegando a conclusão, que todas estas alterações podem ser consequências do próprio mau relacionamento que existe no seio familiar, podem surgir outros problemas sociais mais graves, tais como: Consumo de drogas (tabaco, álcool e outras drogas); Adopção de uma vida sexual promíscua; No caso das raparigas podem surgir uma gravidez precoce; Formação de gangs.

Todas estas atitudes negativas podem estar associadas ao facto de estarem a chamar a atenção dos familiares pelo que se esta a passar e como passam grande parte de tempo nas escolas procuram criar uma certa desestabilização do sistema escolar onde estão inseridos de modo que a escola possa comunicar aos pais e juntos consigam encontrar uma solução adequada. Mas, isto nem sempre acontece, muitas vezes as escolas não estão preparadas para enfrentar estes problemas onde estes alunos podem ser expulsos das escolas tornando a situação mais caótica.

Sendo a indisciplina algo perturbador que provoca no professor um sentimento de desconsideração, desprezo, que o leva a questionar-se sobre si enquanto pessoa, sobre o seu poder e sobre o seu papel enquanto docente, é importante que se interpreta estes comportamentos desviantes dos alunos de um outro ponto de vista, em que o professor seja capaz de questionar o porquê do mau comportamento do aluno, tentar conhecer a realidade familiar e social do aluno e fazendo a articulação entre estes três instituições de sociabilização é capaz de se chegar a uma conclusão mais concisa.

Muitas vezes as atitudes incorrectas dos alunos na escola/sala de aula reflectem a situação de instabilidade e de conflitos que existe no seio familiar e dos próprios problemas sociais do meio onde estão inseridos. Na maior parte das vezes a comunicação entre a escola e os pais/encarregados de educação desses alunos que apresentam imensos problemas disciplinares é muito difícil, pois embora recebendo recados, telefonemas e pedidos de comparência nas escolas, estas famílias tem uma conduta e uma postura muito rígida que como forma de evitar que a escola fique a par do que acontece no seio familiar simplesmente não comparecem a estas reuniões em grande parte das vezes.

É de salientar que os conflitos existem em todos os meios familiares, pois, todos temos as nossas diferenças, sendo assim o desejo de um não significa obrigatoriamente o desejo do outro, mas estes conflitos devem ser resolvidos através de um entendimento de forma passivo no seio familiar, evitando males maiores principalmente para as crianças e adolescentes.

3.6.4. Relação escola/comunidade/família funcional

Nas “famílias funcionais” a comunicação entre todos os membros é aberta, os pais são mais receptivos aos convites provenientes das escolas fazendo com que haja

uma maior interacção entre a escola e a família, sendo assim, as crianças e adolescentes ficam mais motivados se sentirem que são parte integrante de uma família e que as famílias estão interessadas em acompanhar o seu desenvolvimento, deste forma sentem-se mais confiante, têm mais prazer em estudar, o que pode levar ao sucesso nos estudos. Quando existe uma relação próxima entre a escola e a família todos saem a ganhar, os alunos, os pais, os professores e a própria comunidade.

Para os alunos as vantagens de uma boa relação com a escola e a comunidade podem se observadas através de: Melhor aproveitamento/rendimento escolar; Maior envolvimento nas actividades realizadas nas escolas; Tem uma maior motivação por aquilo que faz e uma maior auto-estima; Preocupa-se em fazer com os pais se sintam orgulhosos do seu trabalho; São mais confiantes; Procuram sempre estar em ambientes agradáveis longe das drogas, etc.

Havendo uma comunicação aberta entre todos os elementos da família torna a relação com a comunidade ou a sociedade envolvente mais saudável, pois permite aos pais estarem mais atentos aos filhos, ao que eles falam, ao que eles fazem, as suas atitudes e comportamentos que muitas vezes revelam as suas preocupações, descontentamento, a necessidade de uma maior atenção.

É muito importante que exista uma relação de confiança entre a família e a escola, para que a escola possa saber como ajudar a família na educação dos seus filhos, sem esta relação de confiança irá existir uma disparidade entre os princípios defendidos pelos pais e os defendidos pela escola. Não havendo esta relação muitas vezes os pais criticam os princípios defendidos pelas escolas na presença dos filhos fazendo com estes criem uma predisposição negativa face a escola não aceitando as normas impostas pelas mesmas.

Muitas vezes os pais criticam as escolas projectando nas escolas todos os fracassos dos seus filhos no processo de ensino/aprendizagem e nas mudanças sociais e as escolas também fazem o mesmo, projectando nas famílias todas as incompetências, falta de participação, falta de imposição dos limites aos filhos e na comunidade onde os alunos estão inseridos. Estas atitudes não favorecem uma aprendizagem de qualidade e significativa para os alunos, nem os ajudam na aquisição de um conjunto de normas e valores aceites pela sociedade, por isso é de extrema importância uma boa comunicação entre a escola, a família e a própria comunidade onde estão inseridos.

Na maior parte das vezes os princípios defendidos pelos filhos não são os mesmos defendidos pelos pais, desta forma é necessário que haja uma relação muito aberta, a ponto dos pais também reflectirem sobre as suas condutas, não querendo impor que os filhos aceitem tudo como sendo certo, sem criticar, sem discordar, pois os filhos têm as suas próprias personalidades que são construídas a partir das inúmeras interações que existe no meio escolar (professor/aluno, professor/professor, aluno/aluno, professor/administração da escola a que pertence), no meio familiar (pai/mãe, pais/filhos, irmãos/ irmãos, etc.) e das próprias interações com a comunidade envolvente (pais/vizinhos, vizinhos/vizinhos, amigos/amigos, etc.).

A comunidade pode intervir de uma forma sistemática no processo ensino aprendizagem criando associações (como por exemplo associação de pais, de elementos da sociedade interessados no bom desenvolvimento da escola da sua comunidade), através das autoridades locais (o apoio das juntas de freguesia) de modo que todo o processo ensino/aprendizagem não fique única e exclusivamente da responsabilidade dos professores e do poder central.

3.6.5. Vantagens de uma relação próxima entre escola/família/comunidade

Segundo (Silva, 2003) in Escola/Família/Comunidade, são várias as vantagens de uma boa colaboração entre estas instituições de socialização para que haja uma melhor aprendizagem dos alunos e combater desta forma o abandono e o insucesso, tais como: Os professores e as escolas passam a ter uma menor sobrecarga com um elevado teor de assuntos de carácter social; Aumento da preocupação dos professores com as questões relacionados com o saber e pelas aprendizagens na sociedade moderna, fazendo com que os docentes apresentem uma maior satisfação pelo seu trabalho; Tendência para descentralização e municipalização das escolas; Quanto mais estreita for esta relação, maior é o sucesso das crianças e adolescentes; As famílias vêm – se valorizadas socialmente (principalmente os dos meios sociais desfavorecidos); As associações de pais sentem um reforço e um reconhecimento do seu papel e sentem-se que cumprem o seu dever social; Para a comunidade a participação em actividade escolares ou seja a interacção escola/comunidade torna-se um símbolo de identidade local.

3.6.6. Desvantagens de uma relação próxima entre escola/família/comunidade.

Para alguns autores existe algumas desvantagens de uma relação próxima entre estas instituições, como por exemplo: É uma relação em que ao invés de propor um desafio, é caracterizado por uma relação em que todos podem sair a ganhar ou todos podem sair a perder, não existindo desta forma um meio-termo, pois, é algo que depende da sociedade a que a escola está inserida; Muitos professores ainda continuam a encarar a participação dos pais com insegurança mostrando que ainda não estão preparados para aceitar esta mudança; A participação dos pais e da comunidade nas escolas ainda continuam a ser vistas como algo externo, o que de certa forma continua a proporcionar um distanciamento entre estas instituições; Possibilidade de ocorrência de conflitos ou tensão devido a marcação de territórios.

Agora já podemos responder a nossa pergunta de partida, o fenómeno “thug” na Cidade da Praia é actualmente um problema de cariz social, que está englobado na delinquência juvenil. Este fenómeno está tornando cada vez mais difícil de combater, aumentando o número de grupos e/ou elementos. Já fez muitas vítimas mortais dentro da Cidade, incluindo danos patrimoniais.

No mesmo sentido de raciocínio, está deixando consequências sociais e/ou criminal, como aumento da criminalidade violenta, brigas entre bando e/ou gangs juvenis rivais. O fenómeno “thug” tem mais impacto na ilha de Santiago, mais concretamente na Cidade da Praia e também na mesma escala na ilha de São Vicente, na Cidade de Mindelo.

Conclusão

O fenómeno “thug” na cidade da Praia, já não deixa dúvidas nenhuma de que estamos perante um fenómeno bastante complexo e que precisa ser travado o mais rápido possível, uma vez que pode vir a adquirir proporções que provoquem a perda de controlo por parte das instituições que zelam para o bem da sociedade.

Quando mais cedo debruçarmos sobre este fenómeno melhor, tendo em conta que começou na ilha de Santiago (em algumas zonas da cidade da Praia) e alastrou-se de forma rápida para quase todas as zonas do subúrbio. Também já chegou a ilha de São Vicente, onde já existem muitos grupos de “thug” com características semelhantes às dos grupos da cidade da Praia. Todos esses grupos são bastante perigosos, cometem ilícitos praticamente todos os dias dentro da cidade, e nunca têm receio nas suas actuações.

A nossa investigação, associada ao que se vê e ouve-se nos meios de comunicação social (televisão, rádio, jornais e revistas) faz-nos reforçar a nossa conclusão admitindo como verdadeira a nossa primeira hipótese, contradizendo, desta forma, a segunda hipótese.

O fenómeno “thug” é a principal causa do clima de insegurança na cidade da Praia. Qualquer “pessoa de bem”, questionada acerca destes grupos, interpreta-os como sendo perigosos, delinquentes, desordeiros e que não têm receio de cometer qualquer ilícito, mesmo sem quaisquer motivos.

Nas rixas com grupos rivais, provocam sempre pânico e medo aos cidadãos em qualquer bairro, fazendo com que estes tenham medo de sair à rua com medo de serem atingidos por uma bala perdida.

A PN, nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2011, registou, na cidade da Praia, seis homicídios com armas de fogo, praticados por jovens delinquentes.

Quanto à terceira hipótese, a PN tem estado a fazer um enorme esforço para tentar travar esse fenómeno, porém, tem-se revelado uma tarefa quase impossível.

A resposta da PN é uma resposta repressiva; aborda os grupos durante e/ou após terem cometido ilícitos e repõe a ordem pública. A repressão tem-se mostrado ineficaz e a PN não dispõe de meios e técnicas adequados para dar respostas ao fenómeno através da prevenção. Para isto seria preciso formar uma comissão constituída por elementos de

diversas instituições (PNCV, Polícia Judiciária, ICCA, Igreja, Ministério da Educação, encarregados de educação e organizações não-governamentais) que deverá prestar serviço em pelo menos três níveis relacionado com a origem do fenómeno: jovem, família e comunidade.

- Quanto ao jovem sabe-se que a delinquência juvenil normalmente surge como uma reacção a tensões e pressões externas, causadas pela falta de oportunidades económicas e sociais. Neste contexto, e como já se referiu anteriormente, a repressão só serve para alimentar um ciclo contínuo da violência. A prevenção deverá ser feita o mais cedo possível de forma a garantir aos jovens um maior número de possibilidade de se integrarem na sociedade através da criação de condições para a sua formação profissional.

Deverão ser aplicados programas de ocupação de tempos livres de jovens com vista a reduzir o fraco desempenho escolar e a probabilidade de envolvimento precoce em comportamentos de risco. Programas do tipo, têm obtido resultados geralmente positivos; contudo, estes programas devem conter práticas adequadas de educação e supervisão. Como proposta apresentamos: a realização de acampamentos durante as férias escolares, torneios de modalidades desportivas e diálogo com os jovens, de entre outras. A atribuição de prémios aos vencedores (computadores portáteis, financiamento de cursos de informática, estadia em acampamentos/pausadas de férias etc.) é um bom incentivo para os jovens.

- Quanto à família dever-se-á fazer o acompanhamento (principalmente às mais carenciada e às monoparentais), complementado com algum apoio financeiro. Este acompanhamento consistirá em conhecer as necessidades das mesmas, conhecer/compreender a situação em que vivem, o que facilitará a aplicação da(s) medida(s) mais adequada(s). Poderão, ainda, ser criados centros de apoio, acolhimento e desenvolvimento de actividades, onde as crianças carenciadas possam direccionar as suas capacidades para diversas áreas do saber.

O Governo deverá arranjar políticas que permitam o crescimento das crianças num ambiente familiar estável e firme⁵⁴. A atribuição de isenção de propinas, bolsas de estudos, apoio alimentar, transporte escolar, entre outros, sempre revelaram-se ser medidas bastante promissoras.

⁵⁴Cfr., Directrizes das Nações Unidas para prevenção de crimes (o conselho económico e social das Nações Unidas tendo em conta a sua Resolução 2002/13 de 37ª Sessão Plenária, realizada em 24 de Julho de 2002).

- Quanto à comunidade o objectivo será reforçar as relações entre a mesma e as autoridades policiais. Existindo um sentimento de confiança na Polícia e um sentimento de segurança será possível estabelecer uma rede de supervisão e controlo dos jovens que reduzirá a possibilidade de eventos criminais. Reuniões com membros influentes da comunidade, contactos informais, “visita porta-a-porta”, permitirão um maior fluxo de informações relevantes sobre o fenómeno.

Assinatura

BIBLIOGRAFIA

ANDRÊ, Kuhn, **CÂNDIDO**, da Agra, *Somos todos criminoso?*, Casa da letras, 1ª Edição , 2010.

AAVV, *Dicionário enciclopédico da língua portuguesa*, selecções do Reader's Digest, Publicações Alfa, 1992.

AAVV, Dicionário de sociologia, *Vocabolaire pratique dès sciences sociales*, Les edictions ouvrièrs, Paris, 1966.

BALTAZAR, A.J., Moretti, H.L., Balthazar, C.M “*Família e Escola, um espaço interativo e de conflitos*”. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2006.

ALBUQUERQUE, Catarina de, “*Os Direitos da Criança no Mundo Globalizado – o princípio do interesse superior da criança*” In: **AAVV**, *Direitos da Criança*, Coimbra, Coimbra Editora/ Ius Gentium Conimbrigae, 2004.

ANDRADE, Manuel Costa, **DIAS**, Jorge de Figueiredo, **Criminologia: O Homem Delinquente e a Sociedade Criminógena**, 3ª edição, Coimbra editora, 1987

CAMPOS, Nuno de. *Menores infratores..* Florianopolis: Univ. Fed. Santa Catarina, 1979.

“*Cabo Verde e a Convenção dos Direitos das Crianças*,” Praia, Ministério da Justiça/ UNICEF, s.d.

CARDOSO, M. “*Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, Educação e infra-estruturas como factores de desenvolvimento*”. Edições Afrontamento, 2007.

COSTA, Joana da e Sérgio Soares, “*O gang e a escola, agressão e contra-agressão nas margens de Lisboa*,” edições Colibri, Lisboa, Maio de 2002

CUSSON, Maurice, “*Criminologia, Só pelo conhecimento se pode evitar a criminalidade*,” Artes gráficas, 1ª edição, Janeiro de 2006.

DIAS, Jorge de Figueiredo e **ANDRADE**, Manuela da Costa, *Criminologia, O homem Delinquente e a Sociedade Criminógena*, 2ª reimp. ; Coimbra Editora, 1997.

DIOGO, M.A. (2008). “*Investimento das Famílias na Escola, dinâmicas familiares e contexto escolar local*”. Lisboa, Celta Editora.

FARINHA, Luís, *Os aprendizes do crime: Delinquências Juvenis*, Lisboa: Hugin, Editores, 2000.

FERREIRA, Eduardo Veigas, “*Sebenta de Criminologia (lições aos alunos do CFOP), Estratégias de Prevenção Criminal*” – Pressupostos e Resultados Obtidos, edição policopiada, Lisboa, ISCPSI, 2007/2008.

FERREIRA, Manuel Marques, *Princípios Fundamentais porque se Deve Pautar a Acção Policial num Estado de Direito Democrático*, volume Comemorativo dos 20 anos do ISCPSI, Almedina, Coimbra, 2005.

FONSECA, António Castro, Ed., *Comportamento Anti-social e família*, uma abordagem científica, Almedina, 2002.

FONSECA, António Castro, Ed., *Comportamento Anti-social e Crime da infância a idade adulta*, Almedina, 2004.

ESTATUTO da criança e do adolescente e a construção da cidadania. Cadernos do Ceam. Brasília v. 2, n. 5. 2001.

GERMANO, Marques da Silva, *Ética Policial e Sociedade Democrática*, ISCPSI, 2001.

GIDDENS, Anthony, *Sociologia*, 8ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

GOMES, José Carlos e José Carlos Moniz Varela, Antropólogos “*Diagnóstico da Situação de Vulnerabilidade das Crianças em Situação de Rua Face às IST/VIH/SIDA*”, Cabo Verde, Jan./Fev. 2005.

GOMES, Paulo Valente, *A prevenção situacional na moderna criminologia*, Lição inaugural 1997/98 in Volume comemorativo dos 20 anos, Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Almedina, Coimbra, Outubro 2005.

GREGORI, Maria Filomena; **SILVA**, Cátia Aida. “*Meninos de rua e instituições: tramas, disputas e desmanche*”. São Paulo: Contexto, 2000.

HERPIN, Nicholas, *A Sociologia Americana – Escolas, Problemáticas e Práticas*, Porto, Edições Afrontamento, 1982.

LUCAS, Belarmino, *Pelo Direito a ter Direitos* In: AAVV, *Política Social para a Infância e Adolescência*, Praia, Ministério do Trabalho, Juventude e Promoção Social; Instituto Cabo-Verdiano de Menores; Fundo das Nações Unidas para a Infância, 1995 (Policopiado).

MIGUEL, Nuno *et al.* (1999), *Traços, laços e dependência*, in José Machado Pais (org.), *Traços e riscos de vida*. Porto: Ambar, 95-142.

NEGREIROS, Jorge (2001), “*Delinquências juvenis*”. Lisboa: Notícias editoras

NUNES, Carlos Casimiro, “*O jovem delinquente na Lei Tutelar Educativa e a educação para o direito*”, Polícia e Justiça, III Série, nº 8, 2006.

OLIVEIRA, Cármen S. de. “*Criminalidade juvenil e estratégias de (des)confinamento na cidade*”. Revista Katálisis, Florianópolis, v.9, n.1 jan./Jun.2006.

OLIVEIRA, Maria da Luz et al Sociologia -12º Ano. Lisboa: Texto, Editora, Lda., 2002.

OLIVEIRA, José Ferreira de, “*As polícias de segurança e os modelos de policiamento, A emergência do policiamento de proximidade*”, edições Almedina, Coimbra, Fevereiro de 2006.

PIMENTA, Maria de Encarnação, *Eventuais causas e consequência da delinquência em Angola*, Calçada das Letras – Lisboa, 2010.

PIMENTA, Maria de Encarnação, *Quem produz os delinquentes*, Calçada das Letras – Lisboa, 2010.

RAYMOND, Quivy Luc Van Campenhoudt, “*Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Tradução João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho, Revisão Científica Rui Santos, Departamento de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa.

ROGER, Muncchlelli, *Como eles se tornam delinquentes*, 1ª Edição, Moraes Editores, 1979.

SCHAEFER, Richard T, *Sociologia*, São Paulo, McGraw-Hill, 2006.

SILVA, Marques Germano, “*Ética Policial*”, ISCPSI, 2001.

VERONESE, Josiane Rose Petry; **SOUZA**, Marli Palma; **MIOTO**, Regina Celia Tamasso. “*Infância e adolescência, o conflito com a lei: algumas discussões.*” Florianópolis: Fundação Boiteux, 2001.

Teses consultadas

LOPES, Sara Cristina Martins (1995), *Os filhos da Privação: A relação entre privações psicossociais na primeira e segunda infância e o evoluir para patologia delinquência*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

SAMPAIO, Maria Bárbara Gonçalves (2010), *O outro lado da vida, delinquência juvenil e justiça*. Dissertação de Mestrado em ciências do serviço social: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

SILVA, Ana, (1999), *A problemática dos bandos de jovens delinquente*. Dissertação de Licenciatura em Ciências Policiais: Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

CABRAL, José Vaz (2008), *Da intervenção da Polícia no processo penal de Cabo Verde*. Dissertação de Licenciatura em Ciências Policiais: Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

SANTANA, Anisabel Gourgel (2009), *Delinquência juvenil: O caso de Luanda*: Dissertação de Licenciatura em Ciências Policiais: Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

Artigos Científicos consultada

GERSÃO, Eliana, *A Reforma da Organização Tutelar de Menores e a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança*, Revista Portuguesa de Ciência Criminal, n. 7, 1997.

Dados do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, *Resultado Preliminares do Recenseamento Geral da População e Habitação, 2010*.

CENTRO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO, *Estudo sobre os jovens em conflito com a lei*

KATIA, Cardoso, *O que há de global na violência colectiva juvenil na cidade da Praia? Algumas pistas iniciais de reflexão*.

SÍLVIA, Roque e KATIA Cardoso, *12a Assembleia Geral*, Governar o Espaço Público Africano, *Por que razões os jovens se mobilizam... ou não? Jovens e violência em Bissau e na Praia*, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, 07-11/12/2008.

REDY, Wilson Lima, *in Modernidade, Marginalização e Violência: Estratégias de sobrevivências e afirmação dos jovens em Cabo Verde e Guiné-Bissau*.

Sítios da Internet consultada

Portal do Governo: www.governo.cv

Motores de busca: www.google.pt ; www.sapo.pt ; www.terravista.pt

<http://movimentoreverso.blogspot.com/2008/02/histria-de-cabo-verde.html>,

Consultado em 15/11/2010.

<http://www1.umassd.edu/SpecialPrograms/caboverde/cvchronp.htm>, Consultado em 05/04/2011 e 12/01/2009.

<http://movimentoreverso.blogspot.com/2008/02/histria-de-cabo-verde.html> ,

Consultado em 15/11/2011

<http://www.angelfire.com/ky/Tavares/caboverde.htm>, Consultado em 05/11/2010

http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0510666_07_cap_02.pdf,

Consultado em 12/12/2010.

<http://www.angelfire.com/ky/Tavares/caboverde.htm>, Consultado em

05/04/2011.

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080903151333AA0jgNI>,

Consultado em 05/11/2011.

http://www.lfg.com.br/public_html/article.php?story=20080423161025478&mode=print, Consultado em 03/01/2011.

http://www.suapesquisa.com/religiaosociais/problemas_sociais.htm, Consultado em 03/03/2011

<http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, Telejornal do Canal televisivo, (TCV), publicado em 11/01/2010 e consultado em 04/12/2010.

<http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, Telejornal do Canal televisivo, (TCV), publicado em 12/01/2010 e consultado em 04/04/2011.

<http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, Telejornal do Canal televisivo, (TCV), publicado em 11/03/2011 consultado em 04/04/2011.

<http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, Telejornal do Canal televisivo, (TCV), publicado em 02/03/2011 e consultado em 04/04/2011.

<http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, Telejornal do Canal televisivo, (TCV), publicado em 22/11/2011 e consultado em 04/04/2011.

<http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, Telejornal do Canal televisivo, (TCV), publicado em 19/12/2009 e consultado em 04/04/2011.

<http://www.rtc.cv/tcv/index.php>, Telejornal do Canal televisivo, (TCV), publicado em 11/01/2011 e consultado em 04/04/2011.

Diplomas Legais e Legislação consultadas

Constituição da República de Cabo Verde aprovada por Lei Constitucional nº1 /V/ de 23 de Novembro.

Código Penal de Cabo Verde, aprovado por Decreto – Legislativo nº4/2003 de 18 de Novembro.

Código processo penal de Cabo Verde, aprovado por Decreto - Legislativo nº2/2005.

Lei Orgânica da Policia Nacional de Cabo Verde, aprovado por Decreto – Lei 39/2007.

Lei da segurança Interna e Prevenção da Criminalidade, aprovada pela lei nº16 /VII/2007.

Lei Titular Sócio – Educativa, aprovada por Decreto - Legislativo nº 2/2006 de 27 de Novembro.

Projecto de intervenção educativa 2010, Centro Sócio Educativo Orlando Pantera.

Regulamento Interno – Centro Sócio - Educativo Orlando Pantera.

ANEXOS:

Guião de entrevista à elementos da polícia Nacional da República de Cabo Verde.

1. O que representa a delinquência juvenil (thugs) para o estado da segurança na cidade da Praia neste momento?
2. A Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequados para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?
3. A PNCV ministra formações para os seus agentes no âmbito de combate da delinquência juvenil?
4. Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com a PNCV no combate a delinquência juvenil (thugs)? Se existem quais são e de que forma se trabalham?
5. Esses delinquentes denominado de thugs, na sua interpelação, mostram violência contra as autoridades policiais? Se sim, então de que maneira fazem isso?
6. Quais são os actos delinquentes que cometem com maior frequência?
7. A PNCV tem alguma equipa vocacionada para trabalhar com esses jovens?
8. Quais são as medidas levados a cabo pela PNCV, quando interceptar um delinquent (thugs) menor de idade a cometer ilícitos?
9. Quais são os *modus operandi* dos grupos de thugs, na cidade da Praia?
10. Uma má actuação dos agentes da PNCV, perante o fenómeno da delinquência juvenil (thugs), pode trazer consequências? Se a resposta for sim, quais são?
11. O que pensa da criação de equipas de escola segura à semelhança de Portugal, para lidar com a delinquência juvenil, dado que muitas vezes começam a apresentar comportamentos de delinquência na escola?
12. Qual o maior problema que a PNCV enfrenta perante a sua actuação com os grupos de thugs?
13. Qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno? 14. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi abordado nesta entrevista?

Guião de entrevista à assistente social da Associação para as Crianças Desfavorável (ACRIDES).

1. Qual é o vosso papel perante aos jovens delinquentes na cidade da Praia?
2. Os jovens (thugs) que estão a cumprir pena, recebem assistências por parte da vossa instituição para o processo de reintegração na sociedade? Se sim, então de que forma?
3. Na tua opinião qual é o papel que a família e a escola têm no processo de formação dos jovens e no combate a delinquência juvenil?
4. Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com ACRIDES em função desses jovens (thugs)? Se existem quais são e de que forma se trabalham?
5. Qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno?
6. Acha que a delinquência juvenil (thugs) na Cidade da Praia esta a ser combatida da melhor forma? Justifica a tua resposta.
7. Como classifica os elementos de um grupo de thug, vítimas ou delinquentes? Justifica.
8. Acha que a Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequadas para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?
9. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi abordado nesta entrevista?

**Guião de entrevista a Director do Serviço de Reinserção Social
do Ministério da Justiça de Cabo Verde.**

1. Os jovens (thugs) que estão a cumprir pena, recebem assistências por parte dos serviços sociais para o processo de reintegração na sociedade? Se sim, então de que forma?
2. Na sua opinião quais são as causas que estão na origem do fenómeno da delinquência juvenil (Thug) na cidade da Praia?
3. O que representa a delinquência juvenil (thugs) para o estado da segurança na cidade da Praia neste momento?
4. Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com o Serviço da Reinserção Social em função desses jovens (thugs)? Se existem quais são e de que forma trabalham?
5. O Serviço de Reinserção Social está apetrechado de meios e técnicas adequados para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?
6. Quais são os meios que se devem adoptar para combater o fenómeno thugs na cidade da Praia?
7. Qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno?
8. Acha que a Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequados para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?
9. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi abordado nesta entrevista?

Entrevista 1: Subcomissário da PN Bremem Cardoso

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E
SEGURANÇA INTERNA**



**TESE DE MESTRADO DE ASPIRANTES A OFICIAIS DE
POLÍCIA**

**" A DELINQUÊNCIA JUVENIL: O FENÓMENO “THUG”
NA CIDADE DA PRAIA"**

**ENTREVISTA À ELEMENTOS DA POLÍCIA NACIONAL DA
REPÚBLICA
DE CABO VERDE.**

Objectivos:

Os objectivos desta Entrevista consistem na obtenção de ilações acerca das hipóteses levantada por nós e saber se a Polícia Nacional da República de Cabo Verde está preparada para pôr o fenómeno da delinquência juvenil.

Hipóteses:

- O fenómeno “thug” na cidade da praia é de momento, o principal causador da insegurança para a população cidadina.
- Será que a PNCV está apetrechada de meios e técnicas para pôr término o fenómeno “thug” na cidade da Praia
- O fenómeno “thug” não é o principal causador da insegurança para a população cidadina.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: **BREMEN CELESTINO DE SOUSA LEVY CARDOSO**

Residência: **CABO VERDE - PRAIA**

Naturalidade: **CABO-VERDIANO**

Habilitações Literárias: **LICENCIADO EM CIÊNCIAS POLICIAIS (ISCPSI)**

Tempo de Serviço na Instituição: **14 ANOS**

Função que desempenha: **COMANDANTE ADJUNTO DA ESQUADRA DE INVESTIGAÇÃO E
COMBATE À CRIMINALIDADE**

1. Actualmente o que representa a delinquência juvenil (thugs) para o estado da segurança na cidade da Praia?

Este fenómeno representa de facto uma preocupação. A PN em 2011, tem já registado na Cidade da Praia, nesses dois meses e meio seis homicídios com arma de fogo, praticados por jovens delinquentes. A delinquência juvenil na Cidade da Praia tem vindo ano após a constituir motivo de preocupações, para as autoridades cabo-verdianas que lidam directamente com o problema, mas também para a sociedade em geral.

O Fenómeno tem mexido não só com o sentimento de segurança dos munícipes da Praia, mas também, com todo o aparelho do Estado, nomeadamente, no que toca ao desenvolvimento económico (turismo, investimento externo), com a Justiça, Segurança Interna etc.

Face ao fenómeno, tem havido um esforço por parte do governo, no sentido de investir no combate deste flagelo. Tem havido algum investimento tanto de ordem social, como ao nível das instituições da segurança e da justiça para debelar o problema.

2. A Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequadas para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?

Podemos considerar que os meios de que dispõe nesse momento são suficientes.

Em termos materiais a PN, tem neste momento para além das Esquadras, três unidades policiais que lidam directamente com a problemática da delinquência: temos a Unidade do Piquete que atende as camadas de emergência; temos a Brigada Anti-Crime (BAC) e a Brigada de Investigação Criminal (BAC) que passaram há bem pouco tempo a funcionar de forma unificada e num edifício remodelado, com mais meios autos e com um pequeno aumento de efectivo.

Essas unidades receberam recentemente algumas formações ministradas internamente por portugueses, espanhóis e franceses, em técnicas de abordagem policial.

Todavia, tratando-se de um problema dinâmico e em constante mutação, e que exige dos policiais não só meios materiais como também humanos, é preciso que haja mais investimentos, permitindo assim que elementos policiais ajam com maior eficiência e eficácia nesse combate. Na minha opinião a PN, por si só não consegue “pôr fim ao fenómeno Thugs”, porque é um problema que não pode ser enfrentada

apenas com os meios repressivos ou reactivos. É preciso que a PN aja de forma integrado e em parcerias com outras instituições que lidam com a problemática. É de facto necessário que haja uma política de prevenção, actuando nas causas sociais que estão na base dessa delinquência. É preciso combater a exclusão social, diminuir o fosso que existe entre ricos e pobres.

3. A PNCV ministra formações para os seus agentes no âmbito de combate da delinquência juvenil?

Tal como já tinha respondido no ponto anterior, as unidades que lidam directamente com a delinquência, tem recebido algumas formações no âmbito das técnicas de abordagem policial. No entanto, temos ainda algumas deficiências da parte dos agentes no que toca ao melhor enquadramento das situações à luz da legislação ou protocolos existentes e no melhor encaminhamento das situações que se deparam.

É necessário que as formações que são ministradas tenham de facto uma aplicação prática à realidade cabo-verdiana, mas também que seja de forma contínua, ou seja, que se faça reciclagens para que os agentes estejam sempre actualizados.

4. Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com a PNCV no combate a delinquência juvenil (thugs)? Se existem quais são e de que forma se trabalham?

Sim. Existe de facto algumas instituições como por exemplo: O ICCA (Instituto Cabo-verdiano de Crianças e Adolescentes) O Ministério Público; a Delegacia de Saúde, Centro de Recuperação da Granja (Um centro de reinserção de jovens com problemas de toxicodependência); ONG's (e.p ACRIDES, Infância Feliz; Centro - Jovens de Safende). Em algumas ilhas, como a do Fogo, essas instituições trabalham em rede, ou seja, um determinado caso uma vez chegado ao conhecimento de qualquer dessas entidades é dado o seu devido tratamento e encaminhamento de acordo com as respectivas competências. A rede tem por objectivo detectar e partilhar a informação, permitindo maior encaminhamento e celeridade na resolução dos problemas, envolvendo jovens delinquentes ou em situações de risco.

No caso da Praia em particular, existe esta vontade, no entanto, a sensação que eu tenho é que ela funciona de forma deficiente. Muitas das vezes um caso dá entrada na Polícia e é solucionada apenas sob o ponto de vista judicial. Dai que temos casos de jovens que cometem a delinquência de forma reincidente.

5. Esses delinquentes denominado de thugs, na sua interpelação, mostram violência contra as autoridades policiais? Se a resposta for sim, então de que maneira fazem isso? Por vezes sim.

Existem já algumas situações em que jovens delinquentes em situações de vantagem numérica, atacam elementos policiais, principalmente quando andam só e fora de serviço. Existem casos raros em que elementos em serviço e respondendo a uma solicitação de desordem na via pública, são respondidos com disparos de arma de fogo da parte dos delinquentes, mas que não demora mais do que cinco minutos e raras vezes resulta em baixas (mortes) das partes em confronto.

Em regra esse tipo de confronto armado é muito raro, o que acontece na maior parte das diligências policiais é que os delinquentes quando estão em desordem ou incivildades, procuram quase sempre fugir quando avistam a viatura da polícia.

6. Quais são os actos delinquentes que cometem com maior frequência?

A Polícia diariamente vem enfrentando problemas de delinquência um pouco por todos os bairros da capital. Ela se manifesta através de incivildades, roubos nas residências, assalto as pessoas, brigas entre grupos rivais, com o conseqüente aumento do sentimento de insegurança na população. Em termos materiais, provocam danos nos patrimónios das pessoas, denúncias existem de danos nas viaturas das pessoas, nas portas e janelas etc.

Essa delinquência tem-se manifestado também de forma mais grave e com mortes, na Cidade da Praia, todos os anos temos estatísticas lamentáveis de homicídios entre grupos rivais. Como já tinha referido este ano na Cidade da Praia, temos já registado seis homicídios, resultantes dos confrontos entre grupos “Thugs”.

7. A PNCV tem alguma equipa vocacionada para trabalhar com esses jovens?

Actualmente existe a Esquadra de Investigação e Combate à Criminalidade, composto pelas unidades BIC e BAC. Esta esquadra foi inaugurada recentemente, funciona na Achada Santo António, com o objectivo melhor planificar e debelar o problema da criminalidade e da delinquência na Cidade da Praia e devolver a tranquilidade e o sentimento de segurança aos praienses.

As duas equipas pertencentes à referida esquadra, funcionam sobretudo de forma reactiva ou repressiva. Faltando neste momento equipas policiais, vocacionadas para o trabalho preventivo junto a esses jovens. Todavia, é de se realçar que existe uma

pequena equipa de agentes, pertencentes à Esquadra da Achada Santo António (esquadra com função tradicional ou convencional) que trabalham junto às escolas mas que a meu ver, ainda funciona de forma muito incipiente e com falta de efectivos para levar a cabo a sua missão proactiva junto dos jovens estudantes. Esse tipo de trabalho preventivo é por vezes feito mais ao nível das instituições como o ICCA e ONG's vocacionados.

8. Quais são as medidas levados a cabo pela PNCV, quando interceptar um delinquente (thugs) menor de idade a cometer ilícitos?

Em princípio a Policia perante situações do tipo age nos termos legais, ou seja, conforme o estipulado na Lei Tutelar Educativa e nas demais normas que regulam sobre questões que tenham que ver com menores. Normalmente em caso de detenção em flagrante delito envolvendo menor, o caso é de imediato comunicado aos pais e encaminhado ao MP no mais curto espaço do tempo, nunca ultrapassando vinte e quatro horas. Temos ainda algum défice de procedimento a meu ver no que toca aos menores que cometam pequenas incivildades e que estão numa situação de abandono familiar. A Polícia nesses casos tem feito muito pouco, ou seja há pouca intervenção policial no sentido de encaminhar esses jovens para instituições de acolhimento ou de reinserção dos jovens. A Polícia limita a fazer o flagrante delito e a apresentar os delinquentes às autoridades judiciais. Essa intervenção apenas reactiva ou repressiva por parte da Polícia pode explicar a elevada taxa de reincidência dos jovens delinquentes, eles são presos ou submetidos ao internamento compulsivo e, quando postos em liberdade voltam para rua, e regressão para o mundo da delinquência.

9. Quais são os *modus operandi* dos grupos de thugs, na cidade da Praia?

A forma de agir deles não respeita a um único padrão, ela é diversificada. Por vezes o grupo age como um todo, e isso acontece quando entram em confronto com outros grupos rivais. Na maior parte das vezes os elementos integrantes dos grupos enfrentam-se armados. Utilizam armas de fogo de fácil aquisição, denominado “Boca Bedjo”. Trata-se de uma arma de fabrico artesanal que se faz em casa ou em algumas oficinas improvisadas da capital, por um preço que varia entre os 500\$00 aos 2000\$00.

Os motivos para essas brigas são quase sempre fúteis e sem qualquer fundamento plausível. Os grupos reivindicam apenas o território do qual são originários, delimitam as fronteiras. A titulo de exemplo um grupo x, impede (por meio de armas de fogo) que elementos de outros grupos se penetrem na sua localidade ou bairro, sem

qualquer motivo para tal rivalidade. Dessas brigas acontecem por vezes ofensas graves a integridade física ou até homicídios. A partir dali passa a surgir conflitos como forma de vingança e ajustes de conta.

Esses grupos para além das rixas, também estão em alguns casos envolvidos em assaltos a mão armada, pequeno tráfico e consume de droga. Os assaltos são cometidos não só para aquisição de dinheiro para a compra da arma de fogo, como também para sustentar o vício do consumo de droga. Esses assaltos (com arma branca ou de fogo), raras vezes são praticados por todos os elementos integrantes do grupo, ou seja, apenas dois ou três elementos podem estar envolvidos no cometimento de assaltos, normalmente escolhem como vítimas as mulheres os adolescentes ou velhos em locais pouco movimentados e de preferência à noite. Em termos de objectos, os mais visados nos assaltos, são as jóias (fios ou brinco de ouro) o dinheiro e o telemóvel.

10. Uma má actuação dos agentes da PNCV, perante o fenómeno da delinquência juvenil (thugs), pode trazer consequências? Se a resposta for sim, quais são?

Sem dúvida que sim. Tratando-se de uma problemática em envolvem jovens, e sendo cabo verde um país com cerca de 23% de população jovem, uma má actuação poderá reflectir ainda que indirectamente na proliferação do fenómeno da delinquência e consequentemente provocar um desenvolvimento deficitário do país. Cabo verde foi sempre tido como um país acolhedor e de “morabeza”, daí que a todo custo, a Polícia bem como as outras instituições que lidam com esse fenómeno, devem optar por uma estratégia de actuação que não venha a reflectir negativamente na imagem que Cabo Verde passa quer a nível interno como a nível externo. Somos um país que aposta muito no turismo, não será benéfico que esse ramo da economia do país fosse beliscado por causa da proliferação da delinquência dos jovens, com cometimentos de assaltos ou de confrontos armados, pondo em causa não só a segurança dos nacionais como dos turistas ou visitantes.

11. O que pensa da criação de programa escola segura à semelhança de Portugal, para lidar com a delinquência juvenil, dado que muitas vezes começam a apresentar comportamentos de delinquência na escola?

Penso que seria uma mais-valia e que muito teríamos a ganhar nesse campo.

Neste momento temos na Praia uma pequena equipa que supostamente deveria fazer algo a esse respeito, mas que como eu já referi, funciona de forma deficitária e

com resultados abaixo do esperado. É uma equipa que não tem nem meios materiais nem meios humanos suficientes para dar cobertura a tantos estabelecimentos de ensino existentes, falta-lhes ainda uma formação especializada para esse efeito. Para além disso esses elementos para além da preocupação como a segurança das escolas, eles estão também afectos a outros serviços da esquadra o que não lhes permite fazer um acompanhamento adequado nos moldes em que o programa “Escola Segura” requer.

Esse programa seria uma boa forma de dar combate ao problema da delinquência, agindo na vertente preventiva ou proactiva, que também deve ser uma das grandes valências da PN, enquanto Polícia Administrativa Geral. Como sabemos é quase impossível resolver o problema da delinquência juvenil, recorrendo apenas a métodos ou modelos repressivos.

12. Qual o maior problema que a PNCV enfrenta perante a sua actuação com os grupos de thugs?

Para além dos que já referi, um dos grandes problemas que tem que ver com o aumento de insegurança das pessoas, é o problema da reincidência. O que acontece é que esses jovens são por vezes apanhados em flagrante mas continuam no mundo do crime. Primeiro porque há uma falha na política de reinserção desses jovens, segundo porque a legislação que existe neste momento talvez por falta de recursos financeiros não está a ser bem aplicada. Os jovens cometem um ilícito criminal são presentes às autoridades judiciais, são postos em liberdade e continuam a cometer as infracções. A medida tutelar educativa não está a ser aplicada na sua plenitude, temos poucas instituições de reabilitação dos jovens e os que existem tem grandes problemas de recursos financeiros.

Quanto aos jovens que passaram pelo sistema prisional, e que deveriam ser preparados para reintegrarem novamente na sociedade, a sensação que eu tenho enquanto profissional da polícia é que essa reintegração não acontece na maioria dos casos. Os ex-presidiários jovens em contacto outros presos maduros e experientes, quando regressam à sociedade continuam no crime e por vezes mais cruéis no cometimento dos actos ilícitos, talvez fruto do mau ensinamento assimilado durante a sua estadia na prisão. Para além disso, a meu ver, uma das causas da reincidência pode ser explicada com o facto de esses jovens quando saem da cadeia não lhes são dados novas oportunidades de reintegração (emprego por exemplo).

A PN, tem essa dificuldade ou constrangimento que é o de ter que trabalhar diariamente com vários casos de jovens reincidentes, que acabam por ser como que uma espécie de “clientes da Polícia” principalmente quando falamos de jovens que cometem assaltos, por posse ilegal de arma, tráfico e/ou consumo de estupefacientes, ou por rixas de grupos.

13. Para ti qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno?

A escola e a família desempenham um papel fundamental em toda essa problemática. A escola hoje em dia não deverá cingir ao seu papel meramente académico ou seja, tradicional de ministrar apenas as disciplinas ou matérias curriculares. Ela devesse estar atenta aos fenómenos sociais de que os jovens estudantes fazem parte. A escola deve desempenhar um papel de regulador e de controlo ainda que informal. O sistema de ensino deve incluir nos planos curriculares, disciplinas que vão de encontro aos problemas sociais que hoje enfrentamos e educar para uma cidadania de responsabilidade. O problema da delinquência dentro e fora da escola não deverá passar despercebido aos educadores, sob pena dela atingir o próprio sistema.

A escola não poderá levar a cabo esta tarefa sem estar conectado à família. A família tem um papel preponderante na medida em que toda a educação tem o seu início no seio familiar. Qualquer estado deve na minha opinião apostar na família como um pilar para uma educação sustentável. Uma educação, em que a criança se desenvolve dentro de uma família capaz de prepará-la para os desafios e frustrações que possivelmente há-de encontrar no decorrer do seu desenvolvimento físico e intelectual.

Hoje em dia em Cabo Verde, temos constatado casos de delinquências em que possivelmente têm a sua génese na família não convencional ou desestruturada, onde a presença do pai é fraca ou inexistente, onde os recursos para uma educação digna dos filhos escasseiam. A maior parte dos chamados jovens em situação de delinquência que passam para a Polícia, provêm da chamada família desestruturada, como já referi apenas a mãe aparece como garante do sustento familiar, em que os filhos por vezes numerosos (seis ou mais), deambulam pelas ruas sem qualquer controlo. Faltando as aulas ou muitos em situação de abandono escolar.

14. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi abordado nesta entrevista?

Apesar de reconhecermos que de facto a delinquência tem crescido em Cabo Verde, cremos a PN num esforço conjunto e em parcerias com outras instituições poderá debela-la.

Entrevista 2: Subcomissário da PN Domingos Rosa

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E
SEGURANÇA INTERNA**



**TESE DE MESTRADO DE ASPIRANTES A OFICIAIS DE
POLÍCIA**

**" A DELINQUÊNCIA JUVENIL: O FENÓMENO “THUG”
NA CIDADE DA PRAIA"**

**ENTREVISTA À ELEMENTOS DA POLÍCIA NACIONAL DA
REPÚBLICA
DE CABO VERDE.**

Objectivos:

Os objectivos desta Entrevista consistem na obtenção de informações acerca das hipóteses levantada por nós e saber se a Polícia Nacional da República de Cabo Verde está preparada para pôr o fenómeno da delinquência juvenil.

Hipóteses:

- O fenómeno “thug” na cidade da praia é de momento, o principal causador da insegurança para a população cidadina.
- Será que a PNCV está apetrechada de meios e técnicas para pôr término o fenómeno “thug” na cidade da Praia
- O fenómeno “thug” não é o principal causador da insegurança para a população cidadina.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: **DOMINGOS GOMES DAROSA.**

Residência: **CALHETA DE SÃO MIGUEL.**

Naturalidade: **FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA – CONCELHO DA PRAIA.**

Habilitações **LITERÁRIAS: LICENCIADO EM CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA E MESTRANDO EM SEGURANÇA PÚBLICA.**

Tempo de Serviço na Instituição: **DOZE (12) ANOS DE SERVIÇO.**

Função que desempenha: **COMANDANTE DA ESQUADRA POLICIAL DE SANTA CATARINA DE SANTIAGO.**

1. O que representa a delinquência juvenil (thugs) para o estado da segurança na cidade da Praia neste momento?

R: A delinquência juvenil praticada pelos chamados “thugs” representa actualmente a principal causa de preocupação dos cabo-verdianos em matéria de segurança, ou seja a principal fonte do sentimento de insegurança vivida no país. Eu, por acaso estou a preparar a minha dissertação de mestrado subordinado ao tema dos “thugs” porque é um assunto bastante actual que tem vindo a merecer destaque nos órgãos de comunicação social, certamente pela violência cada vez maior que temos vindo a constatar nas ocorrências registadas pela polícia e noticiadas na comunicação social.

2. A Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequados para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?

R: Olha, como sei que pretende realizar um trabalho sério sobre esta temática, vou responder-lhe com toda a sinceridade: a polícia, sozinha, não está, nem de perto nem de longe, preparada com meios e técnicas para pôr fim ao problema, desde logo porque, conforme informações recolhidas no decorrer do meu estudo, esse fenómeno tem por detrás uma ideologia, diria quase que política, ou seja, entendo que os “thugs”, os verdadeiros “thugs” reivindicam a resolução das desigualdades sociais que têm vindo afectá-los. Quase todos eles (os verdadeiros thugs) são deportados dos Estados Unidos da América, e ao chegarem a Cabo Verde, não encontram o conforto a que estavam habituados, muitas vezes chegam ao país de origem e a família está toda ela ausente na emigração e então ficam sem apoios e como têm de se desenrascar de algum jeito escolhem a via mais fácil e também a mais perigosa, mas essa perigosidade, na maioria dos casos já lhes era familiar, porquanto, quase todos, senão todos os deportados tiveram antecedentes criminais no país de acolhimento e daí o repatriamento.

Mas muitos cabo-verdianos residentes estão a enveredar pela via da delinquência e se auto-denominam thugs, pela via da socialização, da interacção que têm, ou que tiveram com deportados que já eram “thugs”. A Polícia não está portanto preparada para pôr fim a esse problema, primeiro porque sozinha e pela via da repressão não consegue, não há técnica para isso. Pela via da prevenção também não está porquanto não dispõe ainda dos meios necessários para isso. A prevenção tem os seus custos e o Estado de

Cabo Verde, através dos sucessivos governos tem, do meu ponto de vista investido muito pouco no sector da segurança.

3. PNCV ministra formações para os seus agentes no âmbito de combate da delinquência juvenil?

R: Tem, sim senhor, mas podia fazer mais, temos que fazer mais. Mas apenas formação não chega. É preciso mais pessoal, mais meios de mobilidade e, essencialmente, maior abertura da instituição para acolher ideias novas, teorias e técnicas trazidas por pessoal que frequentou cursos superiores em segurança, como por exemplo os ex-alunos do ISCPSI. Quanto a mim, aliás para a maioria dos meus colegas licenciados em ciências policiais e segurança interna pelo ISCPSI, a sensação é a de que a instituição não tem vindo a aproveitar da melhor maneira dos quadros licenciados em ciências policiais, o que não deixa de ser um desperdício, visto que cada um de nós, com os conhecimentos adquiridos, muito mais poderíamos fazer se tivéssemos a oportunidade de estar colocados nos locais que inspiram cuidados acrescidos, aplicação de modelos de polícia e de policiamento mais adequados, consoante as necessidades e por aí fora. As formações ministradas são curtas e superficiais e muitas vezes dirigidas a pessoal que depois não vai trabalhar com a delinquência. Penso que no sector da formação, urge racionalizar, no sentido de darmos formação ao pessoal e depois aproveitarmos esse pessoal lá onde essa formação melhor se justifica.

4. Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com a PNCV no combate a delinquência juvenil (thugs)? Se existem quais são e de que forma se trabalham?

R: Existem. Posso enumerar por exemplo o Ministério Público, os Tribunais e os estabelecimentos prisionais, para a vertente repressiva. Mas outras há que, à semelhança da polícia trabalham na vertente proactiva, designadamente as associações comunitárias, as escolas, as igrejas, etc. Destes que referi poderia focar o papel importantíssimo, que hoje precisamente faz dezasseis anos, a Associação “Zé Moniz” tem vindo a desempenhar na Praia. Ao longo desses anos todos tem vindo, em muitos casos a preparar jovens para a vida e noutros a recuperá-los, através de formação profissional, formação cívica, palestras, campanhas de solidariedade, etc. As igrejas são cada vez mais chamados a assumirem um papel mais acutilante no controlo social, quer através da evangelização, quer através de acções de carácter social.

5. Esses delinquentes denominado de “thugs”, na sua interpelação, mostram violência contra as autoridades policiais? Se sim, então de que maneira fazem isso?

R: Nalguns casos sim. Note-se que estamos a falar de grupos de jovens que normalmente actuam de forma concertada e fortemente armados. A violência chegou a um nível tal que quanto mais armas tiverem melhor se sentem, visto que na lei do mais forte, quem tiver mais e melhores armas é mais respeitado, ou, se calhar, mais temido. A tradicional “boca bedju”, que é uma arma de fabrico artesanal, vem sendo substituída por armas mais sofisticadas nos confrontos entre bandos. No ano passado, em Achada Grande Frente ocorreu um caso que envolveu a utilização de AKM’s Kalashnicov’s, supostamente por “thugs” ex-militares. Daí que ao adquirirem armas servem-se delas (têm feito isso recorrentemente) para reagirem às intervenções policiais e ainda quando se entram em confronto com outros bandos, em muitos casos com consequências fatais.

6. Quais são os actos delinquentes que cometem com maior frequência?

R: As mais das vezes, assaltos à mão armada, agressões físicas (nos casos em que se verificam resistência aos roubos, por exemplo), homicídios, distúrbios, cenas de pancadaria e invasões de espaços públicos e privados seguidas de distúrbios, normalmente discotecas e outros lugares onde se organizam eventos.

Para fazerem demonstração de coragem e granjearem respeito dos rivais, muitas vezes invadem os bairros vizinhos, fazem disparos e nesses actos quase sempre alguém fica ferido, e nalguns casos chega a ocorrer mortes.

Note-se ainda que alguns desses bandos de delinquentes traficam droga, e nesse contexto começamos a ter relatos de lutas entre bandos para a defesa de territórios. Essas lutas ocorrem normalmente nas fronteiras entre os bairros, tratando-se de bandos diferentes, e noutros casos dentro dos bairros, tratando-se de bandos do mesmo bairro.

7. PNCV tem alguma equipa vocacionada para trabalhar com esses jovens?

R: Ultimamente criou-se a Esquadra de Investigação e Combate à Criminalidade, cujo efectivo é oriundo das brigadas anti-crime (BAC) e de investigação criminal (BIC). Essa Esquadra tem uma actuação essencialmente reactiva, mas nos casos de agressões graves ou mesmo de homicídios, têm feito um trabalho meritório na perseguição e detenção dos responsáveis, para além da investigação dos casos de assalto, aqui vulgarmente chamados “caçu bodi”.

8. Quais são as medidas levados a cabo pela PNCV, quando interceptar um delinquente (thugs) menor de idade a cometer ilícitos?

R: Olha, se quer que lhe diga, o “thug” dificilmente actua sozinho. A principal referência dos “thugs” é a participação em grupo de jovens em assaltos contra pessoas, cenas de pancadaria, autênticas batalhas campais, mas sempre em grupo, com doses de álcool e muita droga pelo meio.

Muitos grupos integram menores, infelizmente, e nesses casos a polícia nos centros urbanos, principalmente na Praia e no Mindelo onde a situação tende a piorar, tem dado mostras de algum desgaste e também de alguma desmotivação, visto que conforme queixam, a postura em liberdade de menores, principalmente os reincidentes pelas autoridades judiciárias é considerada pelos policiais como uma espécie de sabotagem ao trabalho da polícia. Estamos a falar dos casos em que de acordo com a lei de menores, a polícia detém em flagrante delito menores de entre os seus doze e os dezasseis anos, apresenta-os à Autoridade judiciária competente e é-lhes aplicada uma medida de coacção (nos casos em que realmente são aplicadas) que lhes devolve às ruas e voltam a reincidir.

9. Quais são os *modus operandi* dos grupos de “thugs”, na cidade da Praia?

R: Têm actuado muitas vezes abordando pessoa (s) à noite, quando de dia, em lugares pouco frequentados, imobilizando-as e retirando-lhes os bens, normalmente jóias, premeditadamente seleccionadas, telemóveis e dinheiro. Isto para os assaltos tem de facto constituído o *modus operandi* mais utilizado.

Já para os confrontos, entram nos bairros vizinhos na calada da noite, ou quando as ruas ainda têm gentes, em espaços de tempo em que se verifiquem apagões e, localizados os alvos, são feitos disparos, são utilizadas armas brancas, enfim, tudo serve para amedrontar o adversário ou rival, até pedras e garrafas.

10. Uma má actuação dos agentes da PNCV, perante o fenómeno da delinquência juvenil (thugs), pode trazer consequências? Se a resposta for sim, quais são?

R: Com certeza. Desde logo porque tratando-se Cabo Verde de um Estado de Direito, existem mecanismos externos de controlo da actividade policial, à semelhança de outras paragens. Com as nossas dificuldades de todas conhecidas, é certo, mas o Ministério Público e os Tribunais têm feito o seu papel na fiscalização do cumprimento

das leis pela Polícia, nalguns casos até há exageros, e nesses os elementos policiais têm-se mostrado desmotivados, quando não efectivamente penalizados ou responsabilizados pecuniariamente. Isto, se a má actuação de que estivermos a falar consubstanciar recurso ilegal aos meios coercivos, o que a verificar-se, pode ser enquadrado em tribunal no crime de ofensa simples ou qualificada à integridade física, consoante os casos. Se a má actuação não constituir crime, mas sim apenas atropelo às normas do Regulamento Disciplinar, pode dar lugar ao correspondente e competente processo disciplinar. Se nem um nem outro, obviamente que a má actuação não deixa de ter como consequência a ineficácia da actuação policial, ou seja, a não consecução dos resultados esperados, o que é mau.

11. O que pensa da criação de equipas de escola segura à semelhança de Portugal, para lidar com a delinquência juvenil, dado que muitas vezes começam a apresentar comportamentos de delinquência na escola?

R: Em Cabo Verde, existe ou pelo menos sei que existiu um programa “escola segura”, que na altura era dirigido pela então Primeiro Subchefe Antonieta Cunha, hoje Chefe de Esquadra. Mas a meu ver, o principal problema de Cabo Verde em matéria de segurança é, actualmente, depois da violência e do sentimento de insegurança provocado pelos “thugs” a partidarização da instituição policial. Isso tem levado ao que temos vindo a assistir, designadamente a propalação de programas de policiamento com fins claramente políticos, quando o que é devido que é a criação de condições para a realização dos referidos programas, quer a nível de recursos humanos, quer a nível de recursos materiais são simplesmente descurados. Talvez porque a segurança tem custos, de imediato só trás despesas e não dá lucros. Acho sim senhor que pela situação preocupante que estamos a viver, urge reflectir a segurança em Cabo Verde, do Ponto de vista das verdadeiras responsabilidades do Estado e dos governos em matéria de segurança. Sim, porque ela é tão necessária para a vida, quanto o pão para a boca. E não podemos continuar que pessoas a quem confiamos os destinos do país apenas falem de “policiamento de proximidade” quando se trata de demagogia política, conquistar votos ou confundir consciências, quando os políticos que o fazem, sabem que no país existem pessoas que tendo formação na área, facilmente percebem que eles não sabem do que estão a falar. Muitos políticos e até mesmo oficiais de polícia dizem que se está a fazer policiamento de proximidade no país. Nada mais falso, na medida em que policiamento de proximidade é muito mais do que arranjar carrinhas para deslocações ao interior, nas

ilhas de maior expressão eleitoral. Isso é brincar com a segurança e com a vida das pessoas. Equipas de “Escola Segura”? Sim senhora, estou de acordo. Mas que se trabalhe primeiro na preparação dos meios necessários para o efeito. Desde logo meios humanos e materiais. Como é que uma ilha como a Brava ou o Maio, com dez ou doze agentes podem fazer “Escola Segura”? Como é que a polícia nessas ilhas consegue fazer policiamento de proximidade quando muitas vezes não há viatura para se deslocar às diligências. Fico por aqui mas queria terminar dizendo que uma gestão de recursos humanos, sem políticas para a mobilidade definidas, sem um sistema de compensações catalisador de motivações credível, está votada ao fracasso.

12. Qual o maior problema que a PNCV enfrenta perante a sua actuação com os grupos de thugs?

R: Sem dúvida nenhuma, a reincidência. Sobretudo dos menores da casa dos doze aos dezasseis anos. Dá a sensação que os tribunais não funcionam. Quanto a mim é esta a percepção da maioria dos policiais que laboram nos centros urbanos onde persiste esse problema.

13. Qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno?

R: Essencialmente educar e formar. A chamada educação caseira que outrora ouve, e de modo satisfatório em Cabo Verde, no dizer dos nossos pais e avós precisa ser restaurada. A família deve participar mais na vida escolar dos filhos e as escolas precisam ser mais exigentes relativamente aos alunos e à qualidade dos professores.

14. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi abordado nesta entrevista?

R: Sim. Perguntaste sobre algum comentário pertinente e é o que eu vou fazer. Queria pedir-te desculpas porque estou atrasado com essas respostas, mas acredite. És para mim um irmão e procurei dar o meu melhor até agora duas e cinquenta da manhã, no momento mais apertado da minha vida em termos de compromissos, laborais e académicos.

Nada que não se resolva para ajudar uma pessoa especial como tu és para mim.

A vida não é só trabalho mas o trabalho deve fazer parte da vida.

Desejo-te forças. Acabe lá o curso e venha daí que a gente precisa de ti.

Muito Boa Sorte!

Um Abraço

Entrevista 3: Subchefe da PN Roberto Lima

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E
SEGURANÇA INTERNA**



**TESE DE MESTRADO DE ASPIRANTES A OFICIAIS DE
POLÍCIA
" A DELINQUÊNCIA JUVENIL: O FENÓMENO “THUG”
NA CIDADE DA PRAIA”
ENTREVISTA À ELEMENTOS DA POLÍCIA NACIONAL DA
REPÚBLICA
DE CABO VERDE.**

Objectivos:

Os objectivos desta Entrevista consistem na obtenção de informações acerca das hipóteses levantada por nós e saber se a Polícia Nacional da República de Cabo Verde está preparada para pôr o fenómeno da delinquência juvenil.

Hipóteses:

- O fenómeno “thug” na cidade da praia é de momento, o principal causador da insegurança para a população cidadina.
- Será que a PNCV está apetrechada de meios e técnicas para pôr término o fenómeno “thug” na cidade da Praia
- O fenómeno “thug” não é o principal causador da insegurança para a população cidadina.

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: **ROBERTO LIMA**

Residência: **PONTA D'ÁGUA-PRAIA**

Naturalidade: **CABO VERDE**

Habilitações Literárias: **MESTRANDO**

Tempo de Serviço na Instituição: **13 ANOS**

Função que desempenha: **SUBCHEFE (BRIGADA DA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL)**

1. O que representa a delinquência juvenil (thugs) para o estado da segurança na cidade da Praia neste momento?

R: É sem dúvida alguma, um dos maiores problemas dos últimos tempos. É visível que a delinquência juvenil tem-se desenvolvido e está cada vez mais difícil o seu combate. Trás com ele, além de problemas sociais de diversas ordens, influências dos diversos repatriados de países dos EUA e da Europa, que cada um com a sua experiência vai passando aos jovens que vão adoptando um modelo indesejado de comportamento e que pouco a pouco vai-se crescendo e tornando cada vez mais complicado de solucionar. O estado de segurança do país não é somente abalada pela delinquência juvenil, mas em grande parte este fenómeno põe-na em causa, com jovens agrupados, munidos de armas saem às ruas onde sem pensar em consequências transformam-nas em verdadeiros campos de batalha, assaltam pessoas para conseguirem dinheiro para adquirir armas, drogas, etc. Esta delinquência vem associada ao uso de substâncias nocivas, o que claramente complica ainda mais o quadro.

2. A Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequadas para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?

R: Não, o fenómeno exige muito mais do que a polícia tem e sozinha não consegue fazer para pô-lo fim. Duma forma geral a polícia conta com grupos de investigação de crimes contra pessoas e propriedades erguidas em cada comando de algumas ilhas. Particularmente no Comando da Praia, a BIC (Brigada de Investigação Criminal) e BAC (Brigada Anti-Crime) e também com uma pequena e praticamente insignificante brigada intitulada “Escola Segura”. Estes serviços, prestam apoio às vítimas e dão cobertura nas escolas, mas carecem ainda de muito mais investimento quer a nível humano, quer a nível material e tecnológico. Estes Jovens cada vez mais influenciados, por serem rivais de si mesmos, não trabalham e nota-se uma tendência para procurarem cada vez mais, armas melhores do que dos outros, o que para isso vão aos cidadãos de bem, subtraindo os bens destes de forma violenta na maioria das vezes. Além desses serviços, a polícia conta com fracas rondas auto o que dificilmente colmatará esse fenómeno.

3. A PNCV ministra formações para os seus agentes no âmbito de combate da delinquência juvenil?

R: Não que eu tenha conhecimento. Mas é certo que trabalhar com a delinquência juvenil exige algum conhecimento, dado que se tratam de menores e estes

gozam de um estatuto especial perante a lei. É preciso um estudo de fundo, saber exactamente as causas e ver o enquadramento legal, dotando os agentes de formações de forma a estarem aptos a lidar com situações da delinquência juvenil.

4. Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com a PNCV no combate a delinquência juvenil (thugs)? Se existem quais são e de que forma se trabalham?

R: Na prática não. Existe a fundação “Orlando Pantera” criado para esse fim mas nunca funcionou. O Instituto Cabo-verdiano de Crianças e Adolescentes (antigo Instituto Cabo-verdiano de Menores) colabora com a Polícia Nacional de Cabo verde, mas limita o seu apoio a situações de delinquência juvenil que não estejam directamente ligadas a crimes. Existem os tribunais que como disse anteriormente pouco pode fazer pois tratando-se de um menor, e não existirem lugares de “correção” para os colocar são devolvidos aos pais, á liberdade, e a reincidência dos seus actos. Caso para dizer que a PNCV se encontra praticamente sozinha nessa luta.

5. Esses delinquentes denominado de thugs, na sua interpelação, mostram violência contra as autoridades policiais? Se sim, então de que maneira fazem isso?

R: Sim, muitas vezes as viaturas policiais são apedrejadas durante as diligências ou mesmo quando circulam em rondas normais e inclusive já houve casos de disparos com armas de fogo contra policiais e viaturas. Estes “Thugs” não querem nunca ser apanhados, para poderem continuar no anonimato e para isso tudo fazem para dificultar o trabalho da polícia. Criam estratégias, actuam em grupos numerosos e de forma dispersos, e nunca assumem os actos e nem denunciam os companheiros.

6. Quais são os actos delinquentes que cometem com maior frequência?

R: Assaltos a pessoas á mão armada, desordens, confrontos de grupos com motins e usos de armas de fogo, armas brancas, assaltos a casas comerciais, furto e uso de viaturas.

7. A PNCV tem alguma equipa vocacionada para trabalhar com esses jovens?

R: A PNCV tenta com todos os seus recursos dar atenção a estas situações, mas directamente estão envolvidos a unidade de piquete (emergência), Brigada de Investigação Criminal, Brigada Anti-Crime e Brigada Escola Segura, mas claro está que estes serviços estão visivelmente fragilizados por limitações de diversas ordens.

8. Quais são as medidas levados a cabo pela PNCV, quando interceptar um delinquente (thugs) menor de idade a cometer ilícitos?

R: Procede de acordo com a lei vigente, se for o caso de flagrante delito é identificado e posto em liberdade e é dado conhecimento aos tribunais, se não for o caso, é instruído um processo que terminada terá o mesmo destino - Ministério público. A polícia tenta no máximo reduzir prejuízos às pessoas de bem, quer na prevenção, quer na recuperação dos seus bens. Os delinquentes, menores uma vez identificados ficam com uma ficha onde cada vez que é apanhado é registado o acto ilícito praticado.

9. Quais são os modus operandi dos grupos de thugs, na cidade da Praia?

R: Praticamente actuam, sejam eles de qualquer bairro da mesma maneira, ou seja agem em grupos, e subdividem-se ficando porém, com controlo e protegem-se uns aos outros para dificultar que os seus alvos lhes fujam e impedir que a polícia lhes capture a todos. Usam armas de fogo, armas brancas como machim, facas, punhais, paus e confrontam-se mutuamente e em casos de assaltos cercam os alvos e tomam deles tudo o que tiverem e quase sempre lhes agridem mantendo a cara escondida por máscaras.

10. Uma má actuação dos agentes da PNCV, perante o fenómeno da delinquência juvenil (thugs), pode trazer consequências? Se a resposta for sim, quais são?

R: Claro, uma má actuação da polícia perante qualquer situação tem consequências sempre negativas. É preciso planear bem para evitar o indesejado (mortes, feridos e danos materiais). Uma actuação sem planeamento nunca sairá bem e o resultado é sempre negativo, os agentes da PNCV, apesar de não estarem preparados como deveriam para lidar com situações de delinquência juvenil, devem ser muito cautelosos perante jovens delinquentes, pois para além de trazer as consequências acima descritas pode ainda trazer outras que ponham em causa os agentes bem como a instituição.

11. O que pensa da criação de Programa Escola Segura a semelhança de Portugal, para lidar com a delinquência juvenil, dado que muitas vezes começam a apresentar comportamentos de delinquência na escola?

R: É sempre bom implementar coisas novas e trarão de certeza bons resultados. Em Cabo verde, pelo que sei, na cidade da Praia, a capital do país, instituiu-se um brigada escola segura, mas seguramente não responde às exigências que o caso requer,

pois com exíguos meios materiais, tecnológicos e humanos nunca se consegue fazer um acompanhamento de fundo sabendo quais os problemas e quem os faz nas escolas. Deveria ser uma brigada com várias equipas, com elementos suficientes para marcar presença e interagir com as diversas escolas e conhecer bem os que “perturbam” a paz do ensino e a ordem pública e si, fazendo um trabalho de apoio junto destes com o apoio dos pais e da própria escola a fim de direccioná-los para o bom caminho.

12. Qual o maior problema que a PNCV enfrenta perante a sua actuação com os grupos de thugs?

R: A idade acima de tudo e a dificuldade de conseguir capturá-los a todos numa situação de flagrante e até identificar um grupo por inteiro. Como disse os “THUGS” actuam em grupos, por vezes numerosos, espalham-se e nunca denunciam-se uns aos outros. Logo a legislação que temos, na salvaguarda do direitos liberdades e garantias, não oferece muito espaço de manobra á Polícia, pelo que penso que a polícia tem muito que fazer para superar essas dificuldades, e é claro que sozinha nunca conseguirá.

13. Qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno?

R: São os dois mais importantes veículos de educação e influência dos jovens integrantes deste fenómeno. Na família é que começa tudo, pois são várias as razões, sito por exemplo a pobreza, que pode levar com que o jovem debande para o lado criminoso na busca de satisfazer as suas necessidades, principalmente as ligadas ao consumo de drogas, o que não quer dizer que a família por sofrer deste problema o deva apoiar. Pelo contrário deve procurar suporte, interagir com as autoridades competentes e juntos acompanharem na boa educação dos filhos. A escola, lugar propício para influências, pois interagem todos os tipos de jovens, quer estudantes quer não, deve por sua vez garantir que os alunos sigam o caminho desejado, com segurança, estando atento aos comportamentos dos mesmos, dar a conhecer aos pais a real situação dos filhos, incentivá-los a procurarem e estarem mais perto da mesma para uma melhor comunicação e assim juntos consigam educar os filhos/alunos da melhor forma possível e longe das drogas e do mundo do crime.

14. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi abordado nesta entrevista?

R: Talvez uma reflexão sobre a legislação relativamente á falta de sítios de onde jovens delinquentes possam ser submetidos a trabalhos adequados e a uma educação com vista a minimizar os danos que causam em todos os níveis.

Entrevista 4: Agente/Sociólogo da PN, Arlindo Tavares

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E
SEGURANÇA INTERNA**



**TESE DE MESTRADO DE ASPIRANTES A OFICIAIS DE
POLÍCIA**

**" A DELINQUÊNCIA JUVENIL: O FENÓMENO “THUG”
NA CIDADE DA PRAIA"**

**ENTREVISTA À ELEMENTOS DA POLÍCIA NACIONAL DA
REPÚBLICA
DE CABO VERDE.**

OBJECTIVOS:

Os objectivos desta Entrevista consistem na obtenção de ilações acerca das hipóteses levantada por nós e saber se a Polícia Nacional da República de Cabo Verde está preparada para pôr o fenómeno da delinquência juvenil.

Hipóteses:

- O fenómeno “Thug” na cidade da praia é de momento, o principal causador da insegurança para a população cidadina.
- Será que a PNCV está apetrechada de meios e técnicas para pôr término o fenómeno “thug” na cidade da Praia
- O fenómeno “thug” não é o principal causador da insegurança para a população cidadina.

II. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: **Armando Gomes Tavares**

Residência: **Lisboa - Portugal**

Naturalidade: **Cabo Verde**

Habilitações Literárias: **licenciado em Sociologia – Mestrando em Ciências da Família**

Tempo de Serviço na Instituição: **18 (Dezoito) anos**

Função que desempenha: **Agente Principal da PN/Actualmente em Licença de Estudo**

1. O que representa a delinquência juvenil (thugs) para o estado da segurança na cidade da Praia neste momento?

R: A delinquência Juvenil “Thugs” representa uma grande preocupação para o Estado de Segurança na Cidade da Praia e não só, já que a maior parte da População está preocupada com o fenómeno da delinquência. Um problema social só é problema social, só e só se a maior parte da população estiver preocupada com a situação.

2. A Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequados para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?

R: Categoricamente, a minha resposta é não.

3. A PNCV ministra formações para os seus agentes no âmbito de combate da delinquência juvenil?

R: A PNCV ministra formações aos seus agentes sim; só que essas formações baseiam-se apenas no âmbito da repressão e quando é assim, todos nós sabemos que a violência só gera violência.

Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com a PNCV no combate a delinquência juvenil (thugs)? Se existem quais são e de que forma se trabalham?

R: Se há outras instituições a trabalhar em conjunto com a PNCV não tenho conhecimento: o que posso dizer-lhe é que tenho conhecimento de um grupo cultural, cujos elementos residem na Ribeira de Craquinha em São Vicente que fazem palestras com jovens delinquentes e acompanhados de elementos da polícia, mas isso é em São Vicente

4. Esses delinquentes denominado de thugs, na sua interpelação, mostram violência contra as autoridades policiais? Se sim, então de que maneira fazem isso?

R: Mostram sim; a Polícia é um dos principais rivais destes delinquentes e quando estes não conseguem atingir os seus objectivos, a PNCV passa a ser também uma das vítimas. Há alguns colegas policiais que já foram agredidos fisicamente, são insultados na rua e em certos confrontos com os delinquentes por vezes saem feridos... Constatam-se também agressões defensivas que servem de protecção: como disse anteriormente, a violência gera sempre violência. São exercidas agressões como medida

de represália, como vingança para reparar um prejuízo que se considera ter-se sofrido, vingança de honra, vingança em relação a autoridade.

5. Quais são os actos delinquentes que cometem com maior frequência?

R: Furtos, assaltos, roubos na via pública e confrontos entre grupos rivais diferentes quando se encontram num território que é disputado por ambos.

6. A PNCV tem alguma equipa vocacionada para trabalhar com esses jovens?

R: Tem sim; a PNCV criou uma equipa que trabalha directamente com tais jovens e está situada na Esquadra de Achada de Santo António, para além do apoio que é dado pelo Corpo de Intervenção, piquete e toda a PN no geral.

7. Quais são as medidas levados a cabo pela PNCV, quando interceptar um delinquente (thugs) menor de idade a cometer ilícitos?

R: Do ponto de vista jurídico, o menor é inimputável e por isso não pode responder criminalmente aos actos cometidos. Normalmente, nessas situações, para além de elaborar um termo de identificação de menor que é enviado ao Ministério Público, a criança é entregue aos familiares.

8. Quais são os *modus operandi* dos grupos de thugs, na cidade da Praia?

R: Normalmente andam em grupos e atacam as vítimas da mesma forma. Intimidam-nas utilizando armas brancas, armas de fogo, gases lacrimogéneo, entre outros... penso que o crime mais cometido é o roubo por esticão.

10. Uma má actuação dos agentes da PNCV, perante o fenómeno da delinquência juvenil (thugs), pode trazer consequências? Se a resposta for sim, quais são?

R: Sim. Primeiro, os delinquentes tornar-se-ão muito mais revoltados e predispostos a cometer mais crimes: segundo, a PNCV passará a ser criticado pela comunicação social e conotado como violador dos Direitos Humanos, para além de todas as críticas sociais relacionadas com a incapacidade de resolver o problema, o que é normal porque a questão da insegurança diz respeito a toda a sociedade e não é um assunto simplesmente da Polícia.

11. O que pensa da criação de equipas de escola segura à semelhança de Portugal, para lidar com a delinquência juvenil, dado que muitas vezes começam a apresentar comportamentos de delinquência na escola?

R: Penso que é uma boa iniciativa: há alguns anos que foi criado uma equipa de Escola Segura na Cidade da Praia e tem tido algum efeito positivo.

12. Qual o maior problema que a PNCV enfrenta perante a sua actuação com os grupos de thugs?

R: O maior problema que a PNCV enfrenta é sentir-se frustrado por não poder minimizar a situação e desviar as suas atenções constantemente à este fenómeno, quando sabe que tem outros objectivos a cumprir perante a sociedade.

13. Qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno?

R: A família é a base, a estrutura de qualquer sociedade. É na família que se aprende os primeiros valores, as primeiras regras, as primeiras normas de conduta. Uma família que por algum motivo, alguma causa, não consegue transmitir esses valores, normas de conduta aos seus filhos, pode-se correr o risco de ter uma criança com sérios transtornos de personalidade e consequentemente problemas familiares e sociais. A família faz parte da socialização primária e cabe a família transmitir as regras, desempenhar as suas funções. A educação advém da família. A educação pode ser boa mas também pode ser má; uma criança que nasce e cresce num mau ambiente, para ela foi a melhor educação que teve porque nos primeiros tempos não tem capacidade de discernir o que é bem ou mal. No entanto, a escola é o complemento da família. Faz parte da socialização secundária. Em momento algum a escola substitui a família, mas pode ser um elo de ligação entre a família. Por isso há a necessidade de cada vez mais criar laços, cooperação, trabalhar em estreita cooperação para que de facto, as famílias possam ter um papel mais activo na educação dos filhos e seguir condutas positivas. No entanto, não é fácil entender a situação da criminalidade se não tivermos a capacidade de ver outras variáveis imprescindíveis para o entendimento do fenómeno da criminalidade; (analfabetismo, desemprego, falta de formação profissional, o fenómeno cultural, alcoolismo, drogas ilícitas, migrações internas e externas, entre outras).

Concluindo: há que trabalhar em sintonia; Há que criar uma política que ajude as famílias a terem um papel mais interventivo na educação dos filhos; a escola deve ter capacidade de ver as falhas educacionais constatadas nos alunos e trabalhar em conjunto com a família no sentido de superar as situações menos boas que porventura vão surgindo.

14. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi abordado nesta entrevista?

R: Os jovens que adaptam condutas delinquentes são jovens que seguem um caminho progressivo ao longo do qual fazem concordar os seus comportamentos com os meios que escolhem e os valores que vivem. Por vezes considerado mais grave do que a delinquência individual, a delinquência em grupo não é mais do que um prolongamento da tendência natural do ser humano para se posicionar em relação aos seus pares e a ser aceite por eles. O jovem gera a sua reputação e a delinquência pode tornar-se um meio de reconhecimento, até mesmo de prestígio. Por isso, pode desencadear-se uma espiral de delinquência que leva o indivíduo a fazer concordar as suas condutas com os seus valores no sentido de uma delinquência aceite e promovida pelos pares.

Entrevista 5: Assistente Social da associação ACRIDES, Juvelina Monteiro

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E
SEGURANÇA INTERNA**



**TESE DE MESTRADO DE ASPIRANTES A OFICIAIS DE
POLÍCIA**

**" A DELINQUÊNCIA JUVENIL: O FENÓMENO “THUG”
NA CIDADE DA PRAIA"**

**ENTREVISTA À ASSISTENTE SOCIAL DA INSTITUIÇÃO
ACRIDES**

OBJECTIVOS:

Os objectivos desta Entrevista consistem na obtenção de informações acerca das hipóteses levantada por nós e saber se a Polícia Nacional da República de Cabo Verde está preparada para pôr o fenómeno da delinquência juvenil.

Hipóteses:

- O fenómeno “Thug” na cidade da praia é de momento, o principal causador da insegurança para a população cidadina.
- Será que a PNCV está apetrechada de meios e técnicas para pôr término o fenómeno “thug” na cidade da Praia
- O fenómeno “thug” não é o principal causador da insegurança para a população cidadina.

III. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: **Juvelina Varela Monteiro**

Residência: **Ponta d'Água – Praia – Cabo Verde**

Naturalidade: **Santa Catarina – Cabo Verde**

Habilitações Literárias: **Licenciada em Serviço Social**

Tempo de Serviço na Instituição: **15 meses**

Função que desempenha: **Assistente Social**

1. Qual é o vosso papel perante aos jovens delinquentes na cidade da Praia?

R: O nosso papel enquanto Instituição que promove a paz e a convivência, passa um pouco por desenvolver actividades desde campanhas de sensibilização com objetivo de colmatar esse problema, aconselhamento através de atendimento psicossocial, acompanhamento e encaminhamento para entidades competentes.

2. Os jovens (thugs) que estão a cumprir pena, recebem assistências por parte da vossa instituição para o processo de reintegração na sociedade? Se sim, então de que forma?

R: Sim, através duma parceria existente entre ACRIDES, Ministério da Justiça, Bosque & Comunidade e Instituto de Emprego e Formação Profissional, foi assinado um protocolo para implementação do Projecto, “Fortalecimento da Capacidade da População Reclusa Cabo-verdiana como medida de Apoio à Reinserção Sócio-Laboral”, com principal objectivo de melhorar as condições de vida da população reclusa Cabo-Verdiana, contribuindo assim para sua reinserção social e laboral. ACRIDES tem um papel fundamental neste processo, porque na medida em que acompanha as famílias através de Visitas Domiciliárias, intercâmbio para terapia de grupo, entre outras actividades, também faz acompanhamento ao recluso, criando condições para que indivíduo se integre na sociedade de uma forma positiva, o que incidirá na prevenção da reincidência e no combate ao crime, através de várias acções. As acções desenvolvidas com reclusos beneficiários do projecto são: Palestras, acções de formação e atendimento psicossocial.

3. Na tua opinião qual é o papel que a família e a escola têm no processo de formação dos jovens e no combate a delinquência juvenil?

R: É de realçar que a família e a escola são pilares para um desenvolvimento integral de qualquer indivíduo, por isso, os dois actores devem (riam) andar sempre de mãos dadas, ou seja, trabalhando juntas. A família como sendo o 1º espaço em que o indivíduo se insere, ela deve ter os ingredientes necessários para o desenvolvimento da personalidade da criança. A escola entra na vida de uma criança, como um complemento e seguimento da mesma, com função parecida à da família, diferenciando-se no espaço e desenvolvimento intelectual que a criança vai adquirindo já com uma orientação vocacionada, mas sem descurar nunca da sua principal função que é a de EDUCAR.

4. Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com ACRIDES em função desses jovens (thugs)? Se existem quais são e de que forma se trabalham?

R: Pontualmente existem instituições públicas e privadas que colaboram com ACRIDES nas actividades/acções desenvolvidas em prol desses jovens.

5. Qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno?

R: Tanto a escola como a família, devem ter um papel fundamental no combate deste fenómeno, visto que essas duas figuras constituem pilares centrais na formação de qualquer pessoa. Infelizmente não é isso que se tem vivenciado, muitas das vezes assiste-se família que simplesmente não quer ou não consegue responsabilizar pelo filho delinquente. Há que começar a trabalhar a criança desde muito cedo, ajudando-a no processo de socialização, assim sendo, é necessário existir uma estreita articulação entre escola e família na continuidade deste processo, no sentido de a fazer reflectir sobre a problemática em causa.

6. Acha que a delinquência juvenil (thugs) na Cidade da Praia esta a ser combatida da melhor forma? Justifica a tua resposta.

R: O fenómeno está a ser combatido, mas poderia ser melhor, uma vez que existe pouca articulação entre autoridades e entidades que estão implicadas na resolução deste problema. Infelizmente essa é política de trabalho existente em Cabo Verde, não se trabalha em rede, existe pouca articulação entre instituições, curioso é que todos os actores falam na política de um trabalho em rede, integrado e com uma forte articulação, mas não se vê.

ACRIDES tem feito várias tentativas nessa matéria, a de criar rede e fazer com que ela funcione, por enquanto só temos ambições e perspectivas, porque na prática ainda ela não é visível.

7. Como classifica os elementos de um grupo de thug, vítimas ou delinquentes? Justifica.

R: Ao longo das intervenções e discursos de alguns jovens ditos “thugs”, tira-se a conclusão que a maioria passaram de vítimas para delinquentes.

Vítimas, pelo facto de pertencerem famílias desestruturadas, e muitas vezes vivendo em situações de extrema pobreza, de não terem as mesmas oportunidades de frequentar o ensino ou formações que possa garantir um emprego e construir assim, os seus projetos de vida. Assim, na ausência do básico para a sobrevivência, muitas das vezes refugiam-se na delinquência, como forma de se auto-afirmar.

8. Acha que a Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequadas para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?

R: Sim, tem formação e reciclagem permanente em vários domínios, nomeadamente: na área de prevenção, intervenção e segurança.

No âmbito de prevenção/Segurança existem diversos programas, dos quais destacamos: Escola segura, Policiamento Solidário, Turismo Seguro e Código Solidarietà, a nível radiofónico.

No âmbito da intervenção, a PN, dispõe de duas brigadas para combater o fenómeno da delinquência juvenil e não só, nomeadamente a BAC (Brigada Anti-crime) e a BIC (Brigada de Investigação Criminal).

9. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi abordado nesta entrevista?

R: Sinceramente não, acho que a entrevista está muito bem estruturada para o objectivo pretendido. Espero que tenhas sucesso, na defesa de tudo aquilo que contemplares nessa tese de mestrado e que acima de tudo, este documento científico contribua de alguma maneira para o combate deste flagelo social.

Obrigada e continuação de bom trabalho

**Entrevista 6: Director dos Serviços de Reinserção Social,
António Roliano**



**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E
SEGURANÇA INTERNA
TESE DE MESTRADO DE ASPIRANTES A OFICIAIS DE
POLÍCIA
" A DELINQUÊNCIA JUVENIL: O FENÓMENO “THUG”
NA CIDADE DA PRAIA"
ENTREVISTA A DIRECTOR DO SERVIÇO DE
REINserÇÃO SOCIAL DO MINISTERIO DA JUSTIÇA DE CABO
VERDE**

OBJECTIVOS:

Os objectivos desta entrevista consistem na obtenção de ilações acerca das hipóteses levantada por nós, saber como se funciona o serviço de reinserção social perante os jovens delinquentes e saber qual seria a melhor forma de combater a delinquência juvenil (“thug” na cidade da Praia.

Hipóteses:

- O fenómeno “Thug” na cidade da praia é de momento, o principal causador da insegurança para a população citadina fazendo com que haja receios, privando a livre circulação das pessoas.

- Quais são as possíveis causas do fenómeno da delinquência juvenil em Cabo Verde, mais concretamente do **Fenómeno “Thug” na Cidade da Praia.**

IV. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1. Nome: **António Roliano Moreno Cardoso**
2. Residência: **Terra - Branca Praia**
3. Naturalidade: **Cabo-verdiana**
4. Habilitações: **Literárias: Licenciado**
5. Tempo de Serviço na Instituição: **18 meses**
6. Função que desempenha: **Director dos Serviços de Reinserção Social**

1. Os jovens (thugs) que estão a cumprir pena, recebem assistências por parte dos serviços sociais para o processo de reintegração na sociedade? Se sim, então de que forma?

R: Sim. Recebem assistência técnica, orientação educativa, formativa, clínico-terapêutica, com vista a construção de um projecto de vida saudável, evitando desta forma a reincidência.

2. Na sua opinião quais são as causas que estão na origem do fenómeno da delinquência juvenil (Thug) na cidade da Praia?

R: A desestruturação/esfacelamento do modelo familiar, crescimento de bairros desordenados (clandestinidade), a ociosidade (produz vício), mas, sobretudo o tráfico e consumo de estupefacientes e de substâncias psicotrópicas, com a consequente disputa de espaço/territórios para os seus intentos.

3. O que representa a delinquência juvenil (thugs) para o estado da segurança na cidade da Praia neste momento?

R: A delinquência juvenil representa a insegurança, medo e hostilidade.

4. Existem outras instituições a trabalhar em conjunto com o Serviço da Reinserção Social em função desses jovens (thugs)? Se existem quais são e de que forma trabalham?

R: Sim, existem outras instituições, nomeadamente ONG'S como a ACRIDES, Associações Comunitárias de base, os Centros de Juventude e de Formação Profissional, através de programas educativos, formativos e informativos.

5. O Serviço de Reinserção Social está apetrechado de meios e técnicas adequados para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?

R: Devo realçar aqui que esta tarefa deve ser vista no todo nacional e que merecerá a atenção de todas as forças vivas. Com efeito, os Serviços de Reinserção Social vem fazendo o seu esforço no quadro institucional e naquilo que está inscrito no âmbito das suas atribuições, e devo dizer que os meios e técnicas são adequadas mas não são

6. Quais são os meios que se devem adoptar para combater o fenómeno thugs na cidade da Praia?

R: - Aposta na prevenção. Deve haver programas específicos para informar, educar e formar esses jovens delinquentes ou em eminência de se enveredarem para esse flagelo, no fundo é combater a ociosidade;

- É importantes ter técnicos formados em mediação e resolução de conflitos nos bairros problemáticos;

-Um policiamento de proximidade;

- Diálogo constante e empoderamento das famílias mais desfavorecidas.

7. Qual é o papel da escola e da família no combate deste fenómeno?

A escola enquanto agente educativo tem o dever de informar no sentido pedagógico; Ela deve combater o absentéismo e ter uma política de educação inclusiva.

8. Acha que a Polícia Nacional de Cabo Verde (PNCV) está apetrechada de meios e técnicas adequadas para pôr fim a esse fenómeno denominado de thugs?

R: Acho que sim. Sim, se do ponto de vista operacional actuarem de forma preventiva, nos diversos bairros do país. Isso é primordial; uma boa gestão dos meios disponíveis e dos recursos humanos e técnicos ajudaria em grande medida no combate a esta problemática. Contudo, é preciso apostar na capacitação dos recursos humanos para enfrentar esse desafio de forma a pôr cobro ao fenómeno “Thugs”.

9. Deseja acrescentar mais algum comentário pertinente que não foi bordado nesta entrevista?

R: Uma legislação específica para a sensibilização e combate a esse fenómeno daria grande jeito, mas também uma ampla participação da sociedade civil.

Relatórios do DIOP



MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

POLICIA NACIONAL

INFORMAÇÃO

ASSUNTO: Grupo Thugs (Zona de Monte Vermelho)

NOME DO GRUPO: - “*WEST*”

Este grupo contém elementos bastante perigosos, agressivos, desordeiros, praticam assaltos à mão armada, roubo nas viaturas, venda e consumo de estupefacientes, etc.

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

O Grupo concentra-se na rua onde existe um “matranquilo”, na subida de Monte Vermelho, depois do local da Internet. Ainda, reúne-se, de enquanto em vez, na praça de Palmarejo, atrás do PT da Electra, local de onde vigiam as pessoas que fazem movimentações na rede Vinti4, e preparam os seus assaltos.

Elementos do Grupo:

1. Dery, filho de uma funcionaria do Registo Civil, **líder do grupo**, possui arma de fogo;

2. Neido, irmão de Paulo lavador de carro, residente em frente da casa de Beth e na rua da casa do Superintendente João Domingos, 1ª casa a esquerda, também é **líder** e possui arma de fogo;
3. Dany, Gilson, e Ilídio (este, já foi detido varias vezes por desordem e tentativas de assaltos às pessoas), filhos de Merco, residentes atrás da casa do Agente de CI, João Paulino, possui arma de fogo;
4. Carlinhos, filho de Cacai, segurança da Embaixada do EUA;
5. Zito, mais conhecido por “Pachola”, e seu irmão Patrick, mais conhecido por “Pacholinha”;
6. Nivaldo gafanhoto;
7. Uha, irmão de Yane, residente na entrada da subida do Monte Vermelho;
8. Alex, neto de Xuta;
9. Gijá;
10. Patrick (tinha sido atingido com disparo de “Boca Bedjo” na Costa);
11. Lito, mais conhecido por “Bleck”, filho de José;
12. Ravy, filho de Putchutcha, grande ladrão e chefe de assaltos às pessoas na zona de Palmarejo e Monte Vermelho;
13. Patrick Branco, irmão de Ravy;
14. Yane;
15. Walter;
16. Toneco;
17. Tonixa;
18. Zé Pedro;
19. Licé.

OBS:

Informamos ainda que durante a nossa deslocação no terreno, na zona de Monte Vermelho, não deparamos com nenhuma oficina de serralharia.

Praia, 17 de Março de 2010.

Em relação aos grupos de “thugs” existentes na ASA, fomos informados da existência de vários grupos, considerados perigosos para a sociedade, agressivos,

desordeiros, organizadores de motins munidos de armas de fogo, assaltos à mão armada, roubo nas viaturas, venda e consumo de estupefacientes, entre outras coisas.

Segue-se a descrição dos grupos e respectivos nomes dos elementos que os compõem:

GRUPO “THE BEST”, pertencente ao meio de ASA, liderado por “CLÁUDIO” (ex-recluso da cadeia de S. Martinho e vendedor de drogas), filho do Sr. Jaca e por “DEDEC” (este, segundo a informação, já foi detido algumas vezes por desordem e por estar na pose de “Boca Bedjo”).

O grupo acima referido é constituído por:

1. You Preto, filho de Aninha Peixeira;
2. You Branco, filho de Titina e Fausto, segurança na residência do Excelentíssimo Sr. Presidente da Assembleia Nacional;
3. Dino;
4. Zico de Nanda;
5. Cau Preto;
6. Jájá;
7. Vitinho;
8. Ady;
9. Vá Boss;
10. Eciú;
11. Já de Nha Mita;
12. Kidú de Kilda;
13. Mutchucú;
14. Murílu;
15. Açúcar;
16. Titoy;
17. Kimito;
18. Luís;
19. Papaéta;
20. Jitá;
21. Keve;
22. Isaías;

23. Cego;
24. Joel, filho de Zabel;
25. Vany de Dadi;
26. Já e Zequinha, filhos de Jacaré;
27. Choucu;
28. Armandinho, filho de Rui Labadona;
29. Rony de Arlete;
30. Vitinho, filho de Vito pescador;
31. Márcio (segundo a informação, é também ladrão, assalta as pessoas, e é consumidor de drogas);
32. Lenine Pequenote, irmão de filhos de Clarinda de Fogo;
33. Tá de Joantina;
34. Fofa de Rosa;
35. Justo, residente na rua da UCLA;
36. Vá, filho de Natália, funcionaria dos serviços gerais do Banco, residente no meio de ASA;
37. Sasá, filho de Djilo mergulhador, residente próximo do PT da Electra;
38. Djita (ex-presidiário) grande vendedor e consumidor de droga;
39. Bonga, residente atrás da rua larga, próximo da residência do Sr. Paulo e da Sra. Amélia;
40. Yane, grande desordeiro, anda a fazer **disparo** frequente no meio da rua larga;
41. Jeremias, grande perturbador da noite;
42. Lino de Mansinha (chefe de assalto a mão armada), residente na rua da churrascaria Benfica. Este, tinha assaltado a pouco tempo o Sr. Valdemiro, Dono da churrascaria Benfica.
43. Titony, filho de Tatacho mecânico da Polícia Judiciária;
44. Lú.

Também filho de Mário da Polícia Marítima, pertence a este grupo de “thugs”, e segundo informações recebidas, é um grande delinquente, causador de distúrbios permanente dentro da zona.

Quanto ao local onde estes jovens delinquentes podem ser encontrados, são os locais das vendedeiras nocturnas. E estas vendedeiras respondem por:

- Sra. Zizi, residente na rua traseira do Benfica, na antiga residência do falecido Quinzinho;
- Sra. Titi, situada à duas casas antes da mercearia do Sr. Lucindo de Fogo;
- Sra. Guida de Jaca, que reside junto da residência do Sr. Lucindo (esta, segundo a informação, é onde se concentra maiores números de “thugs” à noite);
- Sra. Luízinha de Nha Joana, residente na rua larga do meio de ASA, aos 15 metros do PT da Electra.
- **Sra. Mira**, irmã de “Is Gudy”, residente atrás da casa de Guida de Jaca e frente da residência de Justo. Ela é grande suspeito de vender drogas e comprar objectos roubados.

Também fomos informados, que existem casas em que as pessoas comprem produtos de roubos, furtos, e servem de local para o consumo e vendas de drogas. Casas estas, pertencentes a Sra. Aldonsa (cozinheira, compradora de roubo), que reside em frente da residência do Sr. Lucindo; Guida de Jaca; Zeza, filha de Guida e Jaca (anda a fazer tráfico de drogas) e Zizi, residente à duas casas abaixo da residência do Ex-Presidente da Câmara Municipal da Praia, Sr. Felisberto Viera (Filú) e perto da casa de Pepinha, irmão de João Pedro, Polícia Judiciária.

Além destes elementos do grupo se concentrarem nos locais de vendas, também encontram-se por vezes de manhã e também à noite, aproximadamente por volta das 22H00, na zona larga do meio de ASA.

GRUPO DE BRASIL – (Grupo Pecado): Com base nas informações recolhidas, este grupo era constituído por mais de 30 elementos, mas só que por razões desconhecidas, estes, dividiram em dois grupos:

1º - Grupo de Achada Baixo (zona Brasil), composto por:

1. Odair (**líder do grupo**), filho de Any de Santa e Moisés, possui arma de fogo;
2. Tony osso (também líder do grupo), filho de Natalina e Silvino osso, possui arma de fogo;
3. Chide, filho de Chidoca de Nha Licena, possui arma de fogo;

4. Mandela (outro líder do grupo), filho de Mina Badjuda e Marciano;
5. Douglas, filho de Juizinha de Quiminta;
6. Xeu, filho de Guidinha Badjuda;
7. Mantino, filho de Fátima e Danilo;
8. Vany, filho de Nanda de Edite;
9. Jessica, filha de Natalina de Edite;
10. Maniny, filho de Edneia e Nhote;
11. Emílio, filho de Bia e Djon;
12. Stéphanie, filho de Rosita, possui arma de fogo;
13. Patrick, filho de Olívia e esta com a mãe adoptiva Rosita, possui arma de fogo;
14. Jaroba, filho de Fátima e Danilo, possui arma de fogo;
15. Dy, filho de Guidinha e Inácio;
16. Pipinha, filho de Pipa e neto de Tily, possui arma de fogo;
17. Matcho, filho de Taiam;
18. Pepeio, filho de Alice, possui arma de fogo.

2º - GRUPO ACHADA “Riba”, fica situado depois do mercado. De acordo com as informações obtidas, este grupo foi estabelecer nesta zona depois de separar dos grupos de Brasil. O referido grupo falta alguns elementos para serem identificadas. É composto por:

1. Nho Djon (**líder do grupo**), neto de Sabo, possui arma de fogo;
2. Maldine, filho de Beth, possui arma de fogo;
3. Bruno, filho de Niche de Nha Branca, possui arma de fogo;
4. Vam, filho de Xenxa, possui arma de fogo.

Os locais de encontro para a realização das reuniões, antes do confronto são: Pedra Bica, Ponta Cutelo Mansinha e Gâmboa, no período nocturno, e também na esquina da loja de Clauny de Nula.

Ainda, somos informados que estes grupos compram armas de fogo, calibre 6.35mm e munições no Plateau. E que cada arma é vendida por eles num preço de 20.000\$00, e as balas são vendidos a um preço que varia de acordo com o calibre da

respectiva arma que possuem. É que estas armas e munições, segundo informações, são comprados nos rapazes que trocam dinheiro no Plateau.

GRUPO DE “DINÓS” - Estes nomes dos elementos dos grupos (“*Black Style*” e “*Biblock*”), são os líderes dos grupos, e estão todos na posse de armas de fogo.

GRUPO “BLACK STYLE”, composto por:

1. Sandro;
2. Vá;
3. Néné, filho de Norinha (pode-nos conduzir até ao fabricante de “Boca Bedjo” no meio de ASA), principal líder do grupo de “Dinós”.
4. Didjobra, residente em Brasil, mas encontra-se sempre na zona de Dinós;
5. Vani, filho de Mento (também nos pode conduzir até ao fabricante de “Boca Bedjo” no meio de ASA), líder de um terceiro grupo, denominado de “**Civipi**”.

Grupo “Biblock”, composto por:

1. Alex;
2. Gelson;
3. Tetecha, (**líder do grupo**) residente em achada grande, mas encontra-se sempre na zona de ASA;
4. Dá.

Estes grupos da zona “Dinós”, concentram-se atrás do hotel Holanda, zona de paragem, próximo da residência da Sra. Amália. Ainda, reúnem-se em frente da residência do Sr. Sérgio; atrás da casa do Sr. Jaime e em frente da casa de Nha Má. É que, segundo as informações recolhidas, eles r vezes concentram na zona de “Boca Fumo”, isso porque algumas vezes já tinham sido surpreendidos por elementos policiais, na praça “Dinós”. Reúnem-se sempre, aproximadamente por volta das 19H00 ou às 20H00.

No entanto, existe mais nomes que nos serão fornecidos posteriormente.

OBS: Na zona do Brasil, somos informados que as armas denominadas de “Boca Bedjo”, são adquiridos na zona de meio de ASA, e também mesmo na zona de “Dinós”, dizem que compram armas em meio de ASA. Ainda, é de se alertar que não dispõem

apenas de “Boca Bedjo”, mas sim, que estão maioria na posse de pistola, calibre 6,35mm.

Praia, ao 16 de Março de 2010.

ASSUNTO: Grupo Thugs (PALMAREJO)

NOME DO GRUPO: - “GANS STREET”

Este grupo é constituído por elementos bastante perigosos, agressivos, zaragateiros, fazem assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes (marijuana, apelidado de “Padjinha”), fazem disparos frequentes nas ruas, planejam e atacam pessoas que frequentam aula à noite, na UNICV, etc, gerando um certo clima de insegurança para a população local e mesmo para as que frequentam à zona. A exemplo disso, os próprios polícias já foram vítimas desses gatunos.

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

O Grupo concentra-se na praça situado perto da casa do subintendente Renato. Ainda, reúne-se, de enquanto em vez, na praça de Casa Lata e também junto de fontona, Palmarejo, no período da tarde e também à noite depois das 21H00, as vezes, por volta das 23H00, onde reúnem para preparar confrontos e prepararem os seus assaltos.

Elementos do Grupo:

1. Toneco, residente em Palmarejo na rua do Subchefe Principal em reserva Tchitchico, que fica na rua atrás de cabine de telefone;
2. Elísio, neto de Nho Tony e Nha Antónia, residente na 2º rua, que se situa depois do cabine de telefone, onde reside agente Ana Ribeiro;
3. Emerson, residente na mesma rua do Elísio;
4. Goy, reside também na mesma rua do Elísio;
5. Preto, irmão de Zenda que vende carne de porco, residente na proximidade da loja do Sr. Adriano, no caminho que dá acesso à fontona, na estrada de terra, **líder do grupo, possui arma de fogo;**
6. Nivaldo, esta na **posse de arma de fogo;**
7. Lando;

8. Já;
9. Emerson;
10. Elísio;
11. DMX;
12. Carlos Jorge “mcp” Djoje;
13. Dí;
14. Dery;
15. Dany;
16. Damilo;
17. Dá;
18. Brava;
19. Zito;
20. Tchico;
21. **Gelson**, filho de Tino que trabalha no cais de pesca, residente na proximidade da residência do Subintendente Nando Borges e junto da loja do Sr. Adriano, anda a vender **pistola de calibre 6,35 mm**.

OBS:

Estes grupos de Palmarejo são bastantes perigosos, isso foi revelado pela própria população que sofre dos ataques e desordens constantes nas ruas provocado por esses meliantes. Algumas das vítimas demonstraram optimista com o novo plano de segurança, revelando que só assim os referidos desordeiros deixam de colocar em pratica as suas acções.

Praia, 01 de Abril de 2010.

ASSUNTO: **Grupo Thugs** (Zona de Tira Chapéu)

NOME DOS GRUPOS: - *“Tici - W” e “Djunex”*

No terreno, fomos avisados que estes grupos são compostos por elementos bastante perigosos, agressivos, conflituosos, perfazem assaltos à mão armada, vendem e

consumem estupefacientes próximo do quiosque, fazem disparos frequentes nas ruas, planejam e atacam constantemente o grupo de Casa Lata, seus grande rival, etc.

Organizam amotinações frequentes dentro do bairro, gerando um certo clima de insegurança para a população local e em todas as zonas por onde frequentam, tendo em conta que se agrupam em grandes números.

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

Os Grupos aglomeram-se na rua do “Quiosque”, no centro de Tira Chapéu. Ainda, agrupam-se, de enquanto em vez, junto ao campo, numa residência que fica na parte da ladeira, na residência do perecido Etelvino, apelidado de Manguidam, onde efectuem seus agregações e preparam seus confrontos com outros grupos. Quanto a hora do atino, reúnem-se sempre à noite depois das 22H00, e estão, na maioria das vezes, junto ao quiosque onde consomem bebidas antes de partirem para os confrontos. Também eles vêm acantonar na praça de Tira Chapéu, noite dentro, quando organizam amotinação dentro do bairro, principalmente nos fins-de-semana.

Dizem-se que antes eles reuniam no Taiti, mas que ao aperceberam da presença de tropas constante nas ruas e dos policiais, refugiaram-se noutros pontos acima mencionadas.

Elementos dos Grupos:

1. Micas, residente no Bairro Taiti, casa do estado, **líder do grupo “TICI”**, possui arma de fogo e também vende arma de fogo;
2. Didé, filho de Maria José e Tibete, domiciliado perto do quiosque de Tira Chapéu; possui arma de fogo;
3. Grás (este, já tinha sido acertado por disparo de arma de fogo pelos policas na troca de tiros), anda a efectivar tráfico de drogas dentro do bairro, possui arma de fogo;
4. Lizito, (autor de caços bodes, assaltos e roubos diversos) filho de Féfé que tem forno, residente no caminho que dá acesso à Shell. Esta na posse de diversas armas, de acordo com as informações. Armas essas: “Boca Bedjo”, “Maxim” e “Machadinho”, (**outro líder do grupo “TICI”**);

5. Dimas (**líder do grupo “DJUNEX”**), filho de Maria que vende água no Chafariz, residente em frente do chafariz, na subida que dá acesso ao quiosque, num 1º andar sem acabamento, que possui muita planta na rua, da lado direito ao subir, na estrada que dá acesso ao quiosque, possui arma de fogo;
6. Madueno, filho de Féfé que contém forno, anda a fazer assalto as pessoas, roubo e furto nas residências, usa drogas segundo informações e esta sempre na posse de arma branca;
7. Beto, residente junto do forno de Féfé, possui arma de fogo;
8. Zé, filho de Sisa Boca, morador atrás de um 1º andar que possui barraca na rua, perto do chafariz que situa na subida de Tira Chapéu;
9. Adilson, filho de Tónica, residente na zona da Capela, junto da residência de Zeca que coloca filme, possui arma de fogo;
10. Carlitos, residente em Tira Chapéu, rente da loja de Mudjucú;
11. Jamaica (grande salteador, autor de vários assaltos e caços bodes as pessoas, roubo e furtos nas residências e já foi detido várias vezes), residente em Tira Chapéu, perto chafariz de cima, na beira de praça, esta na posse de arma de fogo, pertence ao grupo “*Tici*” *W*;
12. Janiton, domiciliado com a sua Dona no fundo de cobom, na mesma rua que reside o comissário Fortunato, logo a entrada, a direita, para além de “Thugs” é um grande delinquente;
13. Jordão, lavador de carro, residente em Tira Chapéu na proximidade do Bar Filó, e acha-se todos os dias debaixo da Capela, frente ao Bar de Amadora;
14. Néné, “mcp” “Vijai”, filho de Maria José, residente no fundo de Tira Chapéu, encontra-se mais na Tira Chapéu de cima, na residência da avo Joia, frente casa Dimas;
15. Ney, residente perto do quiosque, possui arma de fogo;
16. Noni, também residente junto do quiosque, possui arma de fogo;
17. Puto, irmão de Nués, residente no fundo de Tira Chapéu, mas depara sempre na beira da Capela;

18. Ricardo, filho do falecido Roque e de uma Sra. que vende galinha, é também família de Bete “grog”, reside perto do quiosque, pertence ao grupo “**DJUNEX**”, possui de arma de fogo;
19. Lola, Filho de Amanso, residente em Tira Chapéu, próximo de Dimas, filho de Maria que vende água no chafariz de baixo;
20. Nandinho;
21. Nuno, residente no Taiti. Este, pertencia aos grupos liderados pelos retornados dos EUA, entre os quais: aquele que tinha assassinado a sua irmã (Rodolfo que assassinou Djita);
22. Patrick;
23. Solo, filho de Nuna, além de “Thugs” é um grande larápio;
24. Van, filho de Ginita que mata porco e vende toresma, residente em frente chafariz de cima;
25. Adilson, reside na imediação de Capela, por cima do campo de Tira Chapéu;
26. Brava, esta envolvida em vários assaltos e caços bodes, grande delinquente, possui arma de fogo;
27. Colinho, residente na beira de Capela;
28. Edson, filho de António bigode, residente perto do Taiti;
29. Fogo Madjana, pertence ao grupo “**DJUNEX**”;
30. Gá (passador de drogas, assaltos e roubos), residente num 1º andar por cima do campo Tira Chapéu, seus pais estão emigrados;
31. Miro;
32. Balizinha;
33. Leo;
34. Edmar;
35. Chibenga;
36. Body.

OBS:

Durante a nossa deslocação no terreno, fomos informado que “Nho Preto”, residente no Fundo Cobom, na estrada que dá acesso à Tira Chapéu, logo na entrada, à direita, num raiz de chão acabada e com alguns quartos no início do 2º piso. Neste edifício, anda a

vender drogas, e de acordo com as informações, são as pessoas com uma certa posição social que andam a frequentar a sua residência para compra de drogas.

Tchaba, residente junto do quiosque e, ex-residente da casa de Santa, onde se colocava filme, na subida da estrada que dá acesso ao quiosque, anda a efectuar tráfico de drogas dentro da zona e esta na posse de arma de fogo, segundo informações obtidas no terreno.

Também Tatá, empreiteiro e emigrante, residente num 3º andar cor azul, próximo ao campo de Tira Chapéu, possui um Hilux cinzento de cabine dupla (não foi possível obter a chapa matrícula da referida viatura), anda a vender drogas.

Recebemos informações que na oficina Ferro Velho andam a fabricar “Boca Bedjo”, e estes são vendidos aos grupos de “THUGS” de Casa Lata, Palmarejo e Tira Chapéu.

Praia, 30 de Março de 2010.

ASSUNTO: Grupo Thugs (Zona de Casa Lata)

NOME DO GRUPO: - “*TCL (Thugs Casa Lata)*”

O grupo é constituído por elementos bastante perigosos, agressivos, desordeiros, fazem assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes (Cannabis, apelidado de “Padjinha”), fazem disparos frequentes nas ruas, planejam e atacam pessoas que frequentam à zona, principalmente alguns estudantes do interior e residentes no bairro que frequentam à UNICV, no período nocturno, etc, transmitindo um certo clima de insegurança para a população aí residente e mesmo para as que frequentam à zona. Para consolidar as nossas informações, basta procurar o registo das queixas efectuadas pelos lesados na Esquadra Policial de Palmarejo.

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

O Grupo abisma-se na subida de Casa Lata e também perto chafariz de Casa Lata, debaixo de um pé grande de árvore, por volta das 20H00 e aproximadamente às 22H00.

Elementos do Grupo:

1. Nono (já foi detido varias vezes por roubo, furtos e assaltos as pessoas, é rei dos caços bodes), filho do falecido Manelinho, criado por Santinha

que dá agua no chafariz de Casa Lata, residente na descida Casa Lata, junto ao sanitário;

2. Lucas;
3. Micau, filho de Maria, residente em Casa Lata,
4. Isa, filho de popina;
5. Nanica de Nha Tunda;
6. Salumon, filho de Angelita;
7. Carlitos, neto de Nha Maria, residente na Casa Lata;
8. Carlos, filho de Diana;
9. Ganga, filho de Zé David;
10. Jacinto, filho de Nha Segunda;
11. Chupeta “mcp” “Papa”, filho de Lurdes;
12. Nhú, filho de Fatinha, **líder do grupo**;
13. Vlã, filho de Segunda de Casa Lata;
14. Nelito;
15. Albertino e Munca, filho de Mindo que possui oficina de serralharia na Casa Lata;
16. Carlitos, neste momento encontra-se em pena suspenso;
17. Piter;
18. Zelito;
19. Raseca;
20. Bico.

Este grupo é constituído por mais elementos, posteriormente são apresentadas as suas identificações.

OBS:

Os elementos deste grupo residem todos na zona de Casa Lata. É um grupo constituído por revoltosos, que andam a fazer barulho na zona à noite, assaltam as pessoas e os taxistas frequentemente, em frente e ao lado da residência do subchefe Principal Raul de Pina, junto do jardim de Casa Lata, e também na estrada calcetada que dá acesso ao chafariz, situada próxima da residência do Subintendente Daniel de Pina. Estes assaltos são efectuados entre 20H00 e às 22H00. Também mesmo durante o dia na rua onde residia a antiga Ministra da Justiça, Januária Leite, andam

a assaltar pessoas. E, quanto aos taxistas, são enganados com fretes com o único objectivo de serem assaltados, ao longo de toda a noite, principalmente nos fins de semanas. Esses assaltos são motivados pela inexistência da iluminação pública no bairro.

São números variados de pessoas que já sofreram os ataques desses malandros e alguns ficaram com ferimentos graves.

Somos informados, que os elementos que fazem parte do grupo estão na sua maioria na posse de arma de fogo: “Boca Bedjo” (este, adquirido na oficina de Ferro Velho, segundo algumas informações obtidas junto dos Thugs) e Pistola 6,35mm.

Ainda, fomos informados que na oficina de serralharia do Sr. Mindo (Casa Lata) andam a fabricar “**Boca Bedjo**”.

Praia, 05 de Abril de 2010.

ASSUNTO: Grupo Thugs (Ponta D’Água e Zona 4)

NOME DOS GRUPOS: - “*Spadja Pê*” (está localizada na zona de rotunda), “*Black Noise*” (pertencente a zona Califórnia), “*Celtic*”, “*Wolf Gangs*” (pertence a zona polivalente, na rua que dá acesso a antiga residência do agente Aguielo), “*Blood*”, “*Diferente*” (pertence a zona de chafariz de meio), “*The Fux*” (grupo só de crianças, pertencente a zona Bagda) e “*West*” (pertence a Zona 4).

No terreno, somos informados que estes grupos são compostos por elementos bastante perigosos, agressivos, conflituosos, fazem assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes, fazem disparos frequentes nas ruas, planejam e atacam constantemente o grupo de Castelão, Lém Cachorro e Moinho, seus grandes rivais, etc.

Organizam amotinções frequentes dentro do bairro, gerando um certo clima de insegurança para a população local e em todas as zonas por onde frequentam, tendo em conta que se agrupam em grandes números.

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

Os Grupos aglomeram-se na rua da Capela, na rotunda, no polivalente e atrás do FH, junto do chafariz que fica próximo da escola, junto da rotunda e na “Pedra Bica”. Quanto a hora do atino, reúnem-se sempre à noite depois das 20H00, e estão, na maioria

das vezes, na rotunda, no polivalente, onde reúnem-se antes de partirem para os confrontos.

Elementos dos Grupos:

“Spadja Pé”

1. Zé Rola, **líder do grupo** “Spadja Pé”, possui “Boca Bedjo”;
2. Jair, residente na parte traseira da casa do Sr. Cursino, pai de José Cursino Semedo e de do 1º Subchefe José Domingos Semedo, está sempre na posse de “Boca Bedjo”, durante à noite. Principalmente quando faz deslocações para fora da sua zona;
3. Giboia;
4. Dá Odjo, residente atrás da igreja adventista;
5. Nadir ou R10;
6. Nelo;
7. Solé;
8. Ailton;
9. Chalálá;
10. Dany ou Danielson de António;
11. Dany;
12. Djaco;
13. Djo Candjole;
14. Gerson;
15. Hélder de Chalu;
16. Jó Cabalinha;
17. Ravy ou Ratchetcha;
18. Tiki;
19. Mias;
20. Nuno;
21. Sasá;
22. Rito;
23. Tuk;
24. Palá;
25. David;
26. Ady Bolon;

- 27. Makalelé;
- 28. Vá de Vasco;
- 29. Nelson;
- 30. Nelson;
- 31. Lúcio Boss, Neto Tété de Barros;
- 32. Nhúco;
- 33. Jorge Pipita;

“Black Noise”,

- 34. Kakaca;
- 35. Pitu;
- 36. Ró, sobrinho Correia;
- 37. Ailton;
- 38. Ailton de Zinha;

“Celtic”

- 39. Foite;
- 40. Elves;
- 41. Duco;
- 42. Branco;
- 43. Blaidy;
- 44. As de Copa;
- 45. Angilito;
- 46. Rony, “mcp Bissu”, residente atrás da casa de Jair, está na posse de “Boca Bedjo”;
- 47. Cacazinho, residente na rua de potência, depois de Capela, encontra-se na posse de “Boca Bedjo”;
- 48. Jó, filho Cachotino, residente na ladeira Ponta D'água;
- 49. Cafú;

“Wolf Gang”.

- 50. Coton;
- 51. Sá cabeça, filho de Ana;
- 52. Leno;
- 53. Ambelev;

- 54. Chidoca;
- 55. Dá irmão de Chidoca;
- 56. Vany;
- 57. Yuri;
- 58. Já;
- 59. Alex;
- 60. Dega;
- 61. Márcio;
- 62. Evandro;

“Blood”

- 63. Lucas;
- 64. Entiny;
- 65. Rose, irmão de Né agente da Policia Nacional;
- 66. Cabeça;
- 67. Cedrick;
- 68. Já de Santinha;

“Diferente”

- 69. Patrick;
- 70. Jó;
- 71. Lin;
- 72. Gilson;
- 73. Irmão de Gilson;

“The Fux”

- 74. Tony;
- 75. Sandro de Ria;
- 76. Dindos;
- 77. Toge;

“Aguns Thugs da zona de Riba Ponta”

- 78. Cayote;
- 79. Kemp;
- 80. Telo;

- 81. Pingo;
- 82. Vizy;
- 83. Cláudio;
- 84. Bico; Filho de Zé sapateiro (Plateau);

“West”, Zona 4

- 85. Adi, filho Colega;
- 86. Jack, irmão de Ady;
- 87. Zé Lino;
- 88. Mano;
- 89. Toza, filho de Nené de Dui;
- 90. Patrick.

Praia, 30 de Março de 2010.

ASSUNTO: Grupo Thugs (Zona Fundo Cobom)

NOME DO GRUPO: - *“Fronteira”*

O grupo referenciado é composto por elementos bastante agressivos, desordeiros, fazem assaltos à mão armada, andam a consumir estupefacientes e drogas diversos, fazem disparos de vez enquanto nas ruas, atacam e são atacado pelos grupos de Casa Lata e Tira Chapéu, seus grande rival, etc.

Organizam tumultos frequentes, dentro do bairro, gerando um certo clima de insegurança nas pessoas ali residentes e dos que também por ali passam, frequentemente.

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

O Grupo concentra-se no Fundo Cobom, no cruzamento, na loja de Amigos da Costa de África e na sombra de uma residência que situa próxima da ribeira do Cobom, perto da estrada calçetada, onde efectuam reuniões e preparam confrontos com outros grupos. Quanto a hora do descobro, reúnem-se sempre à noite e também no período da tarde.

Elementos dos Grupos:

- 1. Sandro, **líder do grupo**, possui arma de fogo;
- 2. Matcho (está na posse de “Boca Bedjo”) e seu irmão Adi,
- 3. Ni está na posse de “Boca Bedjo”;
- 4. Dédé, irmão daquele estudante que foi morto no Liceu do Palmarejo.
Este, é também estudante do mesmo Liceu;

5. Wilson, “mcp” “WS”, estudante do Liceu de Palmarejo;
6. Vá Odjo Gato, pertencia ao grupo “Black Style”;
7. Nuno, pertencia ao grupo “Black Style”;
8. Pi;
9. Tó, residente na estrada que dá acesso à Fundo Cobom, na descida Casa Lata, à direita, lado de uma casa cor azul e branca, sem acabamento, está na posse de “Boca Bedjo”;
10. Mãe, possui arma de fogo;
11. Adilson César;
12. Hamilton;
13. Marcelino Miranda, “mcp Pedrito”;
14. Matts Magnunson;
15. Valdo.

OBS:

O grupo supramencionado era composto por vários elementos perigosos, mas segundo informações, a maioria encontra-se enclausurado na cadeia de S. Martinho.

Quanto ao grupo de Casa Lata, concentram-se sempre debaixo de um pé grande de espinheiro, localizado na parte traseira do prédio de 4 (quatro) pisos, situado nas imediações do chafariz de Casa Lata, sempre no período da tarde.

Praia, 12 de Abril de 2010.

ASSUNTO: Grupo Thugs (Zona de Achada Grande Frente)

NOME DOS GRUPOS: - “Vaicity”, “Jamaica”, “Boston”.

Os grupos em referência são compostos por elementos bastante perigosos, agressivos, conflituosos, fazem assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes, fazem disparos frequentes nas ruas, atacam-se mutuamente uns aos outros (grupo de Achada baixo e Achada riba), etc.

Organizam desordens frequentes dentro do bairro, gerando um certo clima de inquietude para a população local.

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

Os Grupos “*Vaicity*” e “*Jamaica*”, aglomeram-se na praça, situada em frente da padaria Montrond e numa entrada, situada a beira do chafariz. Enquanto o grupo “*Boston*” reúne-se na rotunda de Achada Grande Baixo, na placa e na Ponta de Rotcha que se avista com o Porto da Praia. Eles concentram-se no período da tarde e por volta das 21H00 da noite, nos locais acima referenciadas. É de se referir que o grupo de Jamaica se agrupa muitas vezes na casa de Justino, filho de Zita e Olímpio, residente em Achada Riba, junto da casa de Adriano Polícia. Em fins-de-semana andam perpetuam tumultos, de quanto em vez, próximo da empresa de segurança privada Sete Lima, na rotunda, em Achada Baixo e na praça que se situa à frente da padaria Montrond, sempre que se atacam mutuamente.

Elementos dos Grupos:

1. Lizito, filho de Vera e Tá, neto de Idalina, ex-presidiário, residente em Achada Riba, está na posse de “Boca Bedjo”;
2. You;
3. Gueison;
4. Justino, filho de Zita e Olímpio, residente em Achada Riba junto da casa de Adriano Polícia, está na posse de “Boca Bedjo”;
5. Alex Gordo, filho de Miliciano de Manotcha e Mila, possui arma de fogo;
6. Tu;
7. Savá, filho de Maria de Brava, **ex-líder do grupo “Jamaica”**, possui arma de fogo, encontra-se preso, mas segundo informação está prestes a sair;
8. Sá, Filho de Maria da Luz;
9. Ady;
10. Rony, filho de Dulce que encontra-se emigrado em Portugal;
11. Rony;
12. Rito;
13. Ny, este pertence ao grupo de Achada Baixo;
14. Nha Ngoia;
15. Moreno, residente em Achada Baixo;
16. Gilson, irmão de Sasá, filho de Tote e Dú. Este, está também no grupo de Palmarejo;

17. Já Boto;
18. Isa;
19. Michel;
20. Luís, filho de Ana de Tote, está na posse de arma de fogo;
21. Fusquinho;
22. Flávio, “mcp Fábio”, filho de Mica tropa residente em Achada Baixo, **líder do grupo “Boston”**;
23. Fá;
24. Emiliano, residente em Achada Grande Riba. Encontra-se sempre na companhia de China, filho de Antónia;
25. Agostinho;
26. Sasá, “mcp Djarul”, filho de Dú e Tote, residente próximo da barbaaria Beto, está na posse de arma de fogo;
27. Dá;
28. Mike, irmão de Lizito e filho de Vera e Tá, encontra-se na posse de “Boca Bedjo”;
29. Mimano, **líder do grupo “Vaiciti”**, anda a vender droga, armas e está na posse de Macarov;
30. Revuma, filho Madalena, **líder do grupo “Jamaica”**, encontra-se na posse de “Boca Bedjo”. Ainda, fomos avisados que é um indivíduo muito delinquente e bastante perigoso;
31. Djou, **líder do grupo “Boston”** juntamente com Fábio, esta na posse de arma de fogo pesado, segundo informações. Também já disparou sobre varias pessoas, entre os quais Zé Carlos de Lém Ferreira, e anda a jogar futebol na placa, sempre acompanhado de arma de fogo;
32. Ty (este, já tinha desarmado um agente da Polícia na discoteca Zero horas), filho de Sábo, está na posse de arma de fogo, **vici-líder do grupo “Boston”**;
33. João, filho Judite, anda a **liderar o grupo** juntamente com Revuma com ausência de Savá;
34. Djo;
35. Tozé, filho de Mento Nhangoa e Pedro, possui arma de fogo;

36. Manu, filho Zé Banha, encontra-se na posse de “Boca Bedjo”. Recebemos informações, de que este matou um cão recentemente, à facada;
37. Taty, filho de Ita e Manuel;
38. Evandro, filho de Ivone e Pepe, possui “Boca Bedjo”;
39. Valdir, filho de Ivone e Pepe, está na posse de “Boca Bedjo”;
40. Mário filho de Ivone e Pepe;
41. Paulo, filho de Ivone e Pepe, possui “Boca Bedjo”;
42. China, filho de Antónia, possui “Boca Bedjo”;
43. Júlio, filho de Elda e Manelinho;
44. Vando, filho de Augusto Paulo e Filomena;
45. Nito, filho de Tchutchu e Zé Miguel;
46. Tony, filho de Tchutchu e Zé Miguel;
47. Maquiaveli, filho de Tú e Frozela;
48. Nhu, residente em frente Pó de Terra;
49. Miky, residente na Cruz, encontra-se sempre nas imediações da residência do agente da PN, Nelito;
50. Carlos, filho de Gracinha, possui de arma de fogo;
51. Tinha, possui de arma de fogo;
52. João Paulo, filho de Dada e Matujá;
53. Laxa, filho de Nelinho de Djon Pitata e Rita que reside nos EUA, encontra-se na posse de arma de fogo;
54. Ony, filho de Lurdes de Pedro, possui de arma de fogo;
55. Mandjaco, filho de Xinda Peixeira, possui arma de fogo;
56. Cajó de Fogo, está na posse de arma de fogo;
57. Xalana, filho de Mento, possui de arma de fogo;
58. Tozé, filho de Mento, encontra-se na posse de arma de fogo;
59. Jovany, filho de Ernestina, esta na posse de arma de fogo.
60. Pedro, filho de Firme, residente em Achada Baixo, próximo da residência de Zeca Nha Reinalda;
61. Zequito (ex-recluso), filho Mento Nha Feia, pertencente ao grupo Boston;
62. Ju, filho Leleia;
63. Djompa Branco;
64. Superinha, residente em Jamaica.

OBS:

Alguns elementos violentos que pertenciam a estes grupos estão preso, e segundo informações, a zona encontra-se um pouco mais tranquila por causa da ausência destes indivíduos.

Também o grupo de Lém Ferreira apoia muito os grupos de Achada Riba quando atacam o grupo de Achada Baixo.

Praia, 25 de Maio de 2010.

ASSUNTO: Grupo Thugs (Zona da Várzea)

NOME DOS GRUPOS: - “*Thuelven*”, “*Kutelinho*” e “*Madjana*”

Esses grupos são compostos por elementos bastante perigosos, provocadores, desordeiros, fazem assaltos à mão armada, vendem e consomem estupefacientes, e outras drogas adquiridas na própria zona, etc.

Organizam desordens de quando em vez dentro do bairro, sempre que se agrupam em grandes números.

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

Os Grupos reúnem-se na parte traseira do prédio de “Kaká”, na rua larga do cemitério, na proximidade da loja e do Bar “Tate”. Nos fins-de-semana, encontram-se no disco Asa de Águia-“24H00”, localizada em Santaninha. Quanto a hora do encontro, reúnem-se sempre no período da tarde e à noite depois das 20H00, e estão, na maioria das vezes, junto ao Bar de “Tate”, onde consomem bebidas e preparam os assaltos às pessoas. Também eles vêm acantonar, muitas vezes, na rua de São Bento, noite dentro, quando organizam desordem dentro do bairro, principalmente aos fins-de-semana. Estes grupos compactuam-se sempre em fazer ataques nas pessoas que frequentam o Bairro.

Elementos dos Grupos:

“Thuelven”

1. Dá;
2. Tiba;
3. Fú;
4. Edmilson;

5. Poló G;
6. Tino;
7. Satanás, residente em Santaninha;

“Kutelinho”

8. Gilson;
9. Rony;
10. Célio;
11. Yuréx, residente em Santaninha;
12. Fredson reside em Santaninha;
13. Gil, residente em Santaninha;
14. Djony, também reside em Santaninha;
15. Né;

“Madjana”

16. Nho Branco;
17. Pite;
18. Cascam;
19. Micki;
20. Errou;
21. Elton;
22. Fiti;
23. Was POP;

Nomes de outros thugs que não se sabem a que grupos pertencem:

24. Sava de Eva, morador em Quartel Escola;
25. Geovane;
26. Já;
27. Alair;
28. Beny;
29. Rastinha;
30. Paulino de Bitcho;
31. Betinho;
32. Neno, residente em Santaninha;

33. Néné;
34. Nabodja;
35. Maia;
36. Belomi;
37. Guel;
38. Dola;
39. Cajó;
40. Bruno, residente em Santaninha;
41. Bruno, domiciliado na encosta de Quartel Escola;
42. Bruno, Várzea;
43. Canabóia;
44. Dalton;
45. Dany Cabelo Fino;
46. Djaló;
47. Djó;
48. Já;
49. Stefany;
50. Telo;
51. João Filipe, residente em Santaninha.

OBS:

Esses grupos são compostos por elementos que residem nas zonas de Várzea, Santaninha e Quartel Escola.

Praia, 30 de Março de 2010.

ASSUNTO: Grupo Thugs (Achada Grande Trás)

NOME DOS GRUPOS: - “*Bagda*”, “*Loste*”, “*Marrocos*”, “*The Troity*”, “*Big Boston*”, “*The Boston*”.

No terreno, fomos informados que estes grupos são compostos por elementos bastante perigosos, agressivos, conflituosos, perfazem assaltos à mão armada, principalmente aos taxistas, no período nocturno. Ainda, vendem e consomem estupefacientes e outras drogas dentro do Bairro. Andam a fazer disparos de quanto em vez nas ruas, planejam e atacam constantemente uns aos outros (os grupos do Bairro: “**Bagda**”, “**Loste**” e “**The Troity**” atacam o grupo de “**Marrocos**”).

LOCAL E HORA DE CONCENTRAÇÃO:

O Grupo “**Bagda**” concentra-se na zona do Bairro, numa residência abandonada, pertencente ao Sr. Fefé, que fica situada na proximidade da casa do Agente Principal Carlinhos, efectivo do CUE - Protecção de Altas Entidades. Ainda, concentra-se frente Casa do Sr. Djony, local onde quebraram o candeeiro do poste, para aí fazerem seus locais de encontro, a partir das 19H00.

Os grupos “**Loste**” e “**The Troity**” reúnem-se na cave, situada próximo da residência do Comissário Elísio Mendes, no período da tarde e à noite. Também os grupos se reencontram nos fins-de-semana na Discoteca do Sr. Vindo, situada frente da Casa de Pedra.

Quanto ao grupo “**Marrocos**”, este reúne-se dentro do Bairro de Marrocos, no período nocturno, e sempre que é atacado por outros grupos da zona do Bairro, gera amotinações que assustam as pessoas, ali residentes.

Elementos dos Grupos:

“Bagdad”,

1. Boca Careca, filho de Ana, **líder do grupo**, possui arma de fogo;
2. Choque, filho de Vinda, está na posse de arma de fogo;
3. Jacó, filho de Tuta, está na posse de arma de fogo, segundo informações anda a fabricar “Boca Bedjo”;
4. Bodom, filho Nha Nália, tem por hábito assaltar taxistas no bairro e está na posse de arma de fogo;
5. Joel, filho de Sisa e Fernandinho, está na posse de “Boca Bedjo”;
6. Paulo, também filho Nha Maria, possui arma de fogo;
7. Zubote, filho Nha Mimosa;
8. Já, filho de Tuja que vende bolo;

9. Jorge, filho de Fátima, está sempre acompanhado dos cabecilhas do grupo;
 10. Mancas (ex-recluso), filho de Luízinha, encontra-se na posse de Macarov;
 11. Luís, irmão de Branco Polícia, filho de Ana de Nuna de Fogo;
 12. Tchitcharinho, filho Carlinhos Polícia, efectivo do CUE- Protecção de Altas Entidades;
 13. Rama, filho de Teresa, faz assaltos frequentes aos taxistas, possui arma de fogo;
 14. Elsi, filho de Teresa, também anda fazendo assaltos aos taxistas e possui “Boca Dedjo”;
 15. David, neto de Sílvia que trabalha no Sindicato, possui arma de fogo;
 16. Zinho está na posse de arma de fogo;
 17. Zeny possui arma de fogo;
 18. Ismael, neto de Tuja, possui arma de fogo “Boca Bedjo”;
 19. Mózer, também filho de Teresa, possui arma de fogo;
- “Lost”,**
20. Vândir, filho de Djena de Nha Maria de fogo, **líder do grupo**, está na posse de “Boca Bedjo”;
 21. Jote, filho de Zé, encontra-se na posse de arma de fogo;
 22. Rafael, filho de Mimosa, possui de arma de fogo;
 23. Pedrinho, filho de Pedro Djuim;
 24. Anhá, filho de Luízinha, encontra-se na posse de arma de fogo, e é um indivíduo altamente perigoso;
 25. Nho Paulo, neto de Nha Nália e irmão de Bodom, possui arma de fogo;
 26. Maldine, filho de Dulce, está na posse de arma de fogo;
 27. Quinito, filho de Mena, possui arma de fogo;
 28. Ná, filho de Sisa;
 29. Yu, filho de Nelsa;
 30. Duca, filho de Bino que possui Hiace;
 31. Agui, também filho de Mena, encontra-se na posse de arma de fogo;
 32. Rajal, filho de Tuja;
 33. Ady, filho de Laurinha;

- 34. Anidja, também filho de Tuja;
- 35. Cara Porta possui arma de fogo e engendra “Boca Bedjo”;
- 36. Adilson, filho de Nelo que trabalha na Adega, anda a vender padjinha e outras drogas no bairro, está na posse de arma de fogo;
- 37. Nequi, filho de Tuja;
- 38. Totinho;

“Marrocos”,

- 39. Lando;
- 40. Quitudo encontra-se na posse de “Boca Bedjo”;
- 41. Edy, filho de Mila;
- 42. Casca;
- 43. Estefany possui “Boca Bedjo”;
- 44. Sandro;
- 45. Nito está na posse de “Boca Bedjo”;
- 46. Heleno, filho Vitalina;
- 47. Bilas, filho de Ribeiro, residente próximo do Jardim;
- 48. Ritcha;
- 49. Avany, irmão de Ritcha;
- 50. Lupa, residente juntamente com Ritcha;
- 51. Madjer, residente próximo de Tino;
- 52. Filegue, filho de Nanda;

“The Troity”.

- 53. Vanelson, filho de Ana;
- 54. Nilson, filho de Bino;
- 55. Duco, filho de Tchuca;
- 56. Ady, filho de Neves;
- 57. Djon, filho de Lisete;

“Big Boston”,

- 58. Janito, filho de Maria;
- 59. Jó, filho de Fatinha;

60. Jusilha, filho Timinta;

61. Dany, filho de Doca,

“The Boston”

62. Paulito, filho de Maria;

63. Uí, neto de Luísa;

64. Wilson, filho de Tchuca.

OBS:

Os grupos *“The Troity”*, *“Big Boston”* e *“The Boston”* são grupos musicais e não grupos de “Thugs”, mas mesmo assim andam a fazer distúrbios na zona, acompanhados dos elementos dos outros grupos. Quanto aos dois últimos grupos são um pouco mais pacífico, não assaltam as pessoas e os taxistas, apenas compactuam com distúrbios nocturnas no Bairro.

Praia, 22 de Junho de 2010.